

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – U F C
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

MÁRIO JUNGLAS MUNIZ

**UMA ANÁLISE DE VERBOS FRASAIS EM *ON* E *OFF*,
À LUZ DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA**

**FORTALEZA
2006**

MÁRIO JUNGLAS MUNIZ

**UMA ANÁLISE DE VERBOS FRASAIS EM *ON* E *OFF*,
À LUZ DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Lingüística, orientada pela Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi
Silva de Macedo.**

**FORTALEZA
2006**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas da ética científica.

Mário Junglas-Muniz

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo
Orientadora

Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues-Leite
Primeiro Examinador

Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima
Segunda Examinadora

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Suplente

Dissertação apresentada em 10 / 11 / 2006.

À toda minha “grande família” que sempre me deu
apoio em minhas incursões acadêmicas:
seu Zé Inês e dona Maria, meus amados pais;
Socorro, Edmar, Riomar (*in memoriam*), Rosa, Izabel,
Avelar, Matilde, Liduina, Missias e Pedro, meus irmãos;
Yuri, Sofia e Lorena, meus adorados filhos.

“À medida que os homens se modificam em natureza, também se modificam os seus pensamentos”.

Empédocles

“Todas as coisas mudam, tomando aspectos ou formas diferentes, em razão das circunstâncias que as rodeiam. Uma rosa, sendo igual em beleza às demais rosas, ao ser-nos oferecida como presente, transforma-se, tornando-se mais bela. Adquiriu outro valor; de suas pétalas se desprende outro perfume ”.

Carlos Bernardo González Pecotche

AGRADECIMENTOS

A Deus, o guia que ilumina meu caminho e me dá o norte para suportar tempos difíceis.

Aos meus professores do 1º e 2º graus, em especial à professora Maria Alice Nascimento, minha primeira educadora, e à professora Giselda Medeiros, pela demonstração de carinho e amizade que a mim sempre dedicou.

A meus professores do Curso de Graduação em Letras da UFC que me deram a base necessária para chegar até aqui, em especial aos professores Elvira Glória Drummond Miranda, Emília Maria Peixoto de Farias, Horácio Dídimo Pereira Barbosa Vieira, Maria Ednilza Oliveira Moreira e Paulo Mosânio Teixeira Duarte.

A todos meus professores no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, a Rosemeire Selma Monteiro, Maria Elias Soares, Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues, Márcia Teixeira Nogueira, Leonel F. de Alencar e Ingedore Villaça Koch, principalmente à Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Paula Lenz Costa Lima (UECE), Marlene Gonçalves Mattes e Emília Maria Peixoto de Farias, que muito contribuíram para meu aprendizado durante minha estada neste programa.

Aos meus colegas do curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú em Sobral, especialmente, a Geane Albuquerque, Márton Tamás Gemes, Vicente Martins, Cleidimar Rodrigues, Janaica Gomes Matos, Maria Soares, Domenico Sávio e Elisalene Alves, que com sua gentileza e atenção, deram-me incentivo e coragem para enfrentar o desafio de um curso de pós-graduação.

À Janaica Gomes Matos, que além de me ser uma pessoa muito especial, tem me ajudado de muitas formas a concretizar este trabalho.

À minha professora orientadora Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, pela sua dedicação e paciência para comigo e por me acompanhar no decorrer deste curso e na realização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação possui como escopo a análise de esquemas imagéticos em verbos frasais formados pelas partículas ON / OFF. Adotamos a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva que atribui a atividade conceitual a esquemas de imagens construídos antes da produção lingüística. Valemos-nos da teoria de *Embodied Mind* (Enatismo) para analisarmos as ocorrências e propormos um quadro de esquemas presentes na amostra retirada de livros utilizados no ensino de Inglês. Para tal fim, consideramos, inicialmente, verbos frasais a partir de sua característica principal neste estudo, (i.e. sua polissemia), introduzindo a visão tradicional, e depois, apresentando a visão promovida pela Linguística Cognitiva, com base em Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1986, 1987), Johnson (1987) Langacker (1987, 1991, 1999), Croft & Cruse (2000) e Fauconnier & Turner (2002). A seguir, expomos a proposta de esquemas de imagens apresentados em Johnson (1987) e Croft & Cruse (2000) e elencamos os exemplos de nossa amostra retirados do *corpus* analisado. Os dados totais constam de 368 ocorrências de verbos frasais todos formados por dois elementos compostos pelas partículas ON / OFF, a partir dos quais selecionamos 62 exemplos que constituíram a amostra para o estudo. A partir da análise, verificamos características comuns aos esquemas imagéticos que subjazem aos verbos analisados, que podem ser atribuídas às experiências cognitivas transmutadas para a língua em seus contextos peculiares.

ABSTRACT

This work aims at analyzing image schemas in phrasal verbs formed by the particles ON/OFF. We adopt the theoretical perspective of Cognitive Linguistics that attributes conceptual activity to image schemas constructed before the actual linguistic production. We used the theory of Embodied Mind (Enatism) as a basis for the analysis of the occurrences and proposal of a set of image schemas observed in the sample taken from textbooks used in the teaching of English. In order to accomplish the analysis, initially, we consider the phrasal verbs, from their main characteristic in this study, (i.e. their polysemous nature), introducing the view, promoted by traditional linguistics and then, the view put forward by Cognitive Linguistics based on authors such as, Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1986, 1987), Johnson (1987) Langacker (1987, 1991, 1999), Croft & Cruse (2000) and Fauconnier & Turner (2002). Next, we expose the proposal of image schemas presented in Johnson (1987) and Croft & Cruse (2000) and examples taken from the corpus analyzed. The total data composed of phrasal verbs formed by ON/OFF is made of 368 occurrences, of which we have taken 62 examples for analysis. The results point to common characteristics in the image schemas which underlie the verbs analysed. This may be due to the cognitive experiences transferred to the language in its peculiar contexts.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 01: Esquemas em (1a): PERCURSO e DIREÇÃO SUPERIOR	22
Figura 02: Esquemas em (1b): PERCURSO PARA CIMA	22
Figura 03: Esquemas de (3a): imagens de deslocamento e direcionamento (sobre) em <i>put on</i>	26
Figura 04: Esquemas de (4a): imagens de deslocamento e posicionamento em recipiente (dentro) em <i>put on</i>	26
Figura 05: Esquemas gerados em <i>cut</i> e <i>cut off</i> nas sentenças (11a), (11b) e (11c).....	97
Figura 06: Esquema de imagem de PERCURSO (DESTINO-ORIGEM) gerado em <i>come</i>	103
Figura 07: Esquema de imagem de RECIPIENTE (expulsão ou inclusão) e PERCURSO gerado em <i>get</i>	106
Figura 08: Esquema de imagem de PERCURSO (ORIGEM-DESTINO) e LIGAÇÃO gerados em <i>go</i>	110
Figura 09: Esquema de imagem de CONTENÇÃO (DENTRO) gerado em <i>hold</i>	114
Figura 10: Esquemas de imagens de RECIPIENTE e CONTRA-FORÇA gerados em <i>hold off</i> (19a).....	116
Figura 11: Esquemas de imagens de RECIPIENTE e CONTRA-FORÇA gerados em <i>hold off</i> (20a).....	116
Figura 12: Esquema de imagem de CONTATO gerado em <i>keep</i>	119
Figura 13: Esquema de imagem de RECIPIENTE, de ESPAÇO e PERCURSO gerados em <i>put</i>	121
Figura 14: Esquema de imagem de LIGAÇÃO e PERCURSO gerado em <i>switch</i>	124
Figura 15: Esquema de imagem de LIGAÇÃO-SEPARAÇÃO gerado em <i>turn</i>	126

Gráfico I: Pares de domínios que se constroem entre <i>péssimo</i> e <i>ótimo</i> num <i>continuum</i>	50
Gráfico II: Rastreamento da cena da margem do rio, da direita para esquerda.....	51
Gráfico III: Rastreamento da cena da margem do rio, da esquerda para direita.....	52
Gráfico IV: Contexto temporal e situacional em expressões que retomam tempo no discurso.....	52
Gráfico V: A rede de similaridade de sentidos atribuída ao conceito <i>gato</i>	58
Gráfico VI: Representação dos intervalos polissêmicos nas retas de metaforicidade (M) e literalidade (L) gerados em <i>cut</i> e <i>cut off</i> que ilustram os exemplos 11(a), 11(b) e 11(c).....	98
Gráfico VII: Representação do intervalo polissêmico nas retas de metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em <i>cut off</i> que ilustra o exemplo 11(b).....	99
Gráfico VIII: Representação do intervalo polissêmico nas retas metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em <i>cut off</i> que ilustra o exemplo 11(b).....	100
Gráfico IX: Representação do intervalo polissêmico nas retas de metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em <i>cut off</i> que ilustra o exemplo 11(c).....	101
Tabela I: Principais tipos de verbos de múltiplas palavras.....	28
Tabela II: Esquemas imagéticos agrupados em Croft & Cruse (2000).....	72
Tabela III: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Amos & Prescher (1997).....	84
Tabela IV: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Newbrook & Newbrook (1999).....	87
Tabela V: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Richards (1998).....	89
Tabela VI: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Hart (1999).....	93
Tabela VII: Esquemas imagéticos encontrados em verbos frasais formados pelas partículas <i>on</i> e <i>off</i>	132
Tabela VIII: Total de verbos estudados com suas ocorrências nas obras pesquisadas.....	150

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Figuras, Gráficos e Tabelas	ix
Sumário	xi
Introdução.....	12
1. Verbos Frasais.....	18
1.1 Seu reconhecimento e suas peculiaridades.....	20
1.2 O teste de Cowie & Mackin	23
1.3 Como são tratados os verbos frasais?	29
1.3.1 A visão tradicional	29
1.3.2 A visão da Linguística Cognitiva	30
2. Polissemia – o percurso do sentido	36
2.1 A abordagem de polissemia no formalismo	40
2.2 A construção vista de fora (a visão tradicional).....	45
2.3 A construção vista de dentro (a visão cognitiva).....	47
2.4 Significado Lexical Polissêmico na Linguística Cognitiva.....	49
2.5 A Contribuição da Gramática Cognitiva.....	55
3. O Pensamento Incorporado – A visão Experiencialista da Cognição.....	60
3.1 O Aparelho Conceitual Humano.....	62
3.2 O mundo conceitual e <i>Embodied Mind</i> (Enatismo).....	68
3.3 O que são Esquemas de Imagens.....	69
3.4 Esquemas Imagéticos presentes em Metáforas e Metonímias Conceituais.....	76
4. Análise dos Dados	80
4.1 Procedimentos Metodológicos	80
4.1.1 Definição do Método e <i>Corpus</i>	82
4.1.2 Montagem do <i>Corpus</i>	83
4.1.3 Obras Seleccionadas	84
4.2 Procedimentos de Análise	93
4.3 Esquemas Imagéticos Criados por Verbos Frasais Formados em ON / OFF.....	94
4.4 Apresentação dos Verbos Frasais em pares.....	102
4.5 Análise dos Verbos Frasais e seus pares.....	102
4.6 Considerações sobre os esquemas de imagem nos verbos apresentados.....	130
Conclusão	135
Referências Bibliográficas	139
Anexos.....	146

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui proposto tem como objetivo investigar o fenômeno da polissemia que interfere na construção e resgate do sentido de elementos verbais nos chamados verbos frasais em inglês, formados por ON/OFF. A presença desses verbos no ensino do idioma tem se constituído uma fonte de dificuldade e até mesmo impedido a compreensão e o resgate do sentido por parte de aprendizes do inglês como língua estrangeira. Na realização deste estudo, pretendemos ligar os sentidos destes elementos verbais aos esquemas imagéticos que licenciam seus vários sentidos.

A construção semântica de um verbo frasal, em nossa visão, reflete uma ligação entre os aspectos da composicionalidade cujos elementos se acoplam para originar um novo conceito. O verbo frasal também pode enfatizar um elemento em detrimento de outro, e mesmo quando a relação entre os elementos formadores do verbo parece ter se perdido ao longo do tempo pelo uso corriqueiro da expressão frasal, o sentido original manter-se-á nos esquemas mentais que estão na base dos sentidos polissêmicos da formação frasal. A polissemia nos verbos frasais é, portanto, um importante enfoque que abordamos nesse trabalho.

Temos objetivos outros de formatar um quadro que exponha os esquemas de imagens agrupados em pares de verbos formados por ON/OFF observando seu antagonismo, delineando suas propriedades esquemáticas encontradas nas expressões levantadas no corpus.

As estruturas verbais em ON/OFF aparecem com frequência na língua inglesa e tem, em sua composição semântica, a característica de se transformar polissemicamente. Apesar de suas ocorrências frequentes, os verbos frasais são negligenciados pelas abordagens lingüísticas tradicionais (Ullmann, 1964; Guiraud, 1975; Palmer, 1976; Lyons, 1977; Lapa, 1987), deixando-se de lado o que concerne aos seus sentidos metafóricos. O que de praxe ocorre é um estudo voltado para a forma, ou seja, para a classe gramatical (morfologia) e, quando muito, para seu uso na estrutura frasal (sintaxe). Muito pouco se tem dito sobre o processo cognitivo imbuído antes da produção propriamente dita, ou seja, sobre as etapas

mentais que se fazem presentes na atualização de *inputs* no acesso polissêmico do sentido de um elemento como um verbo.

Nossa principal motivação advém de necessidades de se estudar em profundidade esse fenômeno, com o suporte de teorias lingüístico-cognitivas da Metáfora Conceitual e esquemas imagéticos de autores tais como Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1986, 1987), Johnson (1987) Langacker (1987) e (Croft e Cruse, 2000) imersos na Teoria da mente corpórea (*Embodied Mind*).

A primeira dificuldade com verbos frasais diz respeito à identificação do que pode ou não ser considerado um verbo frasal. Neste sentido tratamos de questões ligadas a este reconhecimento em três autores: Cowie & Mackin (1998), Hart (1999) e Quirk et al. (1999).

Cowie & Mackin (1998), embora em uma visão muito tradicional, apresenta um teste para reconhecimento de verbos frasais. Após exemplos, esclarecimentos e nosso posicionamento sobre este teste, trazemos as contribuições de Hart (1999), que mostra a necessidade e as dificuldades na aprendizagem dos verbos frasais. Ele expõe a importância de conhecer as ocorrências desses verbos, embora de modo estrutural, através de listas extensivas de verbos formalmente elencadas. Nossa crítica a seu trabalho se assenta na dificuldade que os aprendizes teriam de “decorar”, sem uma reflexão mais apurada, milhares de ocorrências que não são apresentadas de forma lógica, e sim, bastante arbitrária, no que tange ao acesso desses verbos aos seus significados.

Quirk et al. (1999) trata dos verbos frasais, em seu estudo, como parte integrante dos *Multi-word verbs* que são uma categoria de verbos formados por combinações de palavras compostas por três tipos: verbos frasais, verbos preposicionados e verbos frasais preposicionados. A principal lacuna deixada pelos três trabalhos acima citados, a nosso ver, é a forma como os três abordam seu estudo: dirigindo seu foco ao produto, e dando mais ênfase a forma do que ao significado, visto que o principal problema desses verbos é exatamente o resgate do sentido na frase.

Kövecses (2002) afirma que a Lingüística Cognitiva pode ser uma importante solução para problemas como a compreensão de palavras polissêmicas no processo de ensino/aprendizagem. De acordo com o autor, a polissemia envolve palavras com vários

sentidos relacionados, e isto acontece por meio de metáforas e metonímias atuantes no sistema conceitual humano. Apoiando-nos na abordagem cognitiva da linguagem, citamos autores como Langacker (1987, 1991, 1999), que apresenta os elementos gramaticais em sua representação semântico-estrutural, identificando elementos como o substantivo, o verbo e a preposição, por exemplo, através de suas molduras cognitivas conceituais, deixando de lado elementos puramente estruturais.

Um outro autor que apresenta um estudo sobre verbos frasais pautado na abordagem cognitiva é Dirven (2001). Ele defende que a partícula nos verbos frasais é uma subcategoria. A combinação entre os dois elementos (verbo + partícula) formando um todo, o verbo frasal, é que dá o significado, que é muito mais que a simples junção das suas partes.

Também, nessa mesma abordagem, Hodgson (2004) apresenta um estudo específico sobre os verbos frasais com a partícula UP. Para a autora, estes são licenciados por metáforas, e seu trabalho apresenta importantes informações sobre a temática. A metáfora, assim como o esquema de imagem que o verbo prenuncia nas expressões lingüísticas, faz parte de estudos sobre a cognição incorporada do conhecimento que está na base de sustentação de nosso estudo.

Croft & Cruise (2000) acordam que o significado é gerado em um núcleo radial e polissêmico; quanto mais metafórico for o sentido a ser construído, maior a distância do núcleo da radialidade, e este distanciamento do centro conjuntura fronteiras que se ligam através de metáforas e esquemas imagéticos a outros sentidos afins.

A visão experiencialista do mundo, citada neste trabalho, advém de teorias que defendem uma filosofia incorporada da mente e mostram como o pensamento é metafórico, e não lógico. A realidade é uma construção metafórica, e não um atributo da realidade objetiva. Assim, também os esquemas de imagens que construímos nos casos polissêmicos dos verbos frasais e demais expressões lingüísticas, que subjazem a características do pensamento e da linguagem humana (Johnson, 1987). Os esquemas imagéticos, estudados neste trabalho, são entendidos como estruturas mentais abstratas e genéricas advindas de experiências sensorio-motoras, uma forma funcional que usamos para compreender / abarcar / configurar a realidade, facultadas pelas características da espécie humana. Essas

imagens esquemáticas são de natureza sinestésica, não possuem elementos propriamente concretos e nem são representados por uma imagem mental única. Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de percurso, continente/conteúdo, parte/todo, ligação, centro/periferia, em cima/embaixo, frente/trás, entre outros.

No que se refere a questões metodológicas deste trabalho optamos por investigar os verbos frasais formados pelas partículas ON e OFF, por se tratarem de pares que são costumeiramente usados com sentidos opostos. É importante enfatizar também que escolhemos, para nosso corpus, verbos formados necessariamente de dois elementos, excluindo-se verbos ditos frasais com mais de duas palavras. Destacamos, aqui, que nosso trabalho apresenta um caráter principalmente teórico, embora não tenha dispensado a observação de dados empíricos.

Para essa análise qualitativa, selecionamos quatro coleções de livros didáticos utilizados largamente em cursos e escolas, no ensino do Inglês. Os exemplares são formados por diferentes gêneros textuais como diálogos, anúncios, cartas, cartões-postais, bilhetes, artigos de revista e jornal e outros textos que compunham os livros em questão. Os dados de nossa pesquisa foram obtidos dos livros didáticos dos seguintes autores: Hart (1999), Newbrook (1999), obra com quatro volumes, Richards (1998), obra com quatro volumes e Amos (1997), também com quatro volumes. Assim, compusemos uma amostra que consta de 368 ocorrências de verbos frasais em que selecionamos 62 casos, sendo 8 pares de verbos formados por ON e OFF, para uma análise depurada de seus esquemas imagéticos.

Salientamos o pressuposto de que os verbos frasais são elementos lingüísticos que podem aparecer nos mais variados discursos, nos mais diferentes gêneros comunicativos, como os estudados em questão. É por isso que buscamos essas ocorrências nos livros didáticos, pois estes tentam apresentar uma grande diversidade de gêneros.

Em sua estrutura, o trabalho ora apresentado consta de quatro capítulos. No primeiro, introduzimos os conceitos sobre verbos frasais e suas peculiaridades. Iniciamos por estudá-los em sua composição e suas dificuldades para os aprendizes por serem elementos puramente polissêmicos e metafóricos. Ainda estudamos autores estruturalistas (formais) como Cowie & Mackin (1998) e seu teste de reconhecimento de um verbo frasal, Hart

(1999) e Quirk et al. (1999). Num prisma cognitivo, adotamos as idéias de Kövecses (2002), Dirven (2001), Hodgson (2004) e Croft & Cruise (2000).

No segundo capítulo, revisamos conceitos acerca do tema da polissemia, para entender o processo polissêmico em que se encerram esquemas imagéticos que geram verbos frasais. Para tanto, relacionamos as idéias tradicionais (estruturalismo e formalismo) em contraponto com a visão dos estudos cognitivistas. Oferecemos recortes desse assunto em autores como Aristóteles (1991), Saussure ([1916] 1995), Bréal (1992), Ullmann (1964), Guiraud (1975), Palmer (1976), Lyons (1977) contrapondo às idéias de outros autores de base enacionista, como Lakoff & Johnson (1980 e 1999), Lakoff (1986 e 1987), Johnson (1981 e 1987) Croft & Cruse (2000), Langacker (1987, 1991 e 1999), (Fauconnier & Turner, 2002), e (Cuenca & Hilfert, 1999).

O capítulo três debate a visão experiencialista da cognição respaldada e fundamentada em bases neurológicas, psicológicas, filosóficas e lingüísticas como a teoria do conexionismo, o enatismo (atuacionismo), a mesclagem conceitual, a tese da mente incorporada - a metáfora conceitual e os esquemas imagéticos. Desta feita, procuramos respaldo nos seguintes autores: Varela (1998), Varela, Thompson & Rosch (2002), Fauconnier & Turner (2002), Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987) e Johnson (1987, 2005).

Procuramos, ainda neste capítulo, enveredar pelo corpo-cérebro do ser humano, objeto onde ocorrem todas estas incursões lingüísticas e mentais, bombardeado por bilhões de *neuroligamentos* que tornam possíveis essa forma de viver e construir linguagem. Nesta rápida passada, podemos encontrar conceitos cognitivos estudados pela neurolingüística, psicolingüística, psicologia cognitiva e lingüística cognitiva como cérebro, memória, neurônios, sinapses, etc. Nessa observação, tratamos sobre conceitos físicos e psicológicos de suma importância para entendermos, em uma visão cognitiva, como funciona nosso cérebro e nossas ações lingüísticas que advêm dele. Ainda nessa seção, discutimos temas como metáforas e metonímias conceituais, e abrimos um leque de estudo sobre os esquemas de imagens (*image schemas* em Johnson (1987), Lakoff (1987 e 1990) e Croft & Cruse (2000)). Mostramos os esquemas elencados pelos autores citados conforme nossos estudos em análise.

Na quarta e última parte, analisamos os 62 casos de uso dos verbos frasais formados em ON e OFF, conforme já citamos, propondo os esquemas imagéticos com base em Johnson (1987) e Croft & Cruse (2000). A análise é feita com gráficos e explicações que tencionam tornar menos árdua a compreensão de dados teóricos com base nos autores citados. Primeiro, tratamos de um percurso polissêmico entre esquemas de *cut off* exibindo um gráfico em reta que elabora, em intervalos, graus de literalidade e metaforicidade desse verbo. Em seguida, temos a análise propriamente dita; selecionamos do nosso corpus as ocorrências e as elencamos em seqüência, de modo a facilitar a apreciação. Por fim, extraímos das observações um quadro composto de verbos frasais e seus esquemas ocorrentes nos exemplos abordados, atingindo, assim, nosso objetivo nesta pesquisa.

Esperamos, desta forma, contribuir com uma análise que, por se fundamentar nos conceitos e pressupostos da Linguística Cognitiva, poderá se constituir numa ferramenta de auxílio à elucidação sobre os verbos frasais, especialmente no ensino de inglês como língua estrangeira.

1. Verbos Frasais

I notice then that conceptual metaphor is a natural process. There are hundreds or thousands of generalized mappings in everyday English, and ordinary, everyday semantics is thoroughly metaphorical. This meant that cannot be truth conditional, it could not have to do with the relationship between the words and the world, or symbols and the world. It had to do with understanding the world and experiences by human beings and with a kind of metaphorical projection from primary spatial and physical experience to more abstract experience.

(Lakoff, 1995)

Investigar o fenômeno da polissemia, como já dissemos, é um de nossos objetivos, pois tal propriedade está presente nos verbos estudados, e interfere diretamente na construção e no resgate do sentido de tais elementos verbais. A presença desses verbos dificulta a absorção de vocabulário tornando, para o aprendiz da língua inglesa muito mais difícil a aprendizagem. Porém, sabemos da importância dos verbos frasais na atividade natural da língua, e por isso, neste estudo, pretendemos ligar os sentidos destes elementos verbais aos esquemas imagéticos que licenciam seus vários sentidos.

Os verbos frasais, em geral, como também esses formados em ON/OFF, aparecem com frequência na língua inglesa e têm como característica semântica uma transformação no seu sentido base. Apesar de ter um uso frequente, os verbos frasais deixam de ser enfocados por esta ótica nas abordagens lingüísticas tradicionais (Ullmann, 1964; Guiraud, 1975; Palmer, 1976; Lyons, 1977; Lapa, 1987), abandonando-se o que concerne aos seus sentidos metafóricos. O que é sempre levado em conta nestes estudos é sua forma, sua classe gramatical, seus elementos formadores, e quando muito, seu uso na frase. Sendo assim, seu sentido é considerado como algo que temos que decorar, lembrar sem muitas ligações morfossemânticas com o sentido geral do verbo formador. Então, como entender um verbo como este, que mesmo observando seu contexto, não apresenta pistas, como os verbos convencionais, para a compreensão de seu significado, e até pode confundir o

aprendiz que poderá reconstruir seu sentido como se fosse um verbo convencional, através de sua base?

Em um estudo semântico tradicional, o significado de um verbo frasal não parece refletir uma ligação entre os aspectos formais do vocábulo, pois seus elementos quando se juntam “originam” um novo conceito. O verbo frasal é, entretanto, um elemento que possui uma característica polissêmica, e tal polissemia presente nestas estruturas revela, muitas vezes, sentidos metafóricos. Há na verdade, uma ligação conceitual entre seus elementos, porém, seu nível de compreensão não parece ser “transparente” e lógico.

É aí que a visão promovida pela Lingüística Cognitiva pode auxiliar grandemente a Lingüística, mostrando que a relação entre os elementos formadores do verbo frasal, que parecem ter se perdido ao longo do tempo pelo uso corriqueiro da expressão frasal, retomam seu sentido original mantendo esquemas imagéticos que estão na base dos sentidos polissêmicos. Assim, esperamos organizar a base de sentido dos verbos em estudo mostrando que há efetivamente ligações imagéticas que se construíram, embora muitas vezes estejam implícitas no emaranhado de sentidos recorrentes de expressões polissêmicas. Nossa compreensão, como também da Lingüística Cognitiva, é que só assim poderemos relacionar o mapeamento semântico de verbos frasais a verbos comuns diferenciando suas peculiaridades individuais.

Esse trabalho poderá trazer uma contribuição ao ensino na medida em que nós, professores de língua inglesa, consigamos compreender a realidade expressa por esse estudo aplicando-o ao dia-a-dia da sala de aula. Mesmo não sendo uma abordagem pedagógica, e estando longe de ser isso seu objetivo, apresentamos uma lógica inerente ao significado lingüístico de tais verbos sem recorrer a lingüística histórica ou filológica com suas abordagens diacrônicas e explicações helicoidais (circulares). A partir do verbo formador o professor poderá levar a seus alunos possíveis realizações de sentidos pertinentes relacionados a seus esquemas, e assim, perfazer a trajetória semântica em que tal verbo se reconstrói.

Temos a intenção de “ingressar” em um estudo que aborde o processo cognitivo imbuído antes da produção propriamente dita, ou seja, um estudo sobre as etapas mentais que se fazem presentes na atualização de *inputs* no acesso polissêmico do sentido de um

elemento como um verbo frasal, apresentando os esquemas de imagens acessado no momento da compreensão de tais estruturas. Com este propósito em mente, relacionamos graficamente a proporção de seus sentidos num intervalo mostrando seu grau de linearidade e metaforicidade, uma das facetas da polissemia.

1.1 Reconhecimento e peculiaridades de verbos frasais

Os verbos frasais (*Phrasal Verbs*, como são conhecidos em inglês) de modo geral, podem ser chamados de *multiword verbs* e também de *prepositional verbs*. Também podem ser conhecidos por *two-word verbs* (quando possuem dois elementos) ou até *three-word verbs* (quando possuem três elementos). Tais verbos formam uma classe de palavras de extrema importância no texto e conseqüentemente, no contexto comunicativo. A importância semântica desses verbos é tão grande que seu não entendimento pode prejudicar a compreensão de todo o contexto enunciativo, ou seja, desencadear uma obstrução no acesso ao significado global do discurso.

As principais dificuldades advêm da impossibilidade de interpretação do enunciado, visto que o verbo frasal é uma junção de dois elementos (normalmente um verbo e uma preposição, ou um verbo e um advérbio) em que ocorrem modificações semânticas (polissêmicas e metafóricas), que de início parecem ser totalmente aleatórias a seus sentidos convencionados anteriormente. Tais palavras são reconstruídas levando em consideração a sua *nova* estrutura lingüística compacta, no contexto verbal e situacional, a fim de se preservar nas *novas* idéias nela contidas.

Os verbos frasais são usados normalmente para descrever uma ação literal, intensificar ou enfatizar uma ação, ou ainda, com um sentido idiomático ou metafórico (polissêmico). Os verbos frasais, às vezes, têm um significado mais literal¹, mais próximo do sentido original, concreto, isto é, semelhante ao significado normal das duas palavras

¹Usaremos aqui o termo literal em oposição á metafórico baseado em Lakoff (1986). Ele concebe quatro tipos de literalidade, porém adotaremos o tipo 3 que contrasta com metaforicidade, quer dizer, não metafórico.

que os formam. Note que o verbo **go up**, no exemplo abaixo, apresenta um sentido literal de *ir para cima, subir para algum lugar*, expressando direção “*para cima*”, visto que seus elementos formadores (*go* = ir / *up* = para cima) significam idéias similares.

(1a) *She arrived home very tired and she **went up** to her bedroom to sleep.* (cod.#1)

(Ela chegou em casa muito cansada e foi para cima [subiu] para o seu quarto dormir.)

Outras vezes esses verbos têm na sua partícula uma parte intensificadora do verbo que o forma, apresentando uma ênfase na direção e/ou localização da ação. Vejamos um exemplo em que o verbo **climb up** indica *subir* sendo expressa uma ênfase na direção “*para cima*”.

(1b) *When I visited California, I **climbed up** Russian Hill on Powell-Mason cable car.* (cod.#2)

(Quando eu visitei a Califórnia, subi a montanha Russa no bonde de *Powell-Mason*.)

Notemos que há uma diferença sutil entre os esquemas criados em (1a) e (1b) quanto sua realização semântica. Em (1a), ocorre um esquema de PERCURSO (deslocamento) de um ponto A ao B gerado pelo verbo **go**, seguido de um outro esquema de direção (para cima) gerado pela partícula **up**. Enquanto em (1b), o próprio verbo **climb** já traz estes esquemas de deslocamento e direção ficando a partícula **up** apenas como intensificadora dessas imagens. Note nos gráficos apresentado nos quadros I e II a seguir os esquemas imagéticos que representam os verbos indicados nas frases (1a) e (1b):

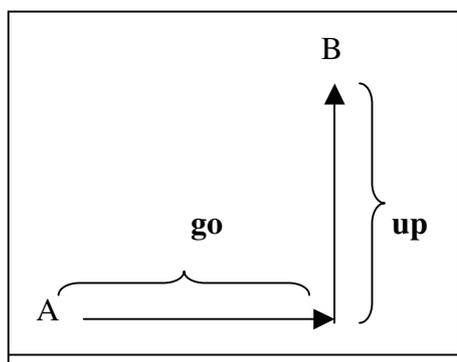


Figura 1: Esquemas em (1a): PERCURSO
e DIREÇÃO SUPERIOR

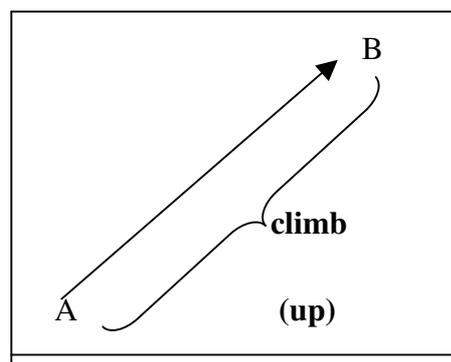


Figura 2: Esquemas em (1b): PERCURSO
PARA CIMA

Muitos dos verbos frasais, na maioria das vezes, têm significados completamente diferentes das duas palavras que os formam. Nestes casos ocorrem sentidos polissêmicos e metafóricos. Observemos um exemplo com o verbo *look after* significando *cuidar*.

(1c) *My babysitter has looked after my baby since I came back home from the hospital.*
(Minha babá cuidou de meu bebê desde quando eu voltei para casa do hospital.)

Percebemos que cada palavra tem sentido restrito (*look* = olhar / *after* = depois), porém sua junção, ou seja, a estrutura que forma o verbo frasal (*look after*) ativa um outro significado aparentemente alheio ao sentido de seus dois elementos formadores. Isto ocorre por conta de um efeito polissêmico atribuído aos verbos frasais, em que dá-se um mapeamento² gerado no sentido das duas palavras de formação ativando outros domínios de sentidos que podem ser empregados normalmente. O uso inconsciente de tal procedimento vai tornando cada vez mais comum seu uso, sem a referência da retomada que vai se perdendo, aos poucos e diacronicamente, sua idéia básica.

² Mapeamento (mappings) é um termo usado por Lakoff na explicação de sua Teoria da Metáfora Conceitual em 1980, no livro *Metaphors we live by*, em co-autoria com Johnson. Os autores começaram a discutir a natureza e a estrutura da metáfora sob essa nova perspectiva: ela é conceitual e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio do ser humano. Eles contestam os pressupostos até então estabelecidos de que toda a linguagem convencional é literal, e que tudo pode ser descrito e entendido sem usar metáforas. As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio fonte para o domínio alvo. Assim sendo, levamos para o domínio alvo nossos extensos conhecimentos sobre o domínio fonte e todas as inferências que podemos fazer nesse domínio para o domínio alvo. Mapeamento é, portanto, o conjunto de correspondências conceituais. Por exemplo, a forma mnemônica *TEMPO É DINHEIRO* se refere ao conjunto de correspondências conceituais entre *DINHEIRO* e *TEMPO*.

O uso que mais nos interessa neste caso é o último, pois, no sentido metafórico, são gerados mapeamentos na criação de novos elementos de significação na língua, ligados a diferentes metáforas conceituais e/ou esquemas imagéticos, que por sua vez, associam-se a seus significados mais primitivos (Segundo Lakoff e Johnson, 1980: domínio fonte, no caso das metáforas ou experiências sensório-motoras, no caso dos esquemas imagéticos).

1.2 O teste de Cowie & Mackin

Cowie & Mackin (1998) apresentam um teste para saber de que maneira essas estruturas podem ou não ser consideradas verbos frasais (uma unidade de sentido). Conforme este teste, deve-se, inicialmente, averiguar se a estrutura verbal pode ser substituída por uma palavra sinônima sem afetar seu sentido na frase. Em seguida, observamos se o segundo elemento pode ser omitido sem nenhum prejuízo para o sentido da estrutura como um todo. Se for possível toda a estrutura do verbo ser substituída por um sinônimo, e o segundo elemento da construção não poder ser omitido, pois, neste caso, tal efeito afeta a significação do termo, então, teremos um elemento que pode ser considerado um verbo frasal. Podemos exemplificar tal avaliação com o uso de *take up* na frase:

(2a) *Yesterday, my father **took up** the tale after dinner.* (cod.#1)

(Ontem, meu pai continuou a estória depois do jantar.)

A estrutura grifada pode perfeitamente ser trocada pelo verbo *continue* sem que haja mudança no sentido do verbo.

(2b) *Yesterday, my father **continued** the tale after dinner.* (cod.#1)

(Ontem, meu pai continuou a estória depois do jantar.)

Como segundo passo, retiramos a partícula **up** de junto do primeiro elemento da estrutura que forma o verbo e verificamos se existe alguma mudança em seu sentido.

(2c) *Yesterday, my father **took** the tale after dinner.* (cod.#1)

(Ontem, meu pai “pegou” a estória depois do jantar.)

No exemplo acima, é notório que a retirada da partícula **up** acarrete uma real mudança no sentido da frase ocasionada pelo seu desaparecimento. Portanto, concluímos que a estrutura **take up**, no exemplo dado, de acordo com Cowie & Mackin (1998), pode ser considerada um verbo frasal.

No que se refere às partículas ON e OFF, seu uso nos parece bastante comum. Tais formas são comumente confundidas por preposições que indicam localização. O estudante brasileiro, por exemplo, usualmente liga a preposição ON, em tais verbos, a seus sentidos literais, ou seja, seus sentidos como nas preposições, que indicam localização como (*sobre, em cima de* ou ainda, *posição superior*) e OFF as idéias de afastamento e separação, ausência, distância, desconto e funcionamento. A dúvida fica em quando uma estrutura composta, por exemplo, por um verbo e uma preposição, pode ou não ser um verbo frasal. Vejamos se a solução indicada por Cowie & Mackin pode ajudar nesta escolha, nos exemplos seguintes:

(3a) *I **put on** the book here. / I **put** the book **on** here.*

(Eu coloquei o livro aqui)

(3b) *I **put** the book here.*

(Eu coloquei o livro aqui)

Observando as frases acima, segundo a orientação dos autores citados, **put** e **on** são elementos que não correspondem a um verbo frasal. Conforme o critério semântico, o sentido de **put** (colocar algo) não é modificado quando se retira a partícula **on**. O que se pode notar é que a idéia de localização (um objeto colocado em cima de algo) fica evidente em (3a) levando-nos a concluir que se trata apenas de um verbo preposicionado. Quando se

observa a frase (3b) não se encontra a idéia de posicionamento relativo à localização do objeto.

Por outra ótica, aceitamos que **put on** em (3a) possa ser um verbo frasal sem valor metafórico, ou seja, aquele tipo de verbo que traz a partícula apenas para intensificar ou enfatizar uma ação verbal, mas sem valor idiomático. Seria este exemplo, quem sabe, uma etapa na formação de um perfilamento³ de um verbo frasal. Sabemos, segundo Langacker (1999), que um verbo perfila uma ação enquanto uma preposição perfila uma posição; portanto, um verbo frasal pode criar a idéia de uma ação processual (deslocar o livro de um ponto a outro) com um posicionamento (posicioná-lo em cima de algo), como em **put on** (3a). Nosso objetivo principal não é apenas classificar o quê é ou não um verbo frasal, mas principalmente, encontrar indícios de esquemas imagéticos que reconstroem suas facetas de sentido.

Ainda de acordo com Cowie & Mackin (1998), o primeiro procedimento seria trocarmos **put on** por um sinônimo. Vale lembrar que embora o vocabulário da língua inglesa ofereça um vasto número de sinônimos, não seria possível encontrar sinônimos para toda e qualquer palavra que se queira. Isto por si só, já fragilizaria esta proposta. Outra alegação seria a de que não existem sinônimos perfeitos, pois as palavras nunca ocorrem nos mesmos contextos (Ilari & Geraldi, 1985) e é quase que impossível encontrar contextos

³ O termo perfil é utilizado por Langacker (1987) como um tipo de proeminência num composto perfil / base que nada mais é que a organização assimétrica de cada expressão (composta de um *perfil* e uma *base*), e que consiste no ato de *perfilear* ("profiling"). Cada expressão, relativamente ao conjunto de domínios cognitivos que envolve, isto é, em relação à sua *base*, distingue determinada sub-estrutura como uma espécie de foco de atenção, e esta sub-estrutura, chamada *perfil*, é o que a expressão designa. Por exemplo, *hipotenusa* remete ao conceito de triângulo retângulo (a sua *base*) e *perfila* o lado oposto ao ângulo reto. Um terceiro tipo de proeminência diz respeito à organização, também assimétrica, dos participantes de qualquer *relação* perfilada (expressa por verbos, preposições, adjetivos e advérbios): um deles é construído como *figura*, isto é, como participante ao qual se atribui especial proeminência e à volta do qual a cena é organizada — Langacker dá-lhe o nome de *trajetor* (trajector) —; o segundo participante saliente é a *base* (ou *fundo*, ponto de referência) ou, na terminologia de Langacker, o *marco* (landmark). Por exemplo, não obstante *em cima* e *em baixo* evocarem o mesmo "conteúdo conceptual" e *perfilearem* a mesma relação espacial, o seu contraste semântico deve-se ao alinhamento *trajetor/marco*: X está em cima de Y toma Y como *marco* para a localização do *trajetor* (X), ao passo que Y está em baixo de X utiliza X como *marco* para a localização de Y (o *trajetor*). O fato de frases como "*O burro está por baixo do rapaz*" ou "*A casa está em frente do carro*" serem pouco aceitáveis, em oposição a "*O rapaz está em cima do burro*" e "*O carro está em frente da casa*", permite depreender, além do mais, que o *marco* é normalmente conceptualizado como o elemento mais fixo e mais englobante da cena.

em que ocorram sinônimos paralelos. Tudo isto inviabiliza o primeiro procedimento do teste em alguns casos.

Citando outro exemplo e usando a mesma forma verbal, e ainda se servindo da avaliação de Cowie & Mackin (1998), temos:

(4a) *I **put on** my shoes and went to school.*

(Eu coloquei [calcei] meus sapatos e fui à escola)

(4b) *I don't know where I **put** my shoes.*

(Eu não sei onde coloquei [pus] meus sapatos)

Podemos notar que com a retirada da partícula **on** em (4b), ocorre uma total mudança de sentido na sentença. Em (4a), a estrutura corresponde a um verbo frasal, pois, seguindo a proposta de Cowie & Mackin (1998), a omissão de seu segundo elemento da estrutura, no caso a partícula **on**, ocasiona mudança de sentido.

Em nossa posição, notamos que em (4a) existe um maior grau de metafóricidade se comparado a (3a). Além de aqui, em (4a), o verbo ser reconhecido como um verbo frasal, este, semanticamente, atinge um perfil de deslocamento (os sapatos mudam de um ponto A ao B) e um posicionamento (posicioná-los sobre os pés, ou seja, calçá-los) na ação representada por seu esquema de imagem. Observe os esquemas representados abaixo na figura 3 e 4:

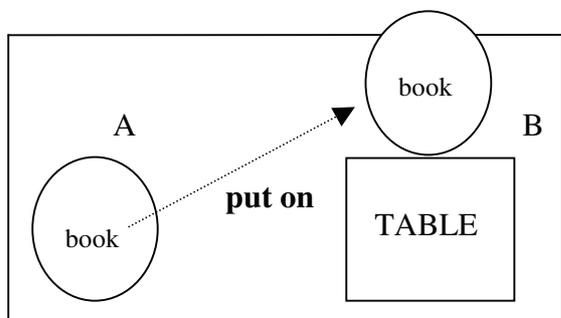


Figura 03: Esquemas de (3a): imagens de deslocamento e direcionamento (sobre) em *put on*.

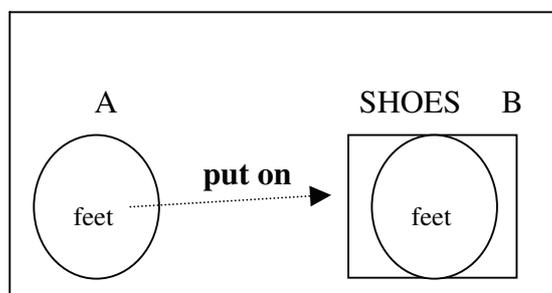


Figura 04: Esquemas de (4a): imagens de deslocamento e posicionamento em recipiente (dentro) em *put on*.

O teste de Cowie & Mackin (1998), embora tenha ilustrado nosso trabalho, parece-nos por demais simples, não abarcando a complexidade representada pela estrutura morfo-semântica. Nossa posição, mais uma vez, harmoniza-se com estudos cognitivos, que diz que cada elemento, antes de ser morfossintático, é compreendido cognitivo e semanticamente. Ainda considerando o teste, acordamos que podemos diferenciar verbos frasais de verbos não-frasais usando o critério de sentido apoiado em certos contextos, como os de sentenças inteiras na linguagem cotidiana. As relações conceituais já embutidas nos esquemas imagéticos engramados na língua licenciam expressões ocorrentes em verbos frasais como também em demais elementos lingüísticos representacionais. Não devemos nos prender à forma apenas, mas a seu sentido contextual que é sempre resgatado sócio-interativamente pelo aparato bio-cognitivo do aprendiz.

Hart (1999) considera verbos frasais como combinações de verbos comuns como *put, take, come*, e *go* com partículas como *in, out, on* e *off*. Concordamos com o autor que tais elementos são partes essenciais no uso do inglês e não podem ser jamais dispensados por nenhum estudo que pretenda descrever a língua. Alguns verbos, ainda segundo o autor, são fáceis de entender, pois seus sentidos são óbvios. Por outro lado, existem verbos frasais de uma complexidade tal que sua idiomaticidade prejudica por completo sua compreensão. Por exemplo: qualquer aprendiz pode saber o que significam palavras como *call, run, off* e *out*. Mas saber separadamente sobre seus elementos não ajuda em nada para descobrir que seus sentidos em *call off* pode indicar *cancel* (cancelar), ou que em *run out* pode indicar *use all of something* (usar tudo de alguma coisa, ficar sem algo). Nesses casos, pouco adianta saber o sentido de seus elementos separados, pois assim, não se torna possível acessar seu entendimento.

Em seu livro, Hart (1999) parte do pressuposto que é importante conhecer as ocorrências de tais verbos e descreve suas formas de atuação e seus possíveis sentidos, tentando, através de exercícios mecânicos, ensinar extensivas listas de casos ocorrentes no idioma. Apesar de ser um material de estudo de grande utilidade, ele apresenta limitações por estudar o assunto pela ótica estruturalista e formalista da lingüística, levando em consideração obviamente a forma do verbo e não seu significado.

Quirk et al. (1999) tratam dos verbos frasais, em seu estudo, como parte integrante dos *Multi-word verbs*. Os *Multi-word verbs* são uma categoria de verbos formados por combinações de palavras como *drink up*, *dispose of* e *get away with*, que são compostos por três tipos: verbos frasais, verbos preposicionados e verbos frasais preposicionados. Cada tipo de verbo citado, segundo os autores, ainda se subdividem em tipo 1 e tipo 2, conforme veremos no quadro a seguir:

	verbo	objeto	partículas		+ objeto
	lexical	direto	advérbio	preposição	preposicionado
Verbo Frasal	come	---	in	---	---
TIPO 1 (intransitivo)	crop	---	up	---	---
Verbo Frasal	send	alguém	away	---	---
TIPO 2 (transitivo)	turn	alguém	down	---	---
Verbo Preposicionado	come	---	---	with	+ me
TIPO 1	come	---	---	across	+ a problem
Verbo Preposicionado	receive	algo	---	from	+ me
TIPO 2	take	alguém	---	for	+ a fool
Verbo Frasal	run	---	away	with	+ it
Preposicion. TIPO 1	come	---	up	with	+ an answer
Verbo frasal	send	alguém	out	into	+ the world
Preposicion. TIPO 2	put	alguém	up	for	+ election

Tabela I: Principais tipos de verbos de múltiplas palavras. (Adaptado de Quirk et al., 1994)

1.3 Como são tratados os verbos frasais?

1.3.1 A visão tradicional

A maioria dos dicionários, gramáticas e livros didáticos apresenta os verbos frasais como dois elementos que se juntam para constituir um só elemento. A visão em que o verbo apresenta um sentido, e que a partir de sua junção com uma partícula, seu sentido muda totalmente (modificando sua estrutura semântica), chegando a ganhar outra base de significação é uma visão notadamente tradicional. O Oxford Advanced Learner's Dictionary (2000) conceitua os verbos frasais como estruturas constituídas de duas ou três palavras, sendo a primeira, o verbo; a seguinte, um advérbio ou uma preposição, ou ambos. Diz o dicionário também que alguns verbos são mais fáceis de compreender porque seus elementos mantêm seu significado usual. No entanto, outros têm sentidos idiomáticos (metafóricos) que, se usados como elementos separados, não manterão correspondência com seus sentidos usuais.

Já o Oxford Dictionary of Phrasal Verbs (Cowie & Mackin, 1998) considera os verbos frasais como vocábulos de estrutura frasal curta que consistem de um verbo e de uma 'partícula', que, embora pareçam simples, constituem um dos mais complexos e difíceis problemas para os estudantes da língua inglesa. Tais problemas estão relacionados à estrutura e ao significado destes verbos no que diz respeito ao seu uso.

Concordamos com Hodgson (2004) quando diz que, para nativos, os verbos frasais podem não corresponder a tão graves dificuldades, visto que são usados e reconhecidos por seus falantes de forma internalizada, ou ainda, inconsciente. Já para não-nativos (aprendizes do inglês como língua estrangeira), esses verbos podem representar sérios entraves, principalmente em seus significados. Portanto, para um nativo, o uso de um verbo frasal como *take up*, por exemplo, não deve representar um grande enigma. Já para um não-nativo, no caso específico do aprendiz brasileiro (falante do português), o verbo constituirá maior dificuldade no resgate do sentido, pois são estruturas incomuns em sua língua materna, sendo muitas vezes até substituído pelo professor de língua estrangeira por estruturas mais simples que possam funcionar como sinônimas, como no caso, *continue*.

Tal estratégia pedagógica é utilizada largamente em livros didáticos, tentando-se alocar palavras cognatas que são de maior previsibilidade para a interpretação do aprendiz.

Porém, esta intervenção pedagógica, mesmo que pareça benéfica inicialmente, não só faz com que o aprendiz deixe de ter contato com o uso do verbo em situações mais naturais, como também interfere na aprendizagem de uma linguagem aproximada da realidade lingüística dos nativos, tornando-a muitas vezes, uma realidade forjada e artificial, maquiando, assim, o estudo do idioma estrangeiro.

1.3.2 A visão da Lingüística Cognitiva

Observando trabalhos preocupados com o aspecto cognitivo como o de Langacker (1999), que visa apresentar os elementos gramaticais em sua representação semântico-estrutural, identificando elementos como o substantivo, o verbo e a preposição, por exemplo, através de suas molduras cognitivas conceituais, podemos estudar os verbos frasais na perspectiva da Lingüística Cognitiva, deixando de lado elementos puramente estruturais. Segundo o autor, um item lexical representa uma categoria complexa e não tem apenas um só significado. Cada item traz em seu significado toda uma variedade de sentidos, que se relaciona ainda com outra vastidão de sentidos em níveis de entrenchamento⁴. Expressões sócio-culturalmente construídas entrincheiram significados que só pelo conhecimento contextual não podem ser adquiridas. Tais expressões devem ser resgatadas da memória sem o uso de seus constituintes separados. Para que o falante lembre

⁴ Entrenchamento (entrenchment) é um termo utilizado por Langacker (1987) para explicar o fenômeno relativo ao sólido estabelecimento de construções na língua, que passam a não demandar esforço construtivo para sua compreensão. São construções complexas na forma de provérbios, clichês, expressões idiomáticas e outras construções sócio-culturalmente convencionalizadas sem a necessidade de depurar o significado de seus constituintes ou de refazer o percurso histórico-social que justifica o significado de tais construções. O uso recorrente de expressões metafóricas pode levar à literalização de tal termo. Um bom exemplo disso é o uso recorrente da analogia “a guerra como um teatro”, muito utilizada na mídia americana e mundial referindo-se a guerra no Iraque, que fez com que ocorresse um entrenchamento de expressões metafóricas, a ponto de poderem ser consideradas já como literais dentro do sistema conceptual ativado em notícias sobre o assunto. Já habituado com essa analogia, ao deparar com uma sentença como “O Teatro de Operações”, o ouvinte/leitor muito provavelmente não lançará mão dos seus conhecimentos gerais sobre artes cênicas para interpretar essa mesma sentença, pois seu uso corriqueiro entrincheirado já se encontra facilmente acessado encurtando o caminho da compreensão.

em “pé-de-moleque”, um doce feito de farinha de mandioca, uma comida típica do nordeste brasileiro; ele não precisará ligar a idéia de “pé” nem de “moleque”. O que ocorre na expressão é um exemplo de entrincheiramento em que se perde no tempo a relação de sentido motivadora do uso dos termos (pé e moleque) que são ativadas simplesmente como um conceito novo, uma só juntura, como a composição de uma só palavra.

Cada classe gramatical é determinada pela natureza do seu perfil. Um substantivo, por exemplo, perfila um determinado tipo de coisa; um verbo é uma classe marcada de uma interação energética assimétrica que perfila um processo, definido como uma relação que envolve tempo; e uma preposição perfila certo tipo de relação. A preposição é vista pela Lingüística Cognitiva em inglês como casos típicos de polissemia, e portanto, uma categoria bastante volátil e imprevisível quanto a seu significado, no tocante a sua complexa estrutura como no caso de um verbo frasal.

Kövecses (2002) afirma que a Lingüística Cognitiva pode ser uma importante solução para problemas como a compreensão de palavras polissêmicas no processo de ensino/aprendizagem. Segundo ele, a polissemia envolve palavras com vários sentidos relacionados, e isto acontece por meio de metáforas e metonímias atuantes no sistema conceitual humano. O uso da metáfora conceitual, por fornecer uma ligação sistemática entre dois sentidos diferentes da mesma palavra, pode contribuir para a compreensão do fenômeno polissêmico e a conscientização dessa ligação, por parte de aprendizes, por ajudar na compreensão e na aquisição de novas palavras no vocabulário com vários sentidos de forma motivada, e não arbitrária.

Dirven (2001) defende que a partícula nos verbos frasais é uma subcategoria. A combinação entre os dois elementos (verbo + partícula) formando um todo, o verbo frasal, é que dá o significado, que é muito mais que a simples junção das suas partes. O autor concebe que ambos os itens estão muito bem integrados para expressar um único conceito. Essa visão também é compartilhada por nós neste trabalho, considerando que o significado é constituído a partir de suas formas em um conjunto. A rede de relações desse conjunto forma um *continuum de* que advém seu significado. O autor também separa, assim, as partículas do verbo frasal em: *itens monofuncionais*, quando o elemento pós-verbal constitui-se apenas de preposições; e *itens multifuncionais*, quando o elemento pós-verbal é constituído não só de preposições, mas também, por advérbios ou *partículas* (quando não se

tem uma definição precisa quanto a que classe tal elemento pertença). Dirven (2001), considera que os elementos ON e OFF, aqui estudados, sejam listados no grupo dos itens multifuncionais.

Outro passo para tratar especificamente de verbos frasais e metáforas conceituais foi dado por Hodgson (2004), que em seu trabalho apresenta verbos frasais com a partícula UP, licenciados por metáforas destacando, assim, importantes informações sobre a temática. Embora seu trabalho se restrinja a metáforas que licenciam verbos com UP, a autora aborda diretamente esquemas imagéticos aglutinando metáforas conceituais. Sua contribuição nos parece de grande importância para o estudo da metáfora conceitual com esses tipos de verbos. Compartilhamos da sua mesma preocupação com a dificuldade de abordagem no ensino de verbos frasais e concordamos que seus efeitos polissêmicos são suas principais causas de dificuldades. Os esquemas de licenciamento de expressões lingüísticas com tais verbos relacionados com posição de verticalidade do corpo percebido por nossa condição de verticalidade gravitacional remetem a diversas metáforas, como descreve a autora em seu trabalho:

1. MOVIMENTO PARA CIMA;
2. MAIS É PARA CIMA;
3. BOM/FELIZ É PARA CIMA;
4. ATIVIDADE É PARA CIMA;
5. VISÍVEL É PARA CIMA;
6. PERSISTIR É MANTER-SE EM PÉ;
7. COMPLETAR É PARA CIMA.

Apesar dos vários estudos abordando diversas características dos verbos frasais, devemos ter em mente que o tema, como se pretende trabalhá-lo, tem sido, ainda, pouco investigado. A maioria dos estudos já realizados, tem focado os verbos frasais de maneira lingüístico-formal, revelando muito pouco, ou quase nada do que pretendemos analisar nessa pesquisa. A relevância deste trabalho está em tentar apresentar uma abordagem cognitiva da constituição dos verbos frasais, desejando analisar esquemas imagéticos que

licenciam expressões lingüísticas onde apareçam tais verbos especificados pelas partículas ON / OFF em livros usados no ensino de inglês como língua estrangeira.

Inicialmente, percebemos um esquema de oposição entre os elementos como TURN ON / OFF (LIGAR/ DESLIGAR ALGO) ou GET ON / OFF (SITUAMENTO POSICIONAL DENTRO / FORA). Admitimos, porém, que há muito mais a estudar do que esta simples impressão, talvez até sugerida por análises formais muito comuns dos elementos como em preposições, ou em advérbios.

Devemos assumir o reconhecimento de verbos frasais a partir de critérios semânticos, ou seja, que tragam como ênfase seu sentido. Assim sendo, reconheceremos como verbos frasais aqueles que na junção das suas estruturas (verbo + partícula) venham modificar seu significado diferindo de uma de suas partes. Por se apresentarem como polissêmicos, tentaremos encontrar seus sentidos aproximados do verbo compositor reconstituindo seu comportamento radial. Porém sabemos, que muitos verbos que formam a base nos verbos frasais são eminentemente polissêmicos, reativando tais tendências nessas formações.

Os verbos frasais para serem entendidos, adequadamente, precisam ter ativados domínios cognitivos, como seus esquemas imagéticos, estruturas abstratas e genéricas advindas de experiências sensório-motoras presentes no desenvolvimento ontogenético do indivíduo diretamente apreendidas mas também transmitidas socioculturalmente através da linguagem. Essas imagens esquemáticas são de natureza sinestésica, pois dizem respeito a muitos aspectos da atividade espacial do homem, tais como: orientação, movimento, equilíbrio, forma etc. Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de percurso, continente/conteúdo, parte/todo, ligação, centro/periferia, em cima/embaixo, frente/trás, entre outros.

Desde sua infância, o indivíduo internaliza, por exemplo, a experiência de mover-se de um lugar para outro. Essa experiência física rotineira consolida-se na mente de forma esquemática, dando origem ao esquema de percurso, cujos elementos estruturais são uma *origem* (ou ponto de partida), um *alvo* (ou ponto de chegada), uma *distância percorrida* (ou uma seqüência de locais contíguos que conectam uma origem a um alvo) e uma *direção* (para um alvo).

Através de mapeamentos metafóricos, a conceituação das categorias abstratas fundamenta-se, em grande parte, na nossa experiência concreta cotidiana. O tempo, por exemplo, que é uma abstração humana, é conceituado como um objeto que se move no espaço ou como um objeto imóvel para o qual nos dirigimos, como nas frases licenciadas por estes esquemas: “*Chegarei à semana que vem*”, “*Já estamos nos aproximando do dia dos pais*” e “*O tempo passou tão rápido que quando vi já era noite*”.

Croft & Cruise (2000), embora não se detendo a verbos, apresentam a categoria como um *container* (recipiente, que relaciona à noção corpórea de “dentro-fora”): uma de suas principais funções é a de delimitar os objetos no mundo em coisas que estão ou não presentes dentro desse *container*. Sua função não poderá ser desempenhada sem suas fronteiras. Essas fronteiras, citadas pelo autor, são elementos de grande importância quando se pretende construir ligações de sentido entre categorias radiais polissêmicas⁵. Quanto mais metafórico for o sentido a ser construído, maior a distância do núcleo da radialidade, e este distanciamento do centro conjuntura fronteiras que se ligam através de metáforas e esquemas imagéticos a outros sentidos afins.

Deste modo, muitos verbos frasais relacionados com o esquema de recipiente como os compostos por partículas ON/OFF são construídos a partir da geração de mapeamentos de movimento dentro/fora, entrar/sair, vir/ir, chegar/partir, etc. Existem também relações outras que foram criadas a partir de novos esquemas que já se encontram incrustados nessas gerações polissêmicas de sentidos. Podemos exemplificar o caso com o verbo “encestar”. Este verbo pertence ao esquema de recipiente em que a ação descrita será de colocar para “dentro” do cesto. Observe:

(5a) *Ele encestou todo o cacau da fazenda.*

⁵ Categorias radiais polissêmicas – Não há um significado central singular que dê conta de todos os sentidos. Os sentidos de cada expressão formam uma categoria radial que é polissêmica, pois conta com membros mais ou menos centrais que são definidos por transformações de esquemas imagéticos e/ou metáforas conceituais. Para inserir cada elemento em uma categoria, o conceituador constrói um modelo mental em que está presente virtualmente toda categoria constituída de elementos que sejam mais próximos do núcleo (prototípicos) aos mais distantes (periféricos). É exatamente toda a cadeia que permite identificarmos seus elementos através de semelhanças, e até de diferenças, entre os seus vários membros.

O sentido performático do verbo é “que ele pegou os frutos de cacau e colocou-os no cesto”. O cesto é um recipiente que tem uma abertura na parte superior, e por essa abertura receberá os frutos de cacau resultado da ação de “encestar”. Nesta relação há geração de movimentos mapeando a noção de fora/dentro e recipiente.

Já mais à frente, com a criação do *basketball*, esta noção progrediu e outros esquemas foram mapeados para um novo sentido de “encestar”. Este novo esquema trouxe consigo a idéia de alvo, direcionamento e não mais recipiente. Atente para a frase:

(5b) *O jogador venceu a defesa e **encestou** uma bola de três.*

O verbo, agora, relaciona-se com “acertar a bola em uma cesta (alvo) que se encontra virada e sem fundo”, não mais aparece a idéia de guardar um objeto físico (recipiente) como no caso anterior, do cacau.

Sabemos que muitos verbos (polissêmicos) constituem exemplos claros de polissemia como os mostrados acima, porém existem implicações metafóricas emaranhadas com relações lineares na geração dos mapeamentos que licenciam as expressões lingüísticas e é preciso mostrar o percurso de formação de cada expressão particularmente, pois são casos específicos que motivam essas relações.

2. Polissemia – o percurso do sentido

The view that we have suggests that meaning is neither purely objective and fixed nor completely arbitrary and relative. Rather, there are intermediate positions, which say that meaning comes out of the nature of the body and the way we interact with the world as it really is, assuming that there is a reality in the world. We don't just assume that the world comes with objectively given categories. We impose the categories through our interactions, and our conceptual system is not arbitrary at all. It is great constrained by the nature of social interaction. Those are very strong constraints, but they do not constrain things completely. They allow for the real cases of relativism that do exist, but they do not permit total relativism.

Lakoff

Dentro de nossa abordagem, apoiar-nos-emos em teorias tradicionais da lingüística e nos conceitos veiculados pela Lingüística Cognitiva para entender o processo polissêmico em que se encerram esquemas imagéticos que geram verbos frasais especificamente formados pelas partículas ON / OFF; e para isso, devemos revisitar questões que circulam desde a filosofia, psicologia e neurolingüística, com ênfase na lingüística cognitiva.

Com a evolução das ciências cognitivas a partir da segunda metade do século XX, muitos dos conceitos lingüísticos e também, cognitivos, têm sido revisitados e muito do que se sabia hipoteticamente pode ser comprovado através de estudos mais apurados. A teoria cognitivista de base enatista (atuacionista) revoluciona a abordagem de como se deve tratar a ciência da mente. A mente sai da concepção de máquina abstrata, capaz de manipular símbolos assim como o computador, de forma algorítmica, quase que “separada do corpo”, para uma mente incorporada. Nesta visão, a mente é capaz de raciocinar, tirar conclusões e detalhar um emaranhado de informação através de seu aparato neuro-cerebral constituído de milhões e milhões de neuroligações em plena atividade eletroquímica em constante ativação em interação com o corpo e o ambiente ecológico.

Os símbolos, que são representações mentais do mundo (concreto), só ganham significado a partir das nossas experiências e interações com este mundo (realidade exterior). Os conceitos resultam da experiência corpórea e sócio-cultural do indivíduo, no desenvolvimento e processamento do sistema cognitivo, e não mais da simples operação entre símbolos discretos. A maior parte das ações impulsionadas pelo aparato neurofisiológico é de cunho inconsciente, portanto, grande parte das experiências com a linguagem e o pensamento se manifesta desta forma.

Assim, a linguagem não existe independente da cognição como algo já fabricado, em que o indivíduo deve simplesmente se inserir. Na constante manutenção dessa linguagem, a simbologia é criada e condicionada de acordo com este mundo, e de como raciocina tal indivíduo. As experiências corpóreas, portanto, estão condicionadas ao mundo externo e às relações desse indivíduo no mundo, e participam na constituição da língua.

Segundo Rosch (1977), categorizar é um recurso de nosso aparato cerebral que nos permite tratar infinitos estímulos com os quais nos deparamos por toda a vida, separando-os e classificando-os de modo equivalente em um número finito de categorias. Segundo Macedo (2004), a representação, de um conceito não reflete unicamente uma estrutura invariável, mas é maleável e reflete a interação entre o contexto ambiental e os pesos das interconexões de outros conceitos associados que o indivíduo armazenou na memória episódica (como o) em resultado de encontros anteriores com instanciações do conceito, dentro de um contexto significativo.

No processo de categorização, ocorre uma redistribuição de estímulos (*inputs*), que constitui uma nova experiência, podendo ocasionar mutações em sua classe simbólica resultantes de constantes (re)categorizações. Tais (re)categorizações são constantes no aparato cognitivo do indivíduo, e são elas que reconstruem *on line* as atualizações categoriais do léxico mental. Esse processo constante resgata conceitos e redefine outros de acordo com experiências individuais e sócio-culturalmente partilhadas. A teoria do protótipo sugere que a “categorização humana é essencialmente uma capacidade de experiência e de imaginação desenvolvida pelo ser humano através da percepção, da atividade motora e da cultura, por um lado; e das imagens mentais, da metáfora e da metonímia, por outro” (Lakoff, 1987).

Na experiência de categorizar, o indivíduo pode resgatar um conceito A, enquanto outro poderá, com o mesmo elemento lingüístico, porém com outras experiências, resgatar um conceito B. A categorização deste mesmo objeto, por dois indivíduos, torna-se diferente, pois suas experiências com o mundo são, até certo ponto, diferentes, enfatizadas, influenciadas ou modeladas por fatores diversos. Lembremos um exemplo real: um bisturi, para um paciente na mesa de operação, poderá ser categorizado como um instrumento cortante, estranho, que agride seu corpo e lhe causa angústia, medo e até dor. O mesmo instrumento, para o cirurgião, é categorizado como um aparato importante para o seu trabalho e é tratado como algo benéfico que facilita a retirada de um tumor, por exemplo, representando a solução proposta no ato da operação, de forma a proporcionar-lhe prazer em retirar algo que adoecia seu paciente.

Até um mesmo indivíduo, em termos gerais, poderá experienciar acesso diferente para um mesmo elemento lingüístico. Uma faca na mão de um cozinheiro no momento em que prepara uma refeição pode ser categorizada por tal indivíduo como um instrumento de grande valia para seu trabalho no ato de cortar carnes, legumes e verduras. Suponhamos que este mesmo instrumento, na mão da mesma pessoa, venha cortar-lhe parte de sua mão por um acidente. Doravante, ‘a faca’ passa a ser construída e categorizada como algo perigoso e prejudicial. Portanto, a categorização é formada em nosso aparato mental a partir de experiências constantes do indivíduo com o mundo. Nesse processo constante, algumas experiências podem ser mais “marcantes” que outras, levando, assim, a pessoa a fazer escolhas (embora inconscientes) e, a partir delas, depreender atributos característicos de cada experiência que o farão reconhecer sentido como mais típicos no processo de categorização de um conceito A ou B. Esses conceitos mentais são tudo o que se emoldura e o que se reconstrói a cada novo estímulo num processamento dinâmico em distribuição paralela (Conexionismo)⁶; e não algo, armazenado, parado, estático (Simbolismo)⁷ ou até inato (Inatismo)⁸, como anteriormente se pensava.

⁶O conexionismo é uma abordagem no campo da Ciência Cognitiva, Neurociência, Psicologia e Psicologia da mente. O modelo mental conexionista ou fenômeno comportamental com redes interconectadas de unidades simples. Há muitas diferentes formas de conexionismo, mas a forma mais comum utiliza modelos de redes neurais. O princípio conexionista central é aquele fenômeno mental que pode ser descrito por redes interconectadas de unidades simples. A forma de conexões e de unidades pode variar de modelo à modelo. Por exemplo, as unidades na rede poderiam representar neurônios e as conexões poderiam representar sinapses.

A ótica de um indivíduo sobre os sentidos que lhe chegam constantemente, através da linguagem principalmente, pode ser reconstruída por outros sentidos, ou pode também ser “enfraquecida” por falta de estímulos (de uso) ou por seleção de importância, e não mais ser nem sequer reativada. Ao considerarmos tais possibilidades, nos deparamos como o que Croft & Cruse, (2000), denominam de *facetras*, ou seja, aspectos do sentido que são ativados dependendo da experiência com a qual se depara o usuário da língua (conforme falaremos adiante no item 2.4). Assim, entendemos que a linguagem é eminentemente polissêmica. A polissemia está em cada sujeito reconstruir o mesmo tópico de diferentes formas, pois a experiência individual em categorizar é única, composto de idiosincrasias, visto que podemos incluir em nossas categorias, informações ligadas à nossa história de vida. Porém, o processo categorizacional é também invariável, visto que nós, como seres humanos, dotados de um *aparatus* neurobiológico comum a toda a espécie, categorizamos o mundo de certas formas, gerando também um processo influenciado por fatores sócio-culturais e históricos e, neste caso, as categorias se tornam compartilhadas, havendo a possibilidade do consenso quanto às coisas no mundo. Por isso, cada usuário retém, em seu léxico mental, dispositivos que disponibilizam uma “monossemização” de cada elemento no momento da interpretação. É o que nos faz reconhecer cada esquema situacional, contextualizando, e tornando compreensível o elemento lingüístico.

Um outro modelo poderá fazer cada unidade na rede uma palavra, e cada conexão uma indicação de similaridade semântica.

⁷O Simbolismo (ou mentalismo) enfatiza o papel da mente nos processos cognitivos. Configura-se dentro da posição dualista cartesiana de corpo e mente. Segundo essa visão, mente e cérebro constituem duas realidades de substâncias diferentes; a primeira é inextensa e imaterial, a segunda é extensa e material (TEIXEIRA, 1998). Os processos cognitivos de nível superior acontecem na mente onde se localiza a memória duradoura. Esse paradigma postula a existência de idéias inatas. A cognição se processa através da representação do mundo na mente mediante o uso de símbolos prontos dispostos serialmente.

⁸O Inatismo propõe que nascemos trazendo em nossa inteligência não só os princípios racionais, mas também algumas idéias verdadeiras, que, por isso, são idéias inatas. Na Lingüística, esta corrente defendida inicialmente por Chomsky, contrapôs às bases behavioristas de Skinner e, com o passar do tempo, despertou o interesse de outros estudiosos. De acordo com o inatismo, os humanos teriam um dispositivo de aquisição de linguagem (DAL), isto é, estariam biologicamente pré-configurados para adquiri-la.

2.1 A abordagem de polissemia no formalismo

A polissemia é um fenômeno amplamente focado pela Linguística Formal. Normalmente o enfoque dado pela linguística estrutural tradicionalista tem levado em consideração a forma, o vocábulo, a palavra; relacionando geralmente a polissemia com a homonímia. Quando duas palavras coincidem foneticamente em sua evolução, na visão tradicional, ocorre homonímia (de *homo* = igual; *onoma* = nome). Enquanto polissemia (de *poli* = muitos; *semia* = significado) é o fenômeno em que uma palavra pode, ao longo do tempo, apresentar dois ou mais significados para o seu sentido nuclear.

Podemos exemplificar com palavras que evocam características polissêmicas, como no lexema *cabeça* nas frases a seguir (LAPA, 1987):

(6a) A *cabeça* une-se ao troco pelo pescoço.

(parte superior do corpo)

(6b) Selma tem uma boa *cabeça*.

(metonímia significando memória)

(6c) Ele é o *cabeça* da rebelião.

(metáfora e metonímia significando o líder, aquele que pensa, que arma, que organiza)

Observamos que o sentido central (6a) habilita por meio de metáfora e de metonímia a construção de significados diversos através de relações de semelhança, no caso da metáfora, e de implicatura, no caso da metonímia. Entendamos, aqui, metáfora por uma figura de estilo linguística, designada pelo uso de uma palavra ou expressão num sentido que não é o seu próprio, baseado numa relação de semelhança. O processo de produção da metáfora requer a comparação entre estes diversos sentidos, retendo características consideradas semelhantes, para estabelecer um novo significado. Já a metonímia, seria uma

figura de estilo que substitui um elemento pela citação de outro que lhe está relacionado (por exemplo: Comer o pão - por alimento - que o diabo amassou - por sofrimento). As formas mais usuais incluem: efeito pela causa, causa pelo efeito, marca pelo produto, abstrato pelo concreto, autor pela obra, continente pelo conteúdo, parte pelo todo, singular pelo plural, possuidor pelo possuído, matéria pelo objeto, lugar pela coisa, instrumento pela causa ativa, coisa pela sua representação, entre outros.

Para citarmos exemplos de palavras homônimas, devemos, de acordo com a visão formalista, levar em consideração a sua etimologia (diacronia) observando que são duas palavras escritas da mesma forma que tem sentidos totalmente diferentes. Peguemos como exemplo o vocábulo *pena*:

(7a) Caiu a *pena* mais bonita do pavão.

(parte que reveste o corpo das aves, pluma)

(7b) Tenho muita *pena* de Camila. Está sofrendo muito no hospital.

(dó, piedade, compaixão)

O sentido divergente em (7a) e (7b) nos é trazido pela sua raiz etimológica: sendo que em (7a), tem origem do latim *pinna*, enquanto que em (7b) vem do latim *poena*. (LAPA, 1987)

Para Ullmann (1964), a polissemia é uma das fontes principais de ambigüidade. Segundo o autor, ela representa um traço fundamental da fala humana que pode surgir de maneiras múltiplas. Destacamos, dentre as formas de polissemia citadas pelo autor, *a mudança de aplicação e a linguagem figurada*. No que se refere à mudança de aplicação, podemos notar a evidência de alguns sentidos em detrimento de outros, nos mais variados contextos de uso comum de uma determinada palavra. Já a linguagem figurada refere-se a palavras que representam um ou mais sentidos, que “irradiam”, de seu sentido central. São significados que podem coexistir lado a lado, sem se excluir mutuamente de acordo com o

contexto. Essa capacidade de transposição metafórica é vista pelo autor como de crucial importância para a atividade lingüística.

Em seu trabalho, Guiraud (1975), mantendo a mesma visão clássica de Ullmann, apresenta a polissemia como uma transferência, ou seja, um tipo base de mudança de sentido. Embora aborde a metáfora e a metonímia como figuras da linguagem, ele nos dá grande ajuda quando apresenta as transferências do nome por similaridade dos sentidos. Segundo seu estudo, a similaridade dos sentidos pode ser: *substancial*, *sinestésica* e *afetiva*. Destacamos a *similaridade substancial* que ocorre quando a forma aparenta ser igual ou similar, lembrando a mesma idéia. Podemos citar seu exemplo de folha – *folha de planta* e *folha de papel*; ou ainda, quando a função é retomada nos dois sentidos, como na idéia de leito – *leito de dormir* e *leito de rio*, em que a função em ambos é o elemento comum. A ligação de sentido se dá de maneira que parte do referente seja resgatada no outro, através da forma ou da função idealizados metaforicamente. A *similaridade sinestésica* ocorre quando há uma assimilação de um som a uma cor, de uma cor a um odor etc; e a similaridade afetiva se dá quando um sentimento assimila um objeto concreto em que se atribui qualidade como “um amor quente”, “um temperamento salgado” etc.

Palmer (1976) trata do termo “polissemia” quando um termo é associado a um conjunto de sentidos diferentes. Se o termo é realmente polissêmico, não se delimita facilmente um significado, diferenciando-lhe dos demais. Portanto, se não há possibilidade de encontrar as diferenças, podemos tentar encontrar as semelhanças. O autor não mostra nenhum critério definido para reconhecer diferenças e semelhanças em vocábulos polissêmicos. No entanto, ele afirma que a metáfora é um dos tipos de relação de significado mais conhecido. A metáfora (que não é a metáfora conceitual, e sim, considerada pelos formalistas como uma mera figura de linguagem) comporta um sentido literal e um ou mais significados, segundo Palmer, transferidos. Cita exemplos de palavras que correspondem a metáforas que designam partes do corpo como *foot* (pé) em *the foot of the bed* (o pé da cama), *leg* (perna) em *the leg of the table* (a perna da mesa), *eye* (olho) em *the eye of a potato* (o olho de uma batata) etc. Ele atribui à intuição, o fato de podermos diferenciar perfeitamente o sentido literal do figurativo no contexto. Classifica como imprevisível sua frequência de uso e as “facetas” que podem ocorrer em tais metáforas.

Enfim, diz que é a depender da língua e da cultura que se pode ter tais relações de transferência de sentidos.

Um autor que buscou descrever as palavras através de suas características e dos componentes de seu significado foi Pottier. Ele descreveu, em sua teoria, os *semas* e os *sememas* de cada vocábulo com um intuito de relacionar seu sentido em um determinado campo semântico. Os *semas* são elementos mínimos de significação do vocábulo, enquanto que os *sememas* são conjuntos de semas que estão contidos numa dada palavra. O conceito de *mesa* contém, por exemplo, como um dos seus traços constantes “possuir pernas”. Já outros traços podem ser ausentes ou nem sempre estar presentes na formação do sentido deste termo.

Pottier conseguiu delimitar e descrever sistematicamente o léxico da língua, ao mostrar que esta possui uma estrutura semanticamente não caótica. Todavia, sua análise, embora muito tenha contribuído para uma melhor compreensão e organização do léxico da língua, não abrange a totalidade do conceito dos vocábulos. O conjunto de traços por ele considerado é limitado e de forma alguma pode ser aplicado ao estudo das propriedades de palavras inseridas em situações concretas de comunicação. Ressaltemos aqui o caso da polissemia, pois sabemos que as palavras não são mono-semêmicas, isto é, mudam seu sentido conforme o contexto em que se inserem.

Assim, pelo fato de Pottier tentar estabelecer traços fixos e descontextualizados em sua análise semântico-lexical, não prevendo a polissemia, que é algo inerente ao sistema lingüístico, discordamos deste tipo de análise.

Assim como Ullmann, já brevemente mencionado, Lyons (1977) cita critérios para a distinção entre homonímia e polissemia: o critério etimológico e o critério de relação entre sentidos percebidos sincronicamente pelos falantes. O autor mostra o quanto é frágil a distinção entre o fenômeno homonímico e o polissêmico pautada nestes dois critérios citados. Para Lyons, o critério etimológico não garante exatidão, visto que não se tem informação precisa da origem de todas as palavras. Enquanto a tentativa de diferenciar tais fenômenos pelo critério de relação entre sentidos por meio da análise componencial de Pottier torna-se um tanto inadequada, porque não se pode especificar a quantidade ou os

tipos de componentes que os lexemas compartilham entre si e que são verificados pelos usuários da língua ao buscarem a relação de sentidos desses lexemas.

Por fim, Lyons (1977) afirma que a polissemia, produto da criatividade metafórica, é essencial ao funcionamento das línguas enquanto sistemas dotados de flexibilidade e eficiência.

Vimos que a visão estruturalista expressa um grande apego à forma, deixando o significado em segundo plano. Até mesmo quando a Semântica Estruturalista se volta para o sentido, ela o faz em função da forma. Esse apego tal pela forma dirige seus estudos para a estrutura da língua e não para o sentido. Para a Lingüística Cognitiva, o sentido vem em primeiro plano, sendo a forma a ligação deste que é o elemento desencadeador da comunicação e de precisão reguladora do significado no discurso. Portanto, na concepção cognitivista, defendemos a idéia de que todas as formas são polissêmicas e que são “monossemificadas” pelo falante (por meio de seu aparato cognitivo usado na escolha de uma forma/sentido para que não lhe traga ambigüidade) no momento da enunciação.

A visão formalista da lingüística se inscreve dentro da teoria filosófica do objetivismo, que compreende a linguagem como a manipulação mecânica de símbolos abstratos e a mente como uma máquina capaz de manipular tais símbolos que só podem ganhar sentido a partir de correspondências destes (realidades internas) com as coisas do mundo exterior (mundo extra-mente). Com o abandono do pensamento atomista, abstrato e desincorporado do objetivismo, surge um pensamento filosófico da mente corpórea, o experiencialismo, em que o que vivemos, pensamos e dizemos, nada mais é do que o resultado da nossa experiência crucialmente moldada pela nossa estrutura corpórea, pela estrutura neuro-cerebral de nosso aparato físico-cognitivo em constante atividade. A linguagem é gerada neste ambiente decorrente de tais experiências interacionais entre mente-corpo-mundo físico baseadas na percepção humana – concepções de tamanho, espaço, tempo, dimensão, função, movimento etc.

Com a maior aceitação desses pressupostos experiencialistas e a evolução da área da cognição, com as chamadas ciências cognitivas principalmente a Lingüística, e mais especificamente a Semântica Cognitiva (Lakoff & Johnson, 1987 e a metáfora conceptual; Fillmore, 1993; Cuenca & Hilferty, 1999; Gibbs Jr. 1999; Croft & Cruse, 2000; Langacker,

1999 e sua gramática cognitiva; Fauconnier & Turner, 2002), tem-se intensificado o estudo do sentido sob a ótica da abordagem experiencialista na construção do significado em relação ao mundo, ao ambiente, à cultura e às experiências sociais.

2.2 A construção *vista de fora* (a visão tradicional)

Já no século V a.C., os filósofos gregos, preocupados com a linguagem, interessavam-se em explicar, num plano lógico-filosófico, por um lado, a origem e a natureza da linguagem, e por outro, a relação entre as palavras e as coisas que elas nomeiam ou significam. A palavra rotula ou nomeia uma entidade, um acontecimento da vida real de cada indivíduo e, nas relações entre tal palavra com as coisas, objetos, idéias, que representam: é possível distinguir uma parte material, física, sonora, e outra parte conceitual, inteligível, interligadas entre si.

Para nós, cada palavra tem sua concretização em sons evocados em enunciados orais, e/ou em letras organizadas no texto em enunciados escritos. Seu sentido vem do resgate de cada signo em um contexto enunciativo através do aparato lingüístico-cognitivo de cada indivíduo, suas experiências lingüísticas e sócio-cognitivas.

Saussure ([1916] 1995) fundamenta sua teoria sobre o signo lingüístico afirmando que “o signo une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Assim, as palavras não significam propriamente as coisas a que se referem, as palavras significam mediante conceitos, ou configurações conceituais abstratas, que refletem ou evocam, na mente humana, as coisas que designam.

Apesar de cada palavra evocar pelo menos um sentido, foi notado que muitas delas, ainda nos tempos mais remotos da antiguidade grega, podiam ter mais de um sentido. Um dos primeiros a notar tal diferença foi o filósofo grego Demócrito, que viu com clareza que haveria duas espécies diferentes de significado múltiplo, tendo então um mesmo vocábulo mais de um sentido ou, inversamente, mais de um vocábulo teria condição de exprimir uma única idéia (Ullmann, 1964).

Aristóteles também já em seus estudos, nota tal ambigüidade nas palavras e trata de distinguir três variedades de ambigüidades: quando o nome ou a expressão significa

propriamente mais de uma coisa; quando, por hábito, o chamamos assim; e quando palavras que em si mesmas têm um só sentido assumem um duplo significado ao combinar-se (Aristóteles, 1991). Ele criticava estas ambigüidades nos sofistas e as consideravam vícios da linguagem que obscureciam o pensamento e o raciocínio.

No fim do século XIX, Michel Bréal, que ficou conhecido como o Pai da Semântica, adota uma perspectiva histórica abordando os fenômenos da língua negando o caráter natural e mecânico da linguagem contrapondo-se a visão lingüística naturalista em voga, naqueles tempos. Segundo o autor, a característica de uma palavra receber novos significados, semelhantes na forma mais diferentes no valor, dito polissêmicos, é até a prova de uma cultura mais avançada. Bréal (1992) diz que o sentido novo não destrói o antigo, e sim, convive harmonicamente com o antigo. Reconhece ainda que um mesmo termo possa ser empregado metafórico ou próprio, restrito ou amplo, abstrato ou concreto, enfim, aceitando naturalmente esses diferentes tipos de polissemia.

A abordagem tradicional estruturalista de lidar com o significado, nem tampouco a abordagem formal do conhecimento simbólico e modular, com a memória como um “arquivo” estático, não responde nossas indagações de como o sentido é criado, mantido e retido, construído e reconstruído a todo o momento em nosso cérebro. É necessário lembrar que a lingüística avança amparando-se em outras áreas do conhecimento, e um conceito hoje deve ser estudado não apenas sob o aspecto lingüístico, mas também sob aspectos que venham a complementar sua visão lingüística.

A visão estática da língua foi sucumbida. O que nos parecia feito, acabado, apenas pronto para ser usado pelo falante, não parece ter tal propriedade. Por estar inserida no seio de uma sociedade, a linguagem é mutável, e sua mudança constante se reflete e é construída por seus usuários. Nada está parado na língua. O léxico de uma língua perde e ganha elementos mórfico-semânticos a cada minuto. Palavras sofrem transformações e significados ganham novos sentidos a cada instante. Tudo isso faz parte de sua evolução e ocorre, primeiramente, no léxico mental de cada indivíduo através de esquemas mentais que se relacionam através de representações e interações de sentidos com outros, resultando em mudanças nos significados de apoio, gerando sentidos mais restritos, mais detalhados ou

ênfatizando partes menos observadas, que tem sua amostragem na linguagem, externada pelos falantes, atualizada constantemente.

2.3 A construção *vista de dentro* (a visão cognitiva)

A lingüística cognitiva volta seu estudo para o processo de construção do significado que se inicia no indivíduo por meio de suas experiências com o meio e o uso que faz da língua em situações concretas de fala onde se estabelecem e se negociam significados. Especula como se formam tais relações de sentido no aparato cognitivo do enunciador, visto que este, ao falar, socializa todos os sentidos conhecidos, compartilhando, com seu parceiro na interação comunicativa, seus possíveis significados. A construção da linguagem no aparato cognitivo do enunciador é anterior a toda e qualquer representação lingüística.

A construção de operações que usamos para o emprego da linguagem forma o léxico mental do produtor (enunciador). Usamos, nessas operações, esquemas mentais, que, por um lado, são nada mais que processos sinápticos que envolvem ativações de impulsos elétricos eliminados por enzimas bioquímicas do aparato biofísico. Essas interações sinápticas⁹ entre neurônios envolvem interação elétrica e química complexas, que dependem do meio extracelular e de sistemas especiais de receptores celulares (Izquierdo, 1992). Mas por outro lado, essas operações distribuem processos sócio-cognitivos que geram o pensamento, a memória, o reconhecimento, enfim, dirigem e mantêm as construções lingüísticas. Tais operações que empregamos constantemente na linguagem são construídas por comportamentos inconscientes que segundo Croft & Cruse (2000), e podem ser manifestados através de quatro pares de habilidades cognitivas básicas: atenção/saliência; julgamento/comparação; perspectiva/situacionalidade; e construção/Gestalt.

⁹ Interações sinápticas (sinapses) são conexões específicas entre células do sistema nervoso gerando sinais de uma para outra, e também para outras células não neuronais como músculos e glândulas. Tais conexões são cruciais para a computação biológica que se localiza na percepção e no pensamento; pois são eles que por esse sistema de conexão, controlam os outros sistemas do corpo.

O julgamento é considerado uma função cognitiva fundamental como um tipo particular de comparação. Talvez o tipo de julgamento mais importante de comparação seja a categorização, que é descrito em termos do processo cognitivo denominado de *framing*¹⁰. O ato de categorizar se aplica a uma palavra, a um morfema ou mesmo a uma construção em que uma experiência particular seja comunicada. A categorização evoca comparação entre experiências, e julgamento a que classe pertença o objeto de tal experiência, e ainda, a qual expressão lingüística seja aplicada.

Outra operação muito discutida, que envolve julgamento/comparação, é a metáfora. Ela envolve relação entre um domínio fonte (a fonte do significado mais concreto, experiencial da expressão metafórica) e um domínio alvo (o domínio mais abstrato, não diretamente ligado às nossas experiências corpóreas que é mapeado pelo domínio fonte). Citamos o exemplo clássico de Lakoff & Johnson (1980) na sua metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO. Existe uma comparação entre o domínio alvo, TEMPO, e o domínio fonte, DINHEIRO, evocando uma relação conceitual entre ambos. TEMPO é reconstruído como algo de valor que nós possuímos, e através desta relação conceitual, pode ser experienciado da mesma forma que DINHEIRO.

Outro importante assunto que devemos continuar abordando aqui diz respeito a efeitos polissêmicos que construímos quando categorizamos, julgamos e comparamos entidades lingüísticas. Segundo Croft & Cruse (2000), a polissemia é a variação na construção da palavra nas diferentes ocasiões de uso; é a matéria de isolamento de diferentes partes do total do significado potencial da palavra em diferentes circunstâncias. Para os autores, as unidades de sentido limítrofes não são propriedades de itens lexicais, e sim, construídas no momento do uso. Portanto, toda palavra se torna polissêmica, sendo categorizada e redefinida seu corpo significativo a partir de uma nova visão construída e aceita pela comunidade do discurso (emissor e receptor).

Ao reativarmos uma palavra do nosso léxico mental, quando recebemos uma informação de alguém sobre alguma coisa, ela nunca vem com todos seus sentidos prontos.

¹⁰ Frames são quadros, molduras que são resgatadas da memória por comparação no momento de escolha e diferenciação de imagens. Criamos framing quase que a todo o momento para nos situarmos diante de discursos e textos enquadrando e economizando a construção de modelos já existentes. Muitos frames são responsáveis pela criação de estereótipos e pré-conceitos.

O que, na verdade, nós temos é uma *aparência*; teremos que prever o assunto e o contexto por vários padrões de convenções através de esquemas cognitivos para ativarmos seu sentido fechando a construção do termo. É claro que para qualquer indivíduo isso parece automático, e na realidade, o é. Mas antes de construída toda a enunciação, no momento da recepção ou da produção, milhares de sinapses terão sido feitas no nosso cérebro para chegar a tal fim. A grande maioria das relações se estabelece no plano inconsciente deixando mais difícil a árdua tarefa de reconstruir tal percurso. Mas o que nos interessa aqui é como algumas relações se entrincheiram para formular o sentido no léxico mental do falante.

2.4 Significado lexical polissêmico na Linguística Cognitiva

Um item lexical representa uma categoria complexa. Ele não tem só um significado¹¹, mas uma variedade de sentidos relacionados ainda com outra diversidade de sentidos em níveis de entrincheiramento (Croft & Cruse, 2000). Esses sentidos compreendem uma rede, ligada por relações de categorização que são de dois tipos básicos: primeiro, os sentidos que suscitam por extensão outros sentidos mais centrais na cadeia. O termo *árvore*, por exemplo, é estendido metaforicamente de seu valor prototípico (*alta, madeira, planta*) para indicar um tipo variado de diagrama com ramificações. Segundo, sentidos que elaboram outros, com maior valor esquemático. Por exemplo, do sentido prototípico de *árvore* (*planta, galhos, ramificações*) elaboramos a concepção abstrata de ‘uma entidade com ramificações’. Essa é a imagem esquemática que motiva a extensão metafórica em primeiro lugar, e que delinea uma extensão polissêmica do termo. Podemos assim, encontrar metáforas conceituais como *ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS* (*SOCIAL ORGANIZATIONS ARE PLANTS*) em Lakoff & Johnson (1980).

Um princípio básico para Langacker (1999) é que os significados lexicais não podem ser distintos com precisão, a partir do conhecimento geral de entidades a que se

¹¹ Significado e sentido são tidos como sinônimos na Linguística Cognitiva. Apesar disso, o termo significado talvez se apresente como um termo mais prototípico, enquanto a palavra sentido, neste caso, se estenda a outras idéias aproximadas.

referem. Nosso conhecimento de um dado tipo de entidade é muito vasto, e por isso, multifacetado, envolvendo muitos domínios de conceitos e experiências com variados níveis de saliência, especificidade e complexidade. Exemplo disso é quando numa comunicação qualquer alguém forma enunciados que podem ser resgatados no contexto de duas formas, como no exemplo: Jorge e Neide estão casados. (casados entre si ou casados cada um com cônjuges diferentes).

O termo *domínio cognitivo* é convencionalmente usado como um domínio básico ou uma conceitualização de qualquer tipo ou nível de complexidade. Um item lexical evoca pares de domínios cognitivos como a base para seu significado, e exibe uma considerável flexibilidade a esse respeito. Mostraremos no quadro a seguir um *continuum* que relaciona pares de domínios relativos a expressões como *péssimo* e *ótimo*:

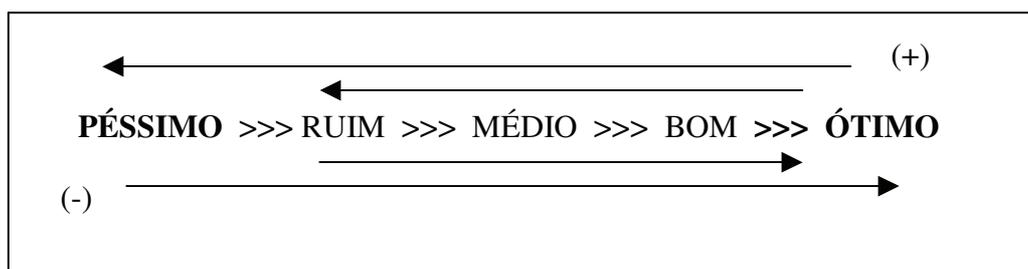


Gráfico I: Pares de domínios que se constroem entre *péssimo* e *ótimo* num *continuum*.

Os domínios que uma expressão evoca provêm de seu conteúdo conceitual. O significado lingüístico não reside, porém, em um só conteúdo, o que o torna polissêmico, pois somos capazes de construir um mesmo conteúdo em diferentes alternativas, resultando substancialmente em significados diferentes. Isso foi deixado de lado pela semântica tradicional, mas é crucial tanto para a semântica atual quanto para a estrutura da gramática cognitiva. O significado é um fenômeno multifacetado cujas várias dimensões refletem algumas das habilidades cognitivas básicas. Essas habilidades, de acordo com Langacker (1999), podem ser agrupadas em cinco tópicos gerais: especificidade, *background*, perspectiva, potencial e proeminência.

Especificidade diz respeito a nossa capacidade de conceber e retratar uma entidade em vários níveis de precisão e detalhe. Algumas hierarquias indicam que o processo de esquematização exigido pela aquisição de qualquer um item lexical pode ser carregado de diferentes níveis.

Background é fornecido através das numerosas experiências da manifestação lingüística. A mais ampla delas é a categorização por meio da qual a estrutura categorizadora serve como experiência para acessar o alvo. Também, na metáfora, na qual o domínio fonte fornece o background para a construção do domínio alvo.

O termo *perspectiva* pressupõe um número de diferentes fatores como espaço e tempo. Alguns itens lexicais como *acima, fora, ontem, logo* – incorporam uma posição espacial ou temporal como um aspecto herdado de seus significados. Abstendo-se de qualquer outra posição contrária, a localização do falante é adotada como posição por falta de outra alternativa. Um outro fator é o *mental scanning*¹² que podemos exemplificar pela diferença de significados entre o sentido dos verbos divergir (*diverge*) e convergir (*converge*) nos enunciados e gráficos a seguir:

Ex: (8a) O rio *diverge* com outro na altura da cachoeira

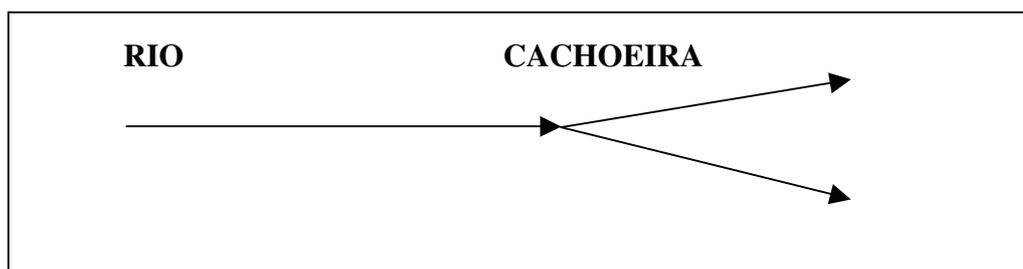


Gráfico II: Rastreamento da cena da margem do rio, da direita para esquerda.

¹² Mental Scanning (escaneamento mental) é uma varredura mental de imagens num mapa de conceitos através de sinapses. Podemos rastrear uma estrutura estática e visualizá-la de forma resumida fazendo escolha de caminho e lembrando cenários; podemos rastrear um esquema de uma cidade, por exemplo, mesmo sem nunca termos indo ou pisado nela, usando apenas a característica de construir seu esquema em nosso cérebro. Tal atividade mental nos capacita a construir esquemas nunca feitos antes, partindo de esquemas já conhecidos. Podemos rastrear cenários de onde partimos de um ponto à esquerda, e em seguida, no mesmo cenário, rastreamos a cena agora pela direita, modificando nosso foco de observação. Assim, podemos criar esquemas de imagens a partir de um mesmo cenário, apenas modificando o foco diretivo da cena.

Ex: (8b) O rio *converge* com outro na altura da cachoeira.

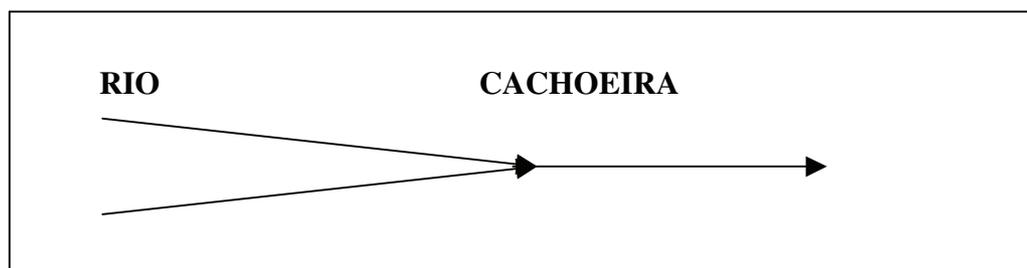


Gráfico III: Rastreamento da cena da margem do rio da esquerda pra direita.

Os dois enunciados descrevem a mesma situação objetiva estática. Seu contraste semântico reside em como o conceitualizador rastreia a cena: ele traça um caminho mental externo, do centro para a periferia, no caso de ‘divergir’, ou, interno, da periferia para o centro, como no caso de ‘convergir’. Podemos encontrar esquemas de imagens que se regulam nesta idéia ativando e construindo uma cena do centro para periferia ou da periferia para o centro, como já foi mostrado.

A palavra *escopo* agrupa conteúdos conceituais incluindo pares cognitivos, ou aquelas porções de domínios ativados que são na verdade, ativados apenas no momento necessário de uso. O termo *ontem*, por exemplo, requer em seu potencial temporal uma expansão de tempo em que inclui tanto o tempo da fala como a previsão do dia: porém, a palavra não precisa circular toda a eternidade para ser entendida, basta referir-se a um contexto temporal e situacional.

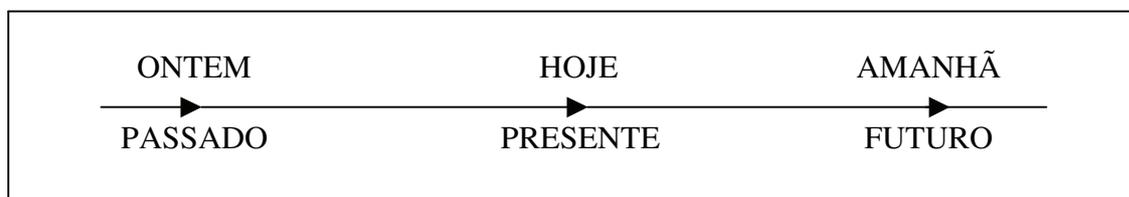


Gráfico IV: Contexto temporal e situacional em expressões que retomam tempo no discurso.

Podemos ter referências diferentes no que diz respeito ao tempo. A volatilidade encontrada nas expressões temporais se distingue através de referentes como datas (noções de dias para trás ou para frente) e é o que formam o contexto temporal. A noção de ontem (um dia antes de hoje) está sempre ligada a hoje; que por sua vez, traz sempre a noção de amanhã (um dia depois de hoje). Esses referentes temporais são construídos automaticamente, todo dia, pelo indivíduo que se utiliza dessas expressões de tempo. Assim, atualizando seu contexto temporal, o falante não se refere a um dia passado como *hoje*, nem tão pouco, a um dia presente (atual) como *amanhã*.

Há diferentes tipos de *proeminências* que devem ser distinguidos na análise lingüística. Uma delas é a categoria do domínio cognitivo pelo item lexical. O domínio das relações de parentesco é central para a caracterização de ‘tia’ mas bem mais periférico para ‘mulher’. A base de ‘tia’ inclui uma rede de parentesco que pelo menos leva a uma referência individual; um parente daquele indivíduo, e pela sua base ‘tia’ perfila um gênero feminino.

Langacker (2001) enfatiza que o perfilamento tem referência com a conceitualização, não com o mundo. Um substantivo como ‘tia’ pode ser caracterizado por ter um perfil, mesmo que apresente um tipo, e, mais à frente, uma instância específica do tipo. Além do mais, uma descrição da estrutura lingüística requer uma noção de referência contextual em que as coisas não são entidades por si só, mas também todas as relações que são capazes de ser perfiladas. A noção de perfil evoca a imagem de base. Portanto, parece difícil pensar em um conceito sem uma base. A base é a compreensão de um domínio em certo conceito. Vejamos esta relação assimétrica entre base e perfil, por exemplo, numa cadeia como o corpo: [Corpo > braço > mão > dedo > junta]. O corpo vem representar a base cognitiva de braço, o braço a de mão, a mão a de dedo, e o dedo a de junta (nó).

As classes lexicais básicas na Gramática Cognitiva de Langacker são sucessíveis à caracterização semântica. A alegação que essas classes também têm caracterizações esquemáticas – descrições semânticas abstratas válidas para todos os membros da classe – oferece resposta para a não aceitação do dogma lingüístico. Segundo a perspectiva cognitiva, a classe gramatical de um item gramatical é determinada pela natureza de seu perfil. ‘Tia’, por exemplo, é um substantivo porque perfila um tipo de ‘coisa’, enquanto ‘em

frente de' (*in front of*) é uma preposição, pois perfila certo tipo de relação. Uma classe particular representa uma categoria que transforma o centro da rede num protótipo.

A classe dos substantivos é uma grande e complexa categoria cujos itens nela incluídos servem como nós na rede. Sua categoria prototípica é aquela estrutura mais comum, que expressa o mais alto esquema abstrato. No nível mais esquemático, um substantivo, como já vimos, é caracterizado como uma expressão que perfila uma 'coisa'.

A classe dos verbos é notadamente marcada. Seu protótipo é a concepção arquetípica de uma interação energética assimétrica, que descreve especialmente um evento em que um agente faz alguma coisa para o paciente. Entre as habilidades cognitivas básicas que figuram nesta noção, duas são essências para caracterizar o verbo: a habilidade de estabelecer relações, e a de rastrear seqüencialmente uma estrutura complexa.

Os verbos frasais, além de seu cunho característico de serem polissêmicos, são excessivamente usados com elementos (formas) que não deixam claro sua estrutura conceitual, pelo contrário, possuem uma constituição diferenciada e veiculam formas que diferem, no geral, da maioria das palavras. Notadamente não se pode tratar um verbo frasal apenas por suas características mórfico-estruturais. Antes de tudo, é preciso conhecê-lo, reconhecer suas facetas, para utilizá-lo ou mesmo reconhecê-lo em contextos lingüísticos. Tais características tornam esses verbos de difícil acesso principalmente para aprendizes e falantes em estágio iniciante. Quando não se consegue acessar seus sentidos pelo contexto nem tampouco por sua estrutura morfossintática, a reconstrução semântica fica realmente prejudicada, restando apenas uma alternativa parca: recorrer ao dicionário e, possivelmente, *arquivá-lo* mnemonicamente.

Saindo do âmbito da gramática cognitiva, mas ainda na noção de construção polissêmica do signo, Croft & Cruse (2000) referem-se a facetas¹³ que evocam noções diferentes do mesmo elemento. A mesma forma perfila sentidos diversos dependendo do contexto lexical que pode acompanhar entrincheiramentos múltiplos, como se apresentam em (10).

¹³ Facetas (facets) são desdobramentos de uma mesma idéia conceitual ou de uma mesma expressão lexical. Representam apenas parte de um sentido ou conceito destacada e evocada separadamente formando diferentes *gestalts*. Elas podem construir deferentes configurações esquemáticas de sentidos fronteiros de todo um item lexical potencializado.

(10a) O *frango* fugiu do poleiro. = [animal]

Comi *frango* no jantar. = [comida]

(10b) Ela é minha *mãe* desde que nasci. = [aquela que cuida]

Minha *mãe* e meu pai são minha família. = [aquela que pariu]

(10c) Este *livro* parece muito pesado. = [volume, formato]

Este *livro* conta uma bonita estória. = [obra, conteúdo]

(10d) Este *filme* parece velho e mofado. = [volume, formato]

O *filme* é uma obra prima. = [texto, conteúdo]

Nesse ponto, a polissemia dos termos citados que estão emoldurados em facetas, ocorrem em contextos sócio-cognitivos de linguagem adequados a realidades entrincheiradas na língua, que muitas vezes não são nem sequer notadas e, portanto, tais modulações não são consideradas com sentido divergente pela semântica tradicional.

2.5 A contribuição da Gramática Cognitiva

A relação entre gramática e significado é realmente uma questão crucial na atual teoria lingüística. Não causa nenhuma surpresa afirmar, do ponto de vista da gramática cognitiva, que gramática e significado são indissociáveis. Langacker (1999) defende uma posição radical, ressaltando que a gramática tradicional reduz o conteúdo conceitual da estrutura e da simbologia, e isto não leva a uma existência autônoma do todo.

Embora, ainda a posição de Langacker seja considerada radical, de fato seu olhar é natural e se aproxima da visão da função semiológica da língua, que admite a simbologia de conceitualizações por meios de seqüências fonológicas. Admitindo essa função, a língua necessariamente compreende *estruturas semânticas*, *estruturas fonológicas*, e *ligações simbólicas* entre as duas. A teoria cognitivo-gramatical assegura que o léxico e a gramática formam um *continuum* (Croft & Cruse, 2000; Langacker, 1999), e que apenas estruturas simbólicas – onde em cada uma está a ligação de uma estrutura semântico-fonológica –

tomam parte de suas próprias caracterizações. Tudo isso ativa uma maior unificação conceitual, que cada vez mais tem sucesso em reconciliar a organização estrutural da língua com sua função semiológica. Ao longo dos anos, Langacker e seus alunos têm tentado mostrar que esta visão proporciona uma descrição mais reveladora e adequada da estrutura lingüística.

Pelo menos controverso é a natureza simbólica do léxico, que o autor entende como expressões fixadas da língua. Como um inventário de convenções básicas com ligações de significados e seqüências fonológicas, o léxico representa uma filtração da experiência humana compartilhada. Um item lexical incorpora em sua forma e seu significado através de um número substancial de percepções em eventos constantes de uso. Sua aquisição vem através do reforço de características recorrentes, o entrincheiramento progressivo de quaisquer aspectos da forma e do significado que estão sempre envolvidos em constantes eventos. Isso envolve um processo de descontextualização, em que as características não recorrentes são filtradas, como se fossem uma esquematização, abstraindo somente pontos específicos de detalhes que se tornam aparentes.

Os conceitos que ativam o *status* do significado lexical são naturais e psicologicamente salientes. Sua emersão na interação social não reflete apenas sua utilidade comunicativa pela descrição da experiência compartilhada, mas também – e mais fundamentalmente – as habilidades cognitivas básicas que dão apoio e formato a essa experiência.

A Lingüística Cognitiva aponta para um grande número de habilidades que são relevantes para a Semântica Lexical e para a estrutura da língua de modo geral. Temos, inicialmente, a capacidade inata para certos tipos básicos de experiência: podemos evocar imagens mentais, podemos experimentar uma gama de cores, gostos, cheiros e sensações táteis; temos a noção de espaço extensional em que configurações espaciais podem ser manifestadas; temos noção da passagem do tempo; nós fazemos uso de grande quantidade de emoções, etc. Tais domínios irredutíveis da experiência potencial, segundo Langacker (1999) são chamados de *domínios básicos*.

Temos várias habilidades cognitivas que são aplicáveis a qualquer domínio de experiência e essencial para a emersão de conceitos específicos (sucessivamente com altos níveis de complexidade organizacional). Podemos, por exemplo, comparar as duas

experiências e registrar também sua identidade ou qualquer discrepância entre elas. Podemos até usar uma estrutura como base de categorização da outra. Temos capacidade para abstração (esquemática) e a partir daí podemos chegar a situações de conceitualização com níveis variados de especificidade e detalhe. Somos capazes de direcionar e focalizar nossa atenção, e estruturar cenas em termos de organização figura/plano (que é sempre reversível) e outros efeitos gestalticos.

Menos notadas são certas habilidades fundamentais que Langacker (1999) considera fundamental para a lingüística semântica. Habilidades de estabelecer relações concebendo entidades em conexão uma com outra, algo semelhante também com o que ocorre na polissemia: observando uma palavra com vários sentidos, como o adjetivo “seguro”, ocorre que tal qualificativo sugere-nos a evocação de cenários apropriados para o nome e o contexto, não havendo também neste caso a designação de uma propriedade fixa. Em razão disso, podemos criar muitos “blends”¹⁴ diferentes, pelos mesmos *inputs*. É desta forma que podemos entender de diversas maneiras, seguindo a variação dos contextos: “a criança está *segura*”, “a praia é *segura*”, “a pá é *segura*”, “dirigir em velocidade *segura*”, “ele ficou a uma distância *segura*”... (Fauconnier & Turner, 2002). Isto é lingüisticamente importante, pois relações como estas figuram no significado de quase todas as expressões, muitas das quais (verbos, adjetivos, preposições) na verdade designam relações.

Ao que nos parece, os verbos são elementos portadores de sentidos de ações e estados que revelam intenções de tempo, e se reativam a cada sujeito diferente: eu nado, ela nadou, nós nadaremos etc. Os verbos frasais, por sua vez, também se apropriam destas relações e ainda mais, criam outras relações em cada contexto, fruto de suas restritas características.

Somos também capazes de agrupar entidades em pares para na base da similaridade – na base da comparação, proximidade, ou alguma outra relação – manipular tudo isso como se fosse uma unidade. Esses processos se propagam em nosso mundo mental como

¹⁴ Blends são misturas, combinações ou mesclas. O termo *blended space* foi cunhado por Fauconnier na sua teoria da Mesclagem Conceitual e parte da noção de que diferentes domínios são construídos em nossa representação mental quando estamos envolvidos numa atividade cognitiva. Assim, no discurso, uma expressão lingüística, poderá guiar os interlocutores transportando-os de um espaço mental a outro a fim de reconstruir expressões lingüísticas abstratas ou concretas que se metaforizam no pensamento. Na multidão de domínios e na criação desses espaços há ativação de conceitos que se transmutam e se misturam construindo novos espaços mentais.

“coisas abstratas” expressas na língua por substantivos. Criamos imagens mentais através desse processo construindo redes que ligam diferentes conceitos em pares, e desses pares formamos unidades. Note tais bases de similaridades nos exemplos apresentados na figura abaixo:

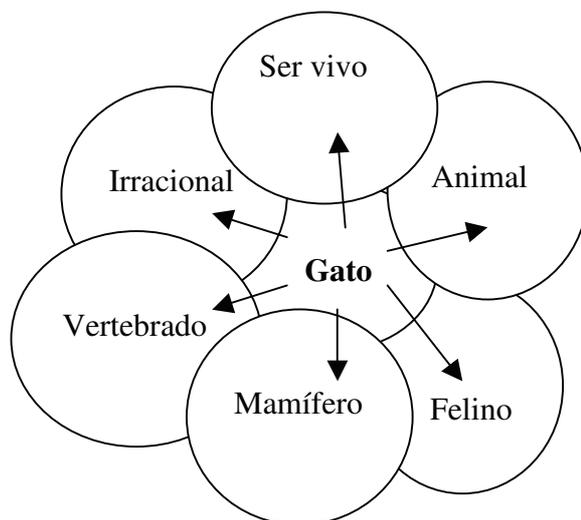


Gráfico V: A rede de similaridade de sentidos atribuída ao conceito *gato*.

Outra habilidade ainda mais importante é o *mental scannig* (escaneamento mental), por meio da qual nós seguimos uma pista por meio de uma estrutura complexa e exibimos grande flexibilidade conceitual: podemos rastrear uma estrutura estática e visualizá-la de forma resumida fazendo escolha de caminho e lembrando cenários (ex. seguir uma rota mais curta de uma determinada parte da cidade à outra).

Da mesma forma, fundamentais para a Lingüística Cognitiva são os *image schemas* (esquemas imagéticos) (Lakoff, 1987 & Johnson, 1987) e a metáfora e a metonímia. Esquemas imagéticos incluem noções como fonte / caminho / alvo, conteúdo / recipiente, centro / periferia, conexão, força e equilíbrio. São concepções altamente abstratas, primariamente configuracionais, que estão baseadas em experiências corpóreas do dia-a-dia e desempenham uma função essencial na estruturação do nosso mundo mental. Essas concepções esquemáticas emergem da experiência física que fornecem a base para projetá-las metaforicamente para outro domínio. A metáfora é essencial para a apreensão cognitiva. Nela ocorre um fenômeno conceitual em que o domínio alvo é estruturado e entendido com

referência a um outro domínio mais básico, o domínio fonte (Lakoff & Johnson, 1980). De acordo com Lakoff & Johnson (1980), no mapeamento entre o domínio fonte e o domínio alvo sempre são preservadas as estruturas imagético-esquemáticas.

A metonímia se realiza dentro do mesmo domínio por onde atuam um ponto de referência e uma zona de ativação tendo como principal efeito suas facetas de parte / todo / parte. A metonímia pode definir-se cognitivamente como um tipo de referência indireta pela qual aludimos a uma entidade implícita através de uma outra explícita (Cuenca & Hilferty, 1999).

É usando estes *instrumentos conceituais* como os esquemas imagéticos, a metáfora e a metonímia conceitual, que conseguimos transferir todas as percepções físicas para “construir” o nosso mundo conceitual. A partir dos conceitos construídos temos material para conhecer o mundo, e isto tudo inclui o pensamento e a linguagem. As relações esquemáticas que apreendemos com ações físicas, como correr até um alvo em uma competição, desembocam em ações não-físicas, como viver uma “vida corrida”. Esse tipo de comportamento gera expressões lingüísticas que conceituam, como já mencionamos, ações de um domínio físico para um domínio psicológico, por exemplo. Desta forma, portanto, encontramos diversas expressões que não devem ser entendidas literalmente como “meu trabalho hoje foi uma correria”, “Tenho que correr para verificar esta pilha de processos” e “Precisei correr para poder atender todos esses telefonemas”.

Tudo que dissemos neste capítulo sobre a natureza da linguagem e sua abordagem no campo da cognição, no que tange à Lingüística Cognitiva, Neurolingüística, Filosofia da Linguagem, Psicologia Cognitiva, entre outras, se adequa à linha em que se insere nosso trabalho. Acreditamos que os estudos elencados e aludidos aqui tem ‘descoberto’ uma série de importantes estruturas conceituais e pré-conceituais que poderão justificar a realidade psicológica dos conteúdos da mente que aparecem expressos na linguagem.

3. O Pensamento incorporado – A visão experiencialista da cognição

An image schema is a mental pattern that recurrently provides structured understanding of various experiences, and is available for use in metaphor as a source domain to provide an understanding of yet other experiences.

Johnson

Para compreender na essência a relação de esquemas imagéticos e metáforas conceituais é necessário remontarmos a pressupostos teórico-filosóficos e visões abandonadas do objetivismo, em favor do experiencialismo. Concepções objetivistas como “o pensamento é abstrato e desincorporado visto ser independente de qualquer limitação do corpo humano” foram por terra dando lugar a idéias de que “o pensamento é incorporado (integrado ao corpo) apresentando uma estrutura ecológica moldada crucialmente por nossos corpos (experiências mente-corpo-mundo físico) processando com eficiência conceitos construídos nesta interação constante entre mecanismos neurais, cognitivos e corporais” (Lakoff & Johnson, 1980).

Essa visão experiencialista do mundo encontra respaldo em teorias que se fundamentam em bases neurológicas, psicológicas, filosóficas e lingüísticas como a teoria do connexionismo, o enatismo (ou atuacionismo de Varela), a *mesclagem conceitual*¹⁵, a tese da mente incorporada (de Lakoff), a metáfora conceitual e os esquemas imagéticos.

¹⁵ Termo cunhado por Fauconnier e Turner (2002), mesclagem é uma operação cognitiva que consiste na integração de estruturas parciais de, pelo menos, dois domínios distintos em uma única estrutura, localizada em um terceiro domínio com propriedades emergentes e próprias. Esses dois domínios distintos são projetados segundo os MCIs ativados, que funcionam como *inputs* para a criação desse novo domínio (espaço da mescla), onde se reorganizam categorias, permitindo que o pensamento se mova em novas direções, em projeções multidominais.

A abordagem cognitiva do conexionismo vê a reconstrução dos sentidos como o resultado de conexões realizadas entre neurônios, as sinapses. Este paradigma busca verificar como os processos conceituais ocorrem no cérebro, rompendo com a idéia de representações simbólicas. Enquanto os simbolistas explicam a construção de sentidos como uma atividade mental, e que possui mecanismos que tornam possível o armazenamento de certos *esquemas conceituais* ou *modelos cognitivos*, que se formam a partir de um conjunto de *saberes enciclopédicos* ou *conhecimentos de mundo*, os conexionistas procuram explicar os processos mentais mediante configurações *ad hoc* em redes neurais, que funcionam de modo distribuído e em paralelo, o que significa que as atividades neurais acontecem em diferentes neurônios simultaneamente.

Para Varela (1998), o cérebro seria, de acordo com a perspectiva conexionista, “um sistema altamente cooperativo”, o que significa dizer que, as interconexões entre os neurônios determinam que tudo ocorra em função de todos eles. Essa cooperação acontece tanto no nível global como entre os subsistemas, ou seja, as diversas zonas cerebrais estão conformadas enquanto redes celulares, mas também estão conectadas entre si, formando um sistema complexo.

Varela (1998) questiona tanto o cognitivismo simbólico quanto pressupostos do conexionismo e propõe um misto entre as duas abordagens. Segundo o autor, não se teria um quadro real dos estudos da cognição, em nenhum dos enfoques pelos seguintes motivos: primeiro, grande número de conexionistas é a favor da idéia de buscar uma síntese entre o conexionismo e o cognitivismo; segundo, nenhuma das duas orientações preenche todas as dimensões essenciais da cognição. Para o autor, é necessário adotar uma visão totalmente diferente, advinda da insatisfação mais profunda e que busque no *paralelismo distribuído* (pressupostos conexionista) uma relação com as bases dos *sistemas representacionais* (pressupostos cognitivistas). Essa nova visão seria o enacionismo.

Para os enacionistas, os significados constroem-se ou são modelados de acordo com os aparatos biológicos e sócio-culturais de cada indivíduo, sendo que a mente encontra-se incorporada, isto é, inseparável da estrutura corpórea, da linguagem e da história social do homem. Enquanto, nos modelos simbolista e conexionista, o ambiente e o sujeito são vistos de forma isolada entre si, a “enação”, através do princípio da “ação incorporada”, percebe

que os significados se amoldam às experiências e capacidades perceptivas e cognitivas perante um universo cultural compartilhado. Assim é que as categorias, os conceitos e os “sentidos” do mundo tornam-se experienciais, consensuais e incorporados.

A mesclagem conceitual, como já introduzimos, é uma teoria cognitiva em que elementos e relações vitais de diversos cenários são mesclados em processos mentais inconscientes produzindo o pensamento criativo. Esses processos mentais, inconscientes, estão presentes no dia-a-dia, no pensamento e na linguagem, e compõe-se de *insights* constitutivos de novos conceitos. Essa teoria exposta no livro *The way we think* (2002), foi desenvolvida por Gilles Fauconnier e Mark Turner, seguindo uma perspectiva experiencialista de cognição conforme exposta por George Lakoff e Mark Johnson (1980, 1999).

A tese da mente incorporada, também conhecida por filosofia ou cognição incorporada, refere-se a estudos promovidos por Lakoff e seus co-autores (Mark Johnson, Mark Turner e Rafael Núñez), os quais sugerem que a mente só pode ser bem compreendida levando-se em conta o corpo e a mais primitiva estrutura da mente. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), a filosofia incorporada mostra as leis de como o pensamento é metafórico, e não lógico. A realidade é uma construção metafórica, e não um atributo da realidade objetiva. Isto é, não depende de qualquer base ontológica de ciências físicas ou religiosas, e sim, procederia de metáforas conhecidas efetivamente em certas situações cotidianas, emergindo de experiências geradas na relação entre mente-corpo-mundo físico (social, cultural, histórico etc.).

O cérebro reage de acordo com o corpo-mente (a estrutura física, o tamanho, altura, largura etc.) do falante, e, este baseia-se nisso para relacionar processos espaciais, como anunciar que uma passagem é estreita ou larga, dependendo da espessura do seu próprio corpo, que uma porta é alta ou baixa, dependendo da sua própria altura, que alguém é bonito ou feio, dependendo dos traços recebidos de crenças em sua cultura que influenciam na sua conceitualização de beleza. Portanto, não há parâmetros conceituais se não há conceituador. O conceituador baseia-se nele mesmo e em crenças sócio-culturalmente compartilhadas e transfere as relações de experiência na categorização de eventos relacionados a tempo, espaço e outros conceitos, para a linguagem. A linguagem, por sua

vez, absorve inconscientemente tais relações criando expressões que são licenciadas por esquemas de imagens, metáforas e metonímias mapeadas cognitivamente em espaços mentais que apesar de emoldurados, se relacionam *on line* através da fluidez lingüística.

A teoria da metáfora conceitual é definida pela Lingüística Cognitiva como a compreensão de um domínio conceitual em termos de um outro. O domínio conceitual é sempre coerente à organização da experiência. Tais experiências geram esquemas imagéticos que constituem a metáfora conceitual, e que pode ser representada em termos de domínios: domínio fonte, mais concreto, que fornece elementos que corresponderão a elementos do domínio alvo, mais abstrato.

O conhecimento presumido na metáfora conceitual advém grandemente do inconsciente na mente de quem as escolhe, e emerge naturalmente na linguagem de cada um. O mapeamento entre os domínios fonte e alvo licenciam as expressões metafóricas que conhecemos na linguagem do dia-a-dia. É bom também ficar claro que a linguagem também é recheada de expressões literais que se constroem e se misturam a termos metafóricos formando o que é a complexidade da língua. Assim, o usuário da língua reconhece na linguagem do dia-a-dia se determinada expressão é ou não literal, resgata seu possível sentido e interage com os demais falantes.

Outro tema que tem relação direta com a Lingüística Cognitiva é a noção de “*image schema*”, os chamados esquemas imagéticos, já mencionados. Essa noção parte da idéia que nós, seres humanos, geramos imagens mentais a todo instante para registrar tudo que ocorre em nossa volta. Nossa atuação no mundo gera experiências imagéticas múltiplas que emolduram características do pensamento e da linguagem humana. A natureza exata e o número padrão dessas experiências ainda não são bem compreendidas. O termo imagem implica “perceber” tudo em que estamos imersos na ação de conceitualizar o mundo. Conceitos são desenvolvidos na representação de conglomerados experienciais de perceber da visão, da audição, do tato, do movimento, do olfato e do gosto (gustativo). Quando falamos o termo imagem, não estamos concebendo necessariamente a idéia de imagem “visual”, e sim, as demais sensações relacionadas com cada sentido citado acima. Portanto, imagens são sempre representações análogas de coisas ou atividades específicas.

Enquanto as percepções imediatas formatam a base do “imaginário mental”, as próprias imagens são abstrações em que o indivíduo pode sentir seus detalhes “esquadrinhando” novas experiências. O modelo mental da minha casa, por exemplo, é específico da casa que moro. Mas, essa experiência particular que tenho do modelo de uma casa pode servir como base imagética para criar uma imagem mental *esquemática* de casa. Assim, formulamos muitos esquemas que se constroem e re-constroem a todo instante com base nas nossas experiências diárias. O conceito de imagem esquemática tem se tornado uma forte noção e dado um importante suporte para a compreensão do binômio pensamento e linguagem em que se baseia a lingüística Cognitiva (Johnson, 2005).

3.1 O Aparelho Conceitual Humano

Não basta entender a língua e o sistema conceitual humano para compreender a natureza de suas implicações. Sabemos que a língua, enquanto produto, só existe porque existem “equipamentos” que a suportam e a mantêm “*on line*” seus *inputs* e *outputs*, ou seja, há um aparelho corporal formado pelo cérebro (sistemas neurais que ativam a memória), membros vitais (como o coração, pulmão, rins, etc., que garantem a manutenção desse corpo) e membros outros que experienciam a relação com o mundo (como braços, mãos, pernas, olhos, boca, ouvidos, etc). Sem este aparato corpóreo-biológico não seria possível desenvolver todas as realizações lingüístico-conceituais de um indivíduo, e mais abertamente, de um grupo social.

Para sermos mais específicos, vamos estudar as relações advindas do cérebro - este importante sistema de informações que se retêm atualizado por toda a vida útil de um ser, e que garante a reconstrução de tudo que somos e que aprendemos no nosso dia-a-dia. O cérebro é o centro das informações, é a unidade central de processamento (fazendo a comparação com o computador) de tudo que compõe nossas experiências internas e externas. Uma função muito importante que se estabelece no cérebro e que é constantemente utilizada para o resgate, o armazenamento e a manutenção da informação é a memória. Tudo aquilo que sabemos a respeito do mundo, dos outros e de nós mesmos: toda essa informação foi adquirida através da experiência e está armazenada em nossas

memórias. Somos seres com história, construímos nossa identidade através de um processo que mescla nossas experiências vividas no ambiente e nossas vivências interiores; assim, somos quem somos porque aprendemos e lembramos. A memória é uma das funções cognitivas mais complexas que a natureza produziu, e as evidências científicas sugerem que o aprendizado de novas informações e o seu armazenamento contínuo causam alterações estruturais no sistema nervoso.

Para compreendermos o processo conceitual de que nos utilizamos é necessário levar em conta que tudo passa pela interação entre o ser e seu *habitat*, ou seja, a realidade. Implica dizer que a formação de conceitos advém da necessidade que nós temos de organizar nossas sensações, nossas vivências, nossas experiências, sobretudo quando notamos que estas experiências se repetem. Por medida de economia, o cérebro (mais especificamente, a memória) trabalha agrupando tais sensações reconhecidas como semelhantes. Isto é uma atividade de grande importância para a conceitualização, a categorização de tudo que o indivíduo adquire.

Os conceitos estão em constante reformulação, pois, como vimos, cada conceito é agrupado em modelos mentais que formam padrões (de comportamento e linguagem). Portanto, o rearranjo deste modelo ajusta-o a realidade tal qual ela se apresenta. Isto nada mais é que uma necessidade primordial para o bom funcionamento do próprio modelo.

Sabemos que o cérebro interage permanentemente com a realidade enviando sinais para codificar as experiências, as sensações na interação com o meio. Mas como o cérebro lida com tão grande gama de informações com que é bombardeado constantemente?

Já vimos que guardamos informações em padrões (modelos mentais) de semelhança que quando necessitamos, recorremos constantemente a eles para reconhecer (ou não) cada novo conceito. Recebemos dados através de impulsos eletro-químicos que se interligam por todo nosso corpo “alimentando” o cérebro de informação que se processa em padrões (modelos e esquemas). Estes padrões reativam redes de *inputs* que vão resgatar informações já incrustadas na memória modificando-as cada vez que percorrem o mesmo percurso. Os padrões reterão apenas as informações que venham a ter maior importância. Assim, selecionamos a informação a ser “armazenada”. O nível de importância de cada informação faz com que o “caminho” para seu resgate seja mais rápido e fácil. Se a informação não tiver importância, devido à pouca atenção, não poderá haver seu resgate. Se não resgatada

constantemente, a informação tende a enfraquecer até ser totalmente esquecida. Lembrar, neste caso, é um padrão de ligação entre determinadas células nervosas.

O córtex cerebral contém um número finito, embora muito grande de células nervosas: bilhões de neurônios¹⁶ que, estando todos interligados, geram “infinitos” caminhos para se comunicarem, trocando impulsos químicos e elétricos entre si. Sempre que há uma informação a ser resgatada (lembrada) ou a ser guardada (armazenada) no cérebro, grande parte dessas células e dessas ligações entram em ativação. Diferente do computador,¹⁷ no cérebro a informação, para ser relembrada, muda seus padrões. Os neurônios fazem sinapses e se modificam diferenciando-se entre si quando processam uma informação. Sendo assim, as ligações tornam-se mais estáveis e organizadas quanto mais forem utilizadas. Podemos fazer uma analogia com um exemplo de uma *vereda*: numa mata abre-se uma vereda e, a partir dali, dependendo se as pessoas venham frequentemente a utilizá-la, ela vai se transformando, alargando, tornando-se mais útil e chegando até a ficar um caminho, uma estrada ou uma rodovia. Chegar a um destino por esse caminho será cada vez mais rápido. Caso esta vereda fique desusada, o mato irá, aos poucos, voltando a ocupá-la, chegando a não se saber mais seu lugar exato. Alguém que um dia lembre que por ali havia uma vereda e quiser utilizá-la para chegar a um destino, terá muito trabalho e perderá um tempo enorme para chegar a seu destino, podendo até ser impossível chegar a algum destino por ela. Assim também consideramos as sinapses como essa vereda que quanto mais utilizada, mais rápido será fazer seu percurso e chegar ao seu destino.

Quando usamos o cérebro para lembrar algo, usamos a memória, e fazemos isto através dessas “veredas” espalhadas no cérebro, com os neurônios, que enviam ordens e controlam todo o corpo. Neurônios são células especializadas, cuja principal função é comunicar-se com outros neurônios e com os órgãos que realizam as ações (como os

¹⁶ Neurônios são células nervosas que se comunicam entre si através de sinapses, onde a cabeça do axônio toca em um dendrito, soma ou até em um axônio de outro neurônio. Essa comunicação geralmente se dá quimicamente mediada por uma rápida secreção de moléculas de neurotransmissores, mas também podem ser produzidos em uma estimulação elétrica. Neurônios do córtex de mamíferos, no homem e no macaco, por exemplo, como as células nervosas do cerebelo, possuem a cima de 1000 dendritos capazes de conexões com dez mil outras células.

¹⁷ Muitos especialistas comparam o computador com o cérebro e apresentam como principais similaridades o fato do computador e cérebro terem uma memória de trabalho (RAM) e uma memória permanente (RUM) onde se guarda a maior parte da informação armazenada pronta para ser resgatada e modificada.

músculos e o coração); em consequência do processamento de uma fantástica quantidade de informações, a atividade integrada dos neurônios determina e modula o comportamento dos indivíduos. A capacidade dos neurônios de se transformar e de adaptar sua estrutura em resposta às exigências ambientais, externas ou internas, é chamada de plasticidade neural.

Como já mencionamos, a eficácia das conexões sinápticas determinada na plasticidade neural, não é fixa, e sim, modificável. É postulado que a força sináptica pode ser modificada pela atividade neural e sugere-se que o aprendizado possa se utilizar dessa plasticidade através do desenvolvimento de novos processos sinápticos. Muitos estudos apóiam esta hipótese. Um dos fatores que estimula a plasticidade é a experiência. Sendo assim, a aprendizagem, um dos importantes fatores para a retenção e a apreensão do conhecimento, está ligada a atividade neural através do processamento de sinapses que levam informações e experiências captadas a todo o momento na ativação de impulsos nervosos. Tais atividades são impulsos bioquímicos (nervos e enzimas) e elétricos (descargas elétricas executadas por neurônios) que carregam através de inputs rotineiramente bilhões de dados.

O processo de estabilização da informação armazenada *on line* se estende por um prazo mais longo e envolve alterações contínuas na própria organização da memória. Toda vez que lembramos de algo estamos re-construindo e adicionando alguma informação àquele arquivo de memória.

O conteúdo emocional das memórias é um dos fatores que afeta a maneira como são armazenadas e, portanto, a sua evocação, a facilidade com que são lembradas. Por exemplo, as pessoas recordam especialmente bem eventos acompanhados de elevada emocionalidade. As emoções melhoram a memória declarativa (aquela para fatos, idéias e eventos, e toda a informação que pode ser trazida ao reconhecimento consciente e expressa através da linguagem) através da ativação da amígdala (um conjunto de núcleos nervosos situados nos lobos temporais).

Saindo um pouco do sistema biológico para o conceitual, veremos que o cérebro é uma central conceitual de *inputs* e *outputs* que são gerados constantemente quando vemos, lemos ou falamos, por exemplo. Tais atividades são imagens mentais que se organizam através de esquemas de imagens que constroem e re-constroem *links* com outros esquemas que já se encontram construídos em nosso aparelho conceitual.

3.2 O Mundo Conceitual e *Embodied Mind* (Enatismo)

Com a publicação de “*Philosophy in the Flesh*” (Lakoff & Johnson, 1999), várias descobertas empíricas sobre a natureza da mente advindas da Linguística, Psicologia, Neurociência Cognitiva e Antropologia tornaram-se disponíveis, não apenas reforçando as idéias iniciais sobre a natureza constitutiva das metáforas conceituais, mas também revelando implicações para as tradições filosóficas bem estabelecidas, como a filosofia analítica anglo-americana e a filosofia pós-moderna. Alguns paradigmas teóricos sobre como o homem conceitua o mundo foram, aos poucos, *caindo* e novas hipóteses foram sendo *levantadas*¹⁸.

A visão de significado preso às nossas experiências corpóreas no mundo iniciada em “*Metaphors we live by*” (Lakoff & Johnson, 1980) foi uma tentativa de se repensar os fundamentos teóricos propagados pela semântica formal de base objetivista, e também, foi um passo importante para o início de um movimento dentro da Linguística voltado para a valorização dos aspectos cognitivos mais básicos na constituição da linguagem. Este fato têm se tornado evidente a partir de achados provenientes de áreas tais como as neurociências e a inteligência artificial dando mostras que o homem se utiliza de relações concretas corporais para formatar o mundo a sua volta, e conseqüentemente, a sua linguagem, resultado de sua experiência em reconstruir conceitualmente este mundo.

Segundo essa teoria, como já temos constantemente mostrado, o sistema conceitual humano baseia-se em experiências concretas, incluindo experiências sensório-motoras e de natureza social. Essas experiências são armazenadas sob a forma de bases de conhecimento estáveis. A Semântica Cognitiva baseia-se no pressuposto de que há estruturas pré-lingüísticas chamadas esquemas imagéticos que dependem da experiência corpórea do indivíduo no mundo. O conhecimento humano, inclusive o lingüístico, baseia-se nessa experiência, da qual advêm os conceitos abstratos. O eixo central da teoria cognitivista de base corpórea é compreender o significado como natural e experiencial, construindo-se a partir de nossas interações com o meio.

¹⁸ Note que até mesmo as expressões cair (em *caindo*) e levantar (em *levantadas*) citadas no próprio texto, servem de exemplos quanto o grau de metaforicidade que usamos na linguagem do dia-a-dia, de maneira inconsciente, incluindo seus usos até mesmo em um gênero acadêmico-científico. Há, aqui, a metáfora conceitual MAIS É PARA CIMA (MORE IS UP) relacionada com as idéias de que o bom, a felicidade e a virtude estão para *cima*, e o mau, a tristeza e o vício para *em baixo*.

Como já mencionado, anteriormente, nossas ações no mundo nos permitem apreender esquemas imagéticos espaciais que dão significado às nossas expressões lingüísticas. Esses esquemas são organizações sinestésicas diretamente apreendidas que carregam uma memória de movimento ou de outras formas de experiência sensorial, tais como estímulos auditivos e visuais, para se mencionar apenas dois. Os principais esquemas imagéticos discutidos na Semântica Cognitiva são o de CAMINHO (relacionado a nossa experiência com deslocamentos no espaço), o de RECIPIENTE (relacionado à noção corpórea de “dentro-fora”) e o de BALANÇO (relacionado ao jogo de forças). Mas nem todos os nossos conceitos resultam de esquemas imagéticos. Há domínios da experiência cuja conceitualização depende de mecanismos de abstração. Esses mecanismos são a Metáfora e a Metonímia, processos cognitivos através dos quais estendemos nossos esquemas e categorias para além das nossas experiências físicas.

3.3 O que são Esquemas de Imagens

Dentro do paradigma teórico da Semântica Cognitiva vamos encontrar frequentemente termos como esquemas e modelos mentais, e dentre estes está o termo *esquemas de imagens*. Os esquemas imagéticos são estruturas mentais abstratas e genéricas advindas de experiências sensório-motoras, uma forma funcional que usamos para compreender / abarcar / configurar a realidade, facultadas pelas características da espécie humana. Essas imagens esquemáticas são de natureza sinestésica e não possuem elementos propriamente concretos e nem são representados por uma imagem mental única; são antes de tudo, uma maneira de representar o mundo com o qual interagimos, por isso dizem respeito a muitos aspectos da atividade do ser humano no espaço, tais como: orientação, movimento, equilíbrio, forma etc. Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de percurso, continente/conteúdo, parte/todo, ligação, centro/periferia, em cima/embaixo, frente/trás, entre outros.

Uma das idéias importantes (e originais) em Lingüística Cognitiva é a de que grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se em e é estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da

nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas — os chamados esquemas imagéticos (*image schemas* em Johnson, 1987 e Lakoff 1987, 1990).

Estas estruturas imagéticas têm que ser compreendidas como mecanismos mais abstratos que as imagens que a suportam ou configuram-na. Uma coisa é a imagem de um conceito X; outra, é o esquema *sintetizado* (modelo) que formamos a partir de uma série armazenada de imagens (modelos abstratos) e que nos permitirá perceber, ordenar e configurar outras imagens e outras experiências perceptivas que atribuímos semelhanças. Não se pode confundir esquemas imagéticos com conceitos ou categorias; esquemas imagéticos são, antes de tudo, todo e qualquer construto mental, cognitivo estruturado que permite determinada referencialidade, ou ainda, que permite a conceitualização de uma parte da realidade.

Entre os esquemas imagéticos, linguisticamente realizados de variadas maneiras, apresentados em Johnson (1987), estão os seguintes:

CONTAINER (RECIPIENTE);

BALANCE (EQUILÍBRIO);

COMPULSION (COMPULSÃO);

BLOCKAGE (BLOQUEIO);

COUNTERFORCE (CONTRA FORÇA);

RESTRAIT REMOVAL (REMOÇÃO DE RESISTÊNCIA);

ENABLEMENT (CAPACITAÇÃO);

ATTRACTION (ATRAÇÃO);

MASS-COUNT (INCONTÁVEL-CONTÁVEL);

PATH (PERCURSO);

LINK (ELO, LIGAÇÃO);

CENTER-PERIPHERY (CENTRO-PERIFERIA);

CYCLE (CICLO);

PART-WHOLE (PARTE-TODO);

MERGING (FUSÃO);

SPLITTING (FRAÇÃO, DIVISÃO);

FULL-EMPTY (CHEIO-VAZIO);

MATCHING (COMBINAÇÃO);

SUPERIMPOSITION (SUPERIMPOSIÇÃO);

ITERATION (REITERAÇÃO);

CONTACT (CONTATO);

PROCESS (PROCESSO);

SURFACE (SUPERFÍCIE);

OBJECT (OBJETO);

COLLECTION (COLEÇÃO);

NEAR-FAR (PERTO-LONGE);

SCALE (DIMENSÃO);

Essa noção é retomada por (Croft & Cruse, 2000) que os reúnem por características próprias de cada esquema de imagem correspondente em grupos, a partir de sua semelhança ao atuarem nesse conjunto. Vejamos esses agrupamentos em que os autores apresentam alguns outros esquemas:

SPACE (Esquemas de ESPAÇO)	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTER-PERIFERY, CONTACT (EM CIMA-EM BAIXO, FRENTE-ATRÁS, ESQUERDA-DIREITA, PRÓXIMO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO)
SCALE (Esquemas de DIMENSÃO)	PATH (PERCURSO)
CONTAINER (Esquemas de RECIPIENTE)	CONTAINMENT, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT (CONTENÇÃO, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO)
FORCE (Esquemas de FORÇA)	BALANCE, COUNTERFORCE, COMPULSION, RESTRAINT, ENABLEMENT, BLOCKAGE, DIVERSION, ATTACTION (EQUILIBRIO, CONTRA FORÇA, COMPULSÃO, RESTRICÇÃO, CAPACITAÇÃO, BLOQUEIO, DESVIO, ATRAÇÃO)
UNITY/MULTIPLICITY (Esquemas de UNIDADE / MULTIPLICIDADE)	MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, MASS-COUNT, LINK (FUSÃO, COLEÇÃO, SEPARAÇÃO, REITERAÇÃO, PARTE-TODO, INCONTÁVEL-CONTÁVEL, LIGAÇÃO)
IDENTITY (Esquemas de IDENTIDADE)	MATCHING, SUPERIMPOSITION (COMBINAÇÃO, SUPERIMPOSIÇÃO)
EXISTENCE (Esquemas de EXISTÊNCIA)	REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS (REMOÇÃO, ESPAÇO AO REDOR, CICLO, OBJETO, PROCESSO)

Tabela II: Esquemas imagéticos agrupados em Croft & Cruse (2000)

Tais esquemas são construídos da experiência corporificada transferidos para a linguagem. Estes esquemas são construídos por nós com relação a tudo que nos cerca – nosso ambiente físico e sócio-cultural. Por exemplo, a idéia que temos do EQUILÍBRIO é algo que apreendemos, não pela compreensão de um conjunto de regras, mas com o nosso próprio corpo, através de experiências corporais várias de equilíbrio e de desequilíbrio e da manutenção dos nossos sistemas e funções corporais em estados de equilíbrio. E este esquema imagético do EQUILÍBRIO é metaforicamente elaborado para a compreensão de vários domínios abstratos (por exemplo, estados psicológicos, relações legais e jurídicas, sistemas formais etc).

Outro esquema importante é o de RECIPIENTE (também pode ser conhecido como CONTÊINER¹⁹). É um esquema imagético que envolve uma fronteira (borda), física ou metafórica, cercando a área e o volume, ou excluindo a área e o volume. Um esquema de RECIPIENTE, segundo Johnson (1987) pode ter propriedades adicionais e opcionais como: transitividade no recipiente (onde se um objeto está fechado por um segundo objeto e este por um terceiro, o primeiro objeto está sempre fechado por um terceiro); os objetos se posicionam dentro ou fora do recipiente; existe proteção de um objeto que está fechado no recipiente; há uma restrição de forças dentro do recipiente e a posição do objeto dentro do recipiente é relativamente fixa.

O esquema de PERCURSO é um esquema imagético que evoca movimento de um lugar para outro, seja ele físico ou metafórico; e consiste em um movimento de um ponto de partida (origem) e um ponto de chegada (destino), e uma série de pontos intermediários. Podemos também encontrar esquemas que se completam. Encontramos junto com esquemas de PERCURSO, outras imagens como a de CICLO. O esquema de CICLO envolve repetição de eventos e acontecimentos seriais. Em sua estrutura incluem os seguintes: um ponto de partida; uma progressão entre eventos sucessivos sem voltar o percurso e sem retorno ao estado inicial; Esse esquema sempre apresenta em sua estrutura uma progressão que se constrói em direção ao clímax, e depois, vai aos poucos, diminuindo até acabar. Podemos ter exemplos do esquema de CICLO, os conceitos de dias, semanas,

¹⁹ O termo *CONTÊINER* também é usado, em português, no lugar de RECIPIENTE como tradução do termo em inglês *CONTAINER*. Usamos, em alguns casos, os dois itens neste trabalho sem nenhuma distinção.

meses, anos (compostos por períodos temporais), dormir e acordar, respirar, e circular (Johnson, 1987).

O esquema de FORÇA envolve interação de causa, física ou metafórica. Inclui os seguintes elementos: fonte e alvo da força, direção e intensidade da força, percurso do movimento da força e / ou do alvo, e ainda, a seqüência da causa. Este esquema pode estar relacionado a uma série de outros esquemas que compartilham forças entre si como esquemas de ATRAÇÃO e BLOQUEIO. Podemos ilustrar esse esquema, com exemplos comuns em nossa experiência física, como a atividade do vento e da gravidade; já um exemplo metafórico do esquema de FORÇA pode ser considerado, o amor.

O esquema de ATRAÇÃO é um esquema de FORÇA em que, segundo Johnson (1987), um objeto exerce uma força sobre outro objeto, fisicamente ou metaforicamente, puxando-o em sua própria direção. Exemplos de esquemas físicos: o magnetismo, um aspirador de pó, a gravidade; exemplos de esquemas metafóricos: o romance e o desejo.

O esquema de BLOQUEIO é também um esquema de FORÇA em que esta força, seja física ou metafórica, pára ou é redirecionada por um obstáculo. Exemplos: A ação de engatinhar de um bebê encontrando uma parede – ele pára ou muda de direção por causa do obstáculo.

Um esquema de LIGAÇÃO é um esquema imagético que consiste em duas ou mais entidades, conectadas física ou metaforicamente, por uma ligação entre elas. Exemplos: uma criança segurando a mão da mãe, alguém ligando uma lâmpada, qualquer uma conexão casual e ligações de parentesco.

O esquema de DIMENSÃO envolve um crescimento e um decréscimo de certa quantidade, seja ela física ou metafórica, que consiste no seguinte: uma progressão desta quantidade final aberta ou fechada, uma posição nesta progressão da quantidade, uma ou mais normas de quantidade e uma calibração da quantidade. Exemplos: quantidades físicas, propriedades em um sistema numérico, entidades de economia como as de estoque e demanda.

Os esquemas imagéticos não existem como entidades individuais e isoladas, mas ligam-se entre si através de transformações de esquemas imagéticos (*image-schema*

transformations). Como importantes transformações de esquemas imagéticos, Lakoff (1987) ainda aponta as seguintes:

da focagem do percurso para a focagem do ponto-final (seguir mentalmente o percurso de um objeto em movimento e depois focalizar o ponto onde ele pára ou virá a parar);

do múltiplo para a massa, a partir de um grupo de vários objetos, imaginá-lo como um conjunto de entidades e, finalmente, como uma massa homogênea;

do múltiplo para a massa, analogamente, uma seqüência de pontos é vista à distância como uma linha contínua;

seguir uma trajetória ou, por outras palavras, do movimento zero - dimensional para o movimento unidimensional (percebendo um objeto em movimento contínuo, pode mentalmente traçar-se o seu percurso ou a sua trajetória);

sobreposição (imaginando uma esfera grande e um cubo pequeno, aumentar o tamanho do cubo até que a esfera possa caber dentro dele e, depois, reduzir o tamanho do cubo e colocá-lo dentro da esfera).

Cada transformação de esquema imagético reflete, pois aspectos importantes da experiência humana (sobretudo corporal) visual, auditiva ou sinestésica (imagens mentais).

Vários estudos de lingüística cognitiva têm comprovado o papel fundamental dos esquemas imagéticos e das suas transformações no conhecimento, no pensamento e na imaginação, na estruturação dos domínios da experiência, na metáfora (como vimos, esquemas imagéticos são metaforicamente elaborados para a conceitualização de várias categorias abstratas; (Lakoff & Johnson 1980, Lakoff 1987, 1990, Johnson 1987, 1993)), na significação lexical, na extensão semântica das categorias lexicais e na coerência de complexos polissêmicos (com nesse estudo), na criação e na motivação semântica de formas e construções gramaticais (Langacker 1987, 1991). Os protótipos, juntamente com a metáfora e a metonímia, conferem à significação uma natureza incorporada (*embodied*) e imagética (*imaginative*). Recentemente, encontramos em vários trabalhos experimentais de diferentes áreas, com a Psicologia (Gibbs & Colston, 1995), e muitos outros citados neste trabalho, com evidência empírica sobre a realidade psicológica dos esquemas imagéticos e das suas transformações.

3.4 Esquemas Imagéticos presentes em Metáforas e Metonímias Conceituais

Reiterando o que explicitamos, anteriormente, a metáfora e a metonímia, há muito, têm sido conhecidas como "figuras de estilo", isto é, mecanismos retóricos de ornamentação da linguagem. E são essas metáforas criativas e poéticas (supostamente, típicas da linguagem literária) que mais têm sido estudadas por filósofos, retóricos e críticos literários. Mas a metáfora e a metonímia não são exclusivas da linguagem literária ou de outras formas de criação lingüística, nem são essencialmente mecanismos retóricos. Metáfora e metonímia são instrumentos cognitivos e a linguagem corrente está repleta de expressões metafóricas e metonímicas (a nível lexical, metáfora e metonímia são os dois meios mais freqüentes de extensão semântica dos itens lexicais). São estas metáforas e metonímias generalizadas, convencionalizadas e lexicalizadas (geralmente não reconhecidas como metáforas e metonímias e impropriamente ditas "mortas"), as mais importantes do ponto de vista cognitivo. Para a Lingüística Cognitiva, estas metáforas e metonímias são fenômenos verdadeiramente conceituais e constituem importantes modelos cognitivos. A sua principal diferença é a de que enquanto a metáfora envolve domínios cognitivos (domínios da experiência) diferentes, como uma projeção da estrutura de um domínio-origem ou domínio fonte numa estrutura correspondente de um domínio-alvo, a metonímia realiza-se dentro de um mesmo domínio, ativando e realçando uma categoria ou um subdomínio por referência a outra categoria ou a outro subdomínio do mesmo domínio (Lakoff, 1987).

Num estudo pioneiro sobre este assunto, Lakoff & Johnson (1980) demonstram que construímos sistematicamente muitos domínios da experiência através de metáforas conceituais, isto é, projetando neles outros domínios. Por exemplo, conceitualizamos uma discussão (um debate) através da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (sem que para isso tenhamos que ter experiência pessoal da guerra, mas porque temos dela imagens mentais mais ricas). Entre os dois domínios estabelecem-se analogias estruturais: os participantes de uma discussão correspondem aos adversários de uma guerra, o conflito de opiniões corresponde às diferentes posições dos beligerantes, levantar objeções corresponde a atacar e manter uma opinião a defender, desistir de uma opinião corresponde a render-se, etc. Tal como uma guerra, uma batalha ou uma luta, também uma discussão, um debate ou o

processo de argumentação pode dividir-se em fases, desde as posições iniciais dos oponentes até à vitória de um deles, passando por momentos de ataque, defesa, retirada, contra-ataque. Como realizações lingüísticas desta metáfora conceptual, atacamos ou defendemos determinada idéia ou argumento, tomamos posições e utilizamos estratégias, atacamos cada ponto fraco da argumentação de alguém, demolimos a argumentação do outro, acabamos por ganhar ou por perder, etc.

Todos nós pensamos e falamos da vida humana em termos de uma viagem, mais precisamente de três viagens (cf. Lakoff & Turner 1989). O nascimento é o termo da nossa primeira viagem (cf. vir, chegar ao mundo, o bebê vem a caminho, já chegou); daí até à morte realizamos a nossa segunda viagem no mundo (somos viajantes, os nossos propósitos são destinos e os meios para os realizarmos são caminhos, as dificuldades da vida são obstáculos, o progresso realizado é a distância percorrida e as escolhas são encruzilhadas); a morte é o começo da nossa última viagem (ele deixou-nos, partiu, foi para a sua última morada, já não está conosco). Outros exemplos: conceitualizamos as expressões lingüísticas como recipientes onde pomos idéias e todo o tipo de informações, as idéias e os significados como objetos ou coisas e a comunicação lingüística como envio e recepção de pacotes de informação. Assim, conceitualizamos a linguagem e a comunicação por meio da metáfora do canal (*conduit metaphor*) (Reddy, 1973/1992), conceitualizamos o tempo em termos de espaço (como um objeto que se move) e como dinheiro, o sentimento e a emoção como força, o amor como fogo e como guerra, a ira como fogo ou como um animal perigoso, o corpo como um recipiente para sentimentos e emoções, a intimidade como proximidade e ligação físicas, a vida como um jogo (de azar), o mundo como um teatro, as teorias como construções (edifícios), a mente como uma máquina, o conhecimento e a compreensão como visão, os problemas como quebra-cabeças (*puzzles*), o bom, a felicidade e a virtude como em cima e o mau, a tristeza e o vício como em baixo, etc (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Kövecses, 1996; Gibbs, 1989;).

Estes e outros exemplos mostram que a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa. Os mesmo exemplos mostram também que a metáfora

tende a ser unidirecional: através dela, geralmente construímos domínios abstratos em termos de domínios concretos e familiares. O que quer dizer que a conceitualização de categorias abstratas se fundamenta, em grande parte, na nossa experiência concreta cotidiana.

Metonímias conceituais são os vários tipos de metonímia que se baseiam em relações de contigüidade (não apenas no sentido espacial, mas também temporal, causal ou conceptual), tradicionalmente designadas por *continente pelo conteúdo*, *causa pelo efeito*, *instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada*, *matéria pelo objeto fabricado dessa matéria*, *parte pelo todo*, etc. (e o inverso de algumas destas relações). Estes e outros tipos resultam, por vezes, de relações de contigüidade entre esquemas imagéticos (por exemplo, *parte-todo*, *percurso-lugar*, *origem-percurso-destino*).

Lakoff (1987) aperfeiçoa tal discussão, afirmando que a metonímia está atrelada a modelos culturais mentalmente armazenados (Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs) e reforçando que tal processo é uma das características básicas da cognição. Parte do MCI é usada na substituição do todo na intenção de se realizarem inferências e julgamentos. No clássico estudo sobre a categoria mãe, o autor diz que a mãe-dona-de-casa pode substituir uma categoria inteira de mãe, na definição de expectativas culturais, embora existam mães de aluguel, mães adotivas, mãe de leite etc. Ainda segundo Lakoff (1987), estereótipos sociais são casos de metonímia, em que uma subcategoria tem um *status* socialmente reconhecido como substituição de uma categoria pelo todo.

Para Lakoff (1987), o modelo metonímico tem as seguintes características:

existe um conceito “alvo” A a ser entendido para algum propósito em algum contexto;

existe uma estrutura conceptual que contém A e um outro conceito B;

B é qualquer parte de A, ou proximamente associada com A, na estrutura conceitual. Uma escolha de B determinará A, dentro da estrutura conceitual;

comparada a A, B é mais fácil de entender, mais fácil de lembrar, mais fácil de reconhecer ou mais imediatamente útil para determinado propósito em determinado contexto;

o modelo metonímico é um modelo de como A e B estão relacionados em uma estrutura conceitual, sendo o relacionamento especificado por uma função de B para A.

Podemos também encontrar casos que a metáfora e a metonímia interajam frequentemente. Há muitas vezes, uma interação entre ambas, a que dá-se o nome de *metaphonymy*, nas expressões do inglês que denotam ação linguística (tendo como domínios-origem a ação violenta, o som e partes do corpo), e verifica que há casos de integração da metonímia e da metáfora, ora como metonímia dentro da metáfora ora, mais raramente, metáfora dentro da metonímia, e casos de cumulação, quer como metáfora a partir de uma metonímia quer, mais raramente, como metonímia a partir de uma metáfora. Este estudo sugere que mais frequentemente a metonímia funciona como motivação conceptual da extensão metafórica do que o inverso (Taylor, 1995).

Um dos domínios em que a interação metáfora-metonímia é particularmente freqüente é o das categorias de emoção. Nos seus importantes estudos sobre a linguagem das emoções, Kövecses (1986, 1988, 1990) e Lakoff (1987) concluem que na conceitualização dos sentimentos e das emoções funcionam um princípio metonímico geral de tipo causa-efeito, pelo qual a ira, a tristeza, o medo, a alegria, o amor e outras emoções são referidas por sintomas fisiológicos correspondentes (tais como aumento/abaixamento da temperatura do corpo, rosto corado/pálido, gritos e lágrimas, abraços, suor, alteração das pulsações e do ritmo cardíaco), e várias metáforas conceptuais desencadeadas por estas metonímias fisiológicas (por exemplo, a ira como calor, como calor de um fluido num recipiente, como fogo, como um animal perigoso; o medo como um opressor; a alegria como luz, como em cima; a tristeza como escuridão, como em baixo; o amor como nutriente, como alimento saboroso, como fogo).

4. Análise dos dados

We have been looking for at images schemas. There seems to be a fixed body of image schemas that turn up in language after language. We are trying to figure out what they are and what their proprieties are. I noticed that they have topological proprieties and that each image schemas carries its own logic as a result of its topological proprieties, so that one can reason in terms of image schemas. That is a kind of spatial reasoning.

Lakoff

Toda pesquisa presente de observação, coleta e análise de dados tendo sempre em vista seus objetivos. Assim, fomos organizando nosso trabalho de pesquisa para então empreitarmos a constituição analítica que ora se apresenta.

4.1 Procedimentos Metodológicos

O nosso objetivo geral é o de analisar as partículas ON / OFF presentes em verbos frasais, identificando-se os esquemas imagéticos que licenciam suas ocorrências em gêneros (textos escritos) diversos, presentes em livros didáticos utilizados para o ensino do inglês como língua estrangeira. A partir deste ponto, começamos a emoldurar, no inventário do trabalho, passos que devemos cumprir para chegar a este objetivo.

Iniciamos com a busca das possíveis formas verbais conhecidas, formadas pelas partículas ON / OFF em diversas fontes, separando-as por três critérios: primeiro – verbos que são formados com ambas as partículas, ou seja, pares de verbos frasais formados tanto por ON como por OFF, que é o que objetiva nossa pesquisa; segundo, verbos formados apenas pela partícula OFF e por último, somente por ON (cf. anexo 1).

Depois deste inventário de verbos, já tendo uma idéia dos possíveis exemplares que viríamos a encontrar, passamos a estudar considerações a respeito de verbos frasais com o fim de definir possíveis erros conceituais e, em seguida, passamos a escolher os livros que comporiam nosso *corpus*. A escolha dos livros foi feita através de uma pesquisa nas escolas e institutos de ensino. Procuramos buscar os livros mais usados nestes, assegurando assim, que seus conteúdos são os mais apreendidos pelos aprendizes na prática pedagógica cotidiana.

Definidos os livros a serem estudados, passamos à coleta propriamente dita. Coletamos, ao todo, 368 ocorrências de verbos frasais formados por apenas dois elementos retirados das coleções de livros (cf. anexo 2), os quais foram selecionados para compor nosso corpus. Todas as ocorrências foram analisadas em seu devido contexto comunicativo (oração e/ou período), marcadas pela localização de página e volume da obra encontrada (conforme as tabelas mostruário que serão apresentadas na seção seguinte) sendo que selecionamos todos os exemplos que contêm verbos com a propriedade semântico-estrutural de verbo frasal. Esta última anotação foi de extrema importância para não termos elementos que teriam uma estrutura composta de um verbo e uma partícula e que, portanto, não atendessem a restrição de ser um verbo frasal (cf. seção 2 do trabalho).

Formatado o *corpus* com as 368 ocorrências de verbos frasais formados pelas partículas ON / OFF, iniciamos a delimitação do mesmo para compor a amostra em que seriam pesquisados os esquemas imagéticos. Para a constituição de nossa amostra, foram escolhidas 68 ocorrências de verbos frasais que se apresentaram em pares com ambas as partículas, isto é, verbos compostos tanto por ON como também por OFF, perfazendo uma porcentagem de 18,47 % do *corpus* total.

De posse da amostra recortada do *corpus*, detivemo-nos em analisar cada ocorrência em seu contexto enunciativo para elencar os esquemas imagéticos salientes. Nesta tarefa tivemos como base os trabalhos de Johnson (1987) e Croft & Cruse (2000) (cf. seção 3.4 deste estudo). Composto as explicações sobre cada relação semântica entre os esquemas encontrados, traduzimos propondo sentidos sinônimos ao termo estudado e confeccionamos gráficos para tornar mais elucidativas as anotações.

Após todo esse trabalho definido, já tendo sido explorada a amostra conforme citamos acima, agrupamos em uma tabela todos os esquemas de imagens referenciados com seus respectivos verbos frasais concretizando a finalidade desta pesquisa. Nosso propósito em construir essa tabela, já prevista como sendo um dos nossos objetivos específicos, foi agrupar e correlacionar os esquemas imagéticos às expressões metafóricas licenciadas por verbos frasais contendo as partículas ON / OFF.

4.1.1 Definição do Método e *Corpus*

O método é o veículo que nos impulsiona para o a consecução de um objetivo. Ele define os procedimentos que iremos adotar no decorrer de toda a pesquisa. Escolhemos usar uma metodologia investigativa que colhesse “um recorte da realidade”, analisasse-a e, a partir dessa análise, chegasse à revelação de algum dado conclusivo; portanto, usamos uma abordagem indutiva.

O *corpus* foi confeccionado levando-se em consideração o objetivo geral do trabalho, que previa um estudo empírico de elementos constituídos de verbos frasais formados pelas partículas ON / OFF em materiais didático-pedagógicos utilizados no ensino de inglês como língua estrangeira.

A escolha do material se deu para satisfazer às exigências da pesquisa, a qual prevê a observação e a análise de textos presentes em livros didáticos usados na prática diária do professor, e conseqüentemente, materiais que estivessem sempre presentes em atividades construtoras de aprendizagem por parte do aluno. Escolhemos livros que pudessem servir de fonte de pesquisa e, integralmente, de estudo para alunos em diversos níveis abrangendo, assim, uma gama maior de usuários, ou seja, de pretensos aprendizes em diferentes níveis. Por este motivo, elegemos livros que servissem de material didático indo desde a escola, cursos de idiomas, ao nível superior.

Ainda tivemos o cuidado de elencar livros que tivessem um padrão editorial, produzidos por autores nativos e editoras renomadas cujos produtos têm qualidade de pesquisa para oferecer um material rico e diversificado com textos simulando o máximo

possível um contexto comunicativo nativo, visto que o melhor e mais confiável modo de analisar questões lingüísticas é procurar ocorrências que sejam o mais aproximado possível de exemplos naturais.

Um dos motivos para a escolha destes tipos de dados é o fato de que tais exemplares são formados por diferentes gêneros textuais (embora em nosso objetivo não esteja a abordagem específica de tipos de textos ou gêneros textuais) como diálogos, anúncios, cartas, cartões-postais, bilhetes, artigos de revista e jornal e outros textos dando uma maior representatividade qualitativa de amostras da realidade na língua inglesa. Foi por esta razão que procuramos ocorrências em livros didáticos, pois estes abrangem uma grande diversidade de textos e gêneros.

Nossa escolha teve como foco quatro obras, de autores e editoras diferentes, que são adotadas como livros didáticos básicos nos vários níveis de estudo, indo do ensino básico a cursos de idiomas (EFL) e a cursos universitários (adotados em cursos de Letras). Finalizando sobre a definição e a seleção dos dados examinados, procuramos, além de buscar materiais de fácil acesso aos professores e alunos, ajustar cada obra selecionada, advinda de fontes diferentes e aplicada a níveis distintos, para que o *corpus* abrangesse também uma maior diversidade lingüístico-pedagógica na pesquisa.

4.1.2 Montagem do *corpus*

A opção de montagem do *corpus* também efetuou um *quorum* quantitativo (embora não sendo nosso foco nesta pesquisa), elencando pelo nome do autor, o número de ocorrências e locais específicos nas obras (volume e páginas) obtidos na observação (cf. tabelas III, IV, V e VI). Apresentamos então algumas informações importantes sobre as obras pesquisadas como: composição da obra, nível escolar (didático-pedagógico) aplicado ao material e uma tabela expositiva trazendo a quantidade de exemplos encontrados que continham verbos frasais formados pelas partículas ON / OFF.

4.1.3 Obras selecionadas

4.1.3a AMOS, Eduardo & PRESCHER, Elisabeth. **Ace – Teacher’s Manual**

(Vol. 1, 2, 3 and 4) England: Longman, 1997.

Este material didático é composto de uma coleção de quatro volumes que se compõe de 16 unidades em cada livro. Em cada unidade, o autor apresenta textos diversos como diálogos (na grande maioria), cartas, bilhetes, entrevistas, propagandas, textos narrados e descritos sobre tempo e lugar (histórico, turístico), listas de compras e atividades do dia-a-dia etc; explicações gramaticais e exercícios.

A coleção é aplicada em escolas de ensino básico servindo de estudo base integral especificamente para alunos do ensino fundamental II – 5ª a 8ª séries ou 3º e 4º ciclos – de muitas escolas e centro educacionais, sendo utilizada largamente por professores. Na coleção da obra encontramos as seguintes ocorrências apresentadas na tabela que se segue:

Verbos encontrados em AMOS & PRESCHER (1997) – 4 volumes				
forma verbal	número de ocorrências	–	volume / páginas	
come on	01		1	90
cut off	01		3	112
go on	01		2	81
Total de ocorrências	03			

Tabela III: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Amos & Prescher (1997).

Como podemos ver na tabela descrita, a quantidade diminuta de exemplos revela o que debatemos anteriormente sobre o uso escasso de verbos frasais em materiais pedagógicos para iniciantes. O verbo frasal por ser um elemento polissêmico pode desencadear uma obstrução no acesso ao significado o que faz com que muitos autores, por uma medida didática e para facilitar o aprendizado de um vocabulário mais simples, cheguem muitas vezes a trocar o verbo frasal por outros verbos que empreendem menor dificuldade de entendimento (cf. na seção 1.3.1, pág. 29).

4.1.3b NEWBROOK, Nigel & NEWBROOK, Jacky. **Fast lane** (vol. 1, 2, 3 and 4), England: Macmillan Heinemann, 1999.

Esta obra é composta também de quatro livros e cada volume consta de 30 unidades. As unidades estudadas expõem gêneros textuais diversos dando maior prioridade a textos com interação oral. São estes: diálogos e conversações, entrevistas, instruções, bilhetes, cartões postais, cartões de comemorações, convites, cartas pessoais e comerciais, mapas de localização, placas de trânsito, receitas, gráficos, artigos e notícias de jornais e revistas, artigos publicitários, listas de compras e atividades do dia-a-dia. Há ainda textos narrativos e descritivos abordando assuntos que envolvem eventos como tempo e lugar (culturais, históricos, turísticos etc), e demais atividades que se compõem de pesquisas e estudos gramaticais e exercícios de treinamento com base nas quatro habilidades comunicativas como ouvir, falar, ler e escrever.

Esta coletânea se aplica a escolas de idiomas e universidades e serve de material de estudo integral especificamente por alunos que estudam em cursos específicos de inglês como língua estrangeira (EFL). Tal livro é adotado no ensino de língua em universidades (em cursos de letras ou afins) sendo de uso comum por professores e alunos em atividades múltiplas de ensino e construção da aprendizagem.

Em seus quatro volumes temos encontrado várias ocorrências que exibimos na tabela a seguir:

Verbos encontrados em NEWBROOK & NEWBROOK (1999) – 4 volumes

forma verbal	número de ocorrências	–	volume / páginas
act on	01		4 60
breathe on	01		3 18
come off	01		4 47
come on	03		4/2 22 / 65 - 25
drop off	01		4 06
fall off	01		2 50
fell on	01		4 64
get off	02		4/2 47 - 12
get on	02		4 60 / 61
go on	02		4/1 16 / 50
hang on	01		4 61
hold on	01		2 08
land on	01		3 33
laugh off	01		4 47
pass on	01		4 46
peel off	01		3 41
put on	02		4/3 62 -15
run off	01		4 48
spend on	02		3/1 20 - 54
start off	02		3/2 54 - 60
take off	03		4/3 43 / 60 - 34

turn off	02	4/3	62 - 61
turn on	03	4/3	62 - 61
Total de ocorrências	36		

Tabela IV: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Newbrook & Newbrook (1999).

Analisando esta tabela, podemos notar uma maior quantidade de ocorrências que na tabela com exemplares do primeiro livro analisado. A análise ainda nos revela que quanto mais inicial é o nível de aprendizagem lingüística do volume, menor a quantidade de ocorrências de verbos frasais (especificamente formados em ON / OFF). Esta constatação corrobora com a prática de muitos autores que dão preferência por não alocar os verbos frasais em volumes iniciais (que são utilizados em níveis iniciantes) em suas coleções didáticas, por estes serem verbos que se reconstroem polissemicamente, e assim, supostamente, tornam-se mais difíceis para seu resgate de sentido e compreensão na memória do aprendiz, ou seja, para a retenção do termo em seu vocabulário.

Essa proposição baseia-se na observação do quadro de ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF pesquisados e da análise que mostra uma quantidade significativa de ocorrências em volumes finais (cf. na tabela IV, volumes 3 e 4) que não são usados para estudos por aprendizes, enquanto no material de uso dos estudantes iniciais (cf. na tabela IV, volumes 1 e 2) ocorre uma quantidade de ocorrências consideravelmente menor.

4.1.3c RICHARDS, Jack C. **New interchange – Teacher’s edition** (vol. INTRO, 1, 2 and 3) Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Esta obra tem a composição feita de quatro volumes (INTRO, 1, 2 e 3) e consta de 16 unidades em cada livro. Cada unidade apresenta diversos gêneros textuais que priorizam conversações, cartões postais, cartas, bilhetes, placas de trânsito, artigos e

notícias de jornais e revistas, entrevistas, propagandas, receitas, mapas, gráficos, listas de compras e atividades do dia-a-dia, textos narrados e descritos sobre tempo, lugar, eventos culturais, históricos, turísticos etc; atividades compostas de estudos gramaticais e exercícios de treinamento de base oral (ler, ouvir e falar) e escrito.

A coletânea é aplicada em escolas de idiomas e universidades servindo de material de estudo integral especificamente por alunos que estudam em cursos específicos de inglês como língua estrangeira (ELT) e também é adotada no ensino de língua em universidades (em cursos de Letras ou afins), sendo de uso comum por professores e aprendizes em atividades de ensino e aprendizagem.

No agrupamento de seus quatro volumes, encontramos as ocorrências que se mostram na tabela a seguir:

Verbos encontrados em RICHARDS (1998) – 4 volumes			
forma verbal	número de ocorrências	–	volume / páginas
break off	01	2	83
carry on	01	intro	65
come off	01	intro	65
cool off	01	1	96
cut off	01	2	97
fly off	01	intro	25
go off	02	1/intro	32 - 94
go on	05	1/intro	18-97 / 71-103
hold on	01	intro	13
jump on	01	3	97
pay off	03	2/1	97 / 97-101
put on	01	1	42

take off	03	1/intro	104 / 24-91
try on	01	2	17
Total de ocorrências	23		

Tabela V: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Richards (1998).

O quadro exhibe um número de 23 ocorrências distribuídas ao longo dos quatro volumes. A análise, neste caso, aponta para uma pequena quantidade de ocorrências de verbos frasais (especificamente formados em ON / OFF). Não podemos lançar a tese oferecida anteriormente, de que a maioria dos autores prefere na confecção de suas obras, oferecer textos com uma presença insignificante de verbos frasais nos níveis iniciantes, visto que a mostra coletada (cf. tabela V) diz justamente o contrário. Podemos notar que as ocorrências aparecem justamente em maior número nos níveis iniciante (volume INTRO e 1) e intermediário (volume 2).

Precisamos tomar certas precauções na afirmativa defendida no tocante a generalizações, pois o certo é que não fizemos uma pesquisa com todas as amostras de verbos frasais presentes nas obras. Nosso trabalho, como já temos posto, fez restrição aos verbos formados apenas em ON/OFF.

4.1.3d HART, Carl W. *The ultimate phrasal verb book*. New York: Barron's, 1999.

Este material embora seja volume único contém 50 unidades distribuídas em 395 páginas, tornando-se a fonte de pesquisa que mais tem contribuído quantitativamente para nosso trabalho. O livro é um compêndio sobre verbos frasais estruturando cada unidade com um tema expositivo e tendo em seguida exercícios clássicos tipo modelo. A diversidade de exemplos apresentados e de verbos frasais possibilitou-nos extrair, da obra aqui apresentada, a maioria de nosso *corpus*. Mesmo não sendo um exemplo de linguagem *in natura*, como foram as coletas anteriormente feitas, as ocorrências aqui selecionadas

apresentam uma situação lingüística plausível para uma compreensão contextualizada. Oferecem também, pela sua estrutura organizacional, explicação a cada tópico sobre a relação de sentido em cada exemplo apresentado a partir de uma seqüência numérica. Foi escolhida, também, por ser uma obra de consulta e pesquisa sobre os verbos frasais que se posiciona como mais completa em termo de exemplos e casos, que para um aprendiz pode ser de grande valia para sua compreensão destes elementos (embora adote um perfil tradicional). Esta obra vem compor o ciclo de estudos que vai desde o livro texto até um livro mais específico, adotado como obra de pesquisa.

Esta obra tem como objetivo servir de pesquisa e instrução a alunos e professores interessados sobre o assunto e também como um guia completo sobre verbos frasais. Guardadas as devidas proporções, dentro de sua área de interesse, podemos dizer que ele atinge com sucesso seu objetivo. Porém, a crítica que voltamos a fazer é direcionada a seu modo de apresentar o conteúdo de cada verbo, dando poucas possibilidades ao aprendiz no que se refere ao resgate e manutenção dos sentidos em cada exemplo. Seria necessário utilizar não apenas recursos mnemônicos para salvaguardar a compreensão em cada situação descrita e é isso que penaliza a aprendizagem nesta abordagem estritamente gramático-estrutural.

Exibiremos na tabela a seguir, as ocorrências que foram encontradas em verbos frasais formados por ON / OFF em Hart (1999):

Verbos encontrados em HART (1999) - volume único		
forma verbal	número de ocorrências – páginas	
back off	02	83
bite off	02	203
blow off	02	307
break off	04	203
brush off	04	280 / 281
catch on	06	251

call off	02	91
carry on	08	117
cheat on	04	18
close off	02	91
come off	06	09
come on	14	281 / 282
cool off	06	142
count on	06	117 / 118
cross off	02	297
cut off	10	72 / 73
doze off	02	10
drop off	06	73 / 74
dry off	02	203
fall off	04	61 / 62
figure on	02	134
get off	16	135
get on	10	383 / 384
go off	10	151
go on	14	151 / 152
hang on	04	385
have on	04	189 / 190
hit on	04	92
hold off	04	119
hold on	06	391

keep off	04	291
keep on	04	291
knock off	10	204
lay off	06	64 / 65
leave off	04	92 / 93
let off	06	93
pay off	06	283 / 284
pick on	02	159
piss off	02	343
plan on	04	235
put off	04	235
put on	12	02 / 03
pull off	04	253
rip off	02	343
screw on	04	86
show off	02	182
shut off	02	197 / 198
start on	04	385
stay off	02	11
step on	04	160
stop off	02	334
switch off	02	375
switch on	02	375
take off	16	04 / 05

tear off	02	204
try on	02	334
turn off	06	340 / 350
turn on	08	350 / 351
wash off	02	204
wear off	06	205
wipe off	02	205
Total de ocorrências	306	

Tabela VI: Ocorrências de verbos frasais compostos de ON / OFF localizados em Hart (1999).

A análise do material acima coletado, como já mencionamos há pouco, anuncia grande parte de nosso *corpus*. Forneceremos os procedimentos e cuidados tomados na análise do material recortado para a formação da amostra.

4.2 Procedimentos de análise

Na análise e observação apurada dos dados, fizemos uma delimitação no *corpus* geral adquirido para compor a amostra de nossa pesquisa. Para isso, selecionamos um percentual de 18,47 % de exemplos perfazendo uma soma de 62 ocorrências de verbos frasais formados por pares de partículas ON / OFF.

Essa amostra foi nosso escopo desde quando projetamos este trabalho. Objetivávamos observar verbos frasais em pares compostos de ON / OFF para comprovar a hipótese que havia esquemas imagéticos que subjazem aos usos de verbos frasais formados pelas partículas referidas como em expressões “*get on / get off*” e “*turn on / turn off*” que aparentam ter sentidos salientes. Porém, deparamo-nos com a questão da polissemia que aqui nos reservou grande tempo de “combate”, e também fez com que

pospússemos um modelo gráfico teórico para pelo menos tentar “resolver” o caso entre literal e metafórico.

4.3 Esquemas Imagéticos Criados por Verbos Frasais Formados em ON / OFF

Consideraremos, a seguir, verbos frasais que se reconstroem polissemicamente. Muitos desses verbos aparecem em contextos com sentidos mais literais, e em outros casos, ocorrem com sentidos mais metafóricos. Medir o grau de literalidade ou de metaforicidade de tais elementos não é tarefa fácil, porém, faz-se necessário distinguir alguns pontos de reconhecimento entre seus sentidos e para isso criamos uma representação através de um gráfico que liguem tais pontos de reconhecimento. Sabemos que cada sentido se liga a um esquema mental. Cada esquema, em um verbo frasal, se liga a outros esquemas imagéticos que por sua vez podem aludir a um sentido mais ou menos literal, ou ainda, mais ou menos metafórico. Vamos chamar nosso estudo de *representação da metaforicidade em esquemas imagéticos*.

Para este fim, vamos criar um gráfico formado de duas retas. Uma reta vertical representa o teor metafórico de esquemas mentais e a outra reta horizontal alude ao teor literal dos sentidos em verbos frasais. Se não podemos criar um padrão separado para cada sentido, poderemos, pelo menos, agrupar os esquemas de um verbo frasal acenando através de comparação entre seus próprios esquemas com uma aferição que embora não tenha, na realidade, precisão matemática, ajuda na distinção entre seus graus de literalidade e metaforicidade.

Constituído o gráfico e ambas as retas, representaremos os esquemas individuais de cada ocorrência de um verbo frasal por um círculo que se posicionará nas retas de acordo com a geração de sentidos desse verbo. As duas retas terão espaços intervalares mais metafóricos (na linha vertical – a,b,c,d) ou mais literais (na linha horizontal – A,B,C,D). Oportunizaremos exemplos, à frente, que exemplificarão tal representação.

Os exemplos que serão aqui apresentados foram estritamente recortados do *corpus* já referido, especificamente da amostra composta em pares de verbos formados em ON/OFF. Por uma questão de reconhecimento da fonte pesquisada criamos um código que acompanhará cada ocorrência citada nos exemplos a frente. Utilizaremos o seguinte código para os autores examinados: para Hart (1999) usaremos (cod.#1); Newbrook (1999), (cod.#2); Richards (1998), (cod.#3); e Amos (1997), (cod.#4); Vamos iniciar nosso estudo usando como exemplo o verbo **cut off** para mostrar esquemas imagéticos que se constroem em verbos frasais:

(11a) *One of the Kings of England had his head cut off.* (cod.#1)

(Um dos reis da Inglaterra teve sua cabeça *cortada fora* [decepada].)

No exemplo (11a), o sentido de **cut off** é o mais prototípico²⁰ possível aproximado-se do verbo que o forma (cut). O significado de **cut off** e **cut** alcançam quase que a mesma significação literal de ‘cortar no sentido de separar, dividir com instrumento cortante’. Nestes casos, a partícula é quase que dispensável, deixando uma idéia de ênfase, pois a base de significação fica por conta do primeiro elemento. Seria o elemento mais central da esfera do sentido, correspondendo à imagem mental mais aproximada do verbo e da partícula.

(11b) *I was in the middle of an important call when I was cut off.* (cod.#1)

(Eu estava no meio de uma importante ligação quando eu fui *cortado* [desligado].)

²⁰ O termo protótipo é introduzido com os trabalhos psicolinguísticos de Eleanor Rosch, a partir dos meados dos anos 70, tem referência àquele elemento mais *central* na categoria, pois é por ele que avaliamos a inserção de um elemento numa dada categoria. Podemos dizer que o elemento prototípico é aquele que apresenta as características mais salientes, isto é, o fato de alguns itens lexicais manifestarem mais características prototípicas do que outros (Rosch, 1978). Em uma dada cultura, a categoria fruta, por exemplo, tem maçã como um elemento prototípico, pois é mais conhecida que tâmara, ameixa, coco ou caju. No caso de verbos frasais, chamamos de sentidos mais prototípicos, os esquemas imagéticos que mais se aproximam do verbo central formador (base) e sua partícula, ou seja, em (11a), o verbo *cut* e a partícula *off*. É necessário identificá-lo, e partir dele encontrar outros esquemas que vão tomando distância do núcleo radial.

Em (11b), a reconstrução do sentido se dá por extensão do significado de (11a), distanciando-se um pouco do centro de radialidade, porém mantendo a base do conceito. **Cut off**, neste caso, indica ‘cortar significando separar, dividir algo que tem ligação física (desligado da linha telefônica), sem necessariamente a conotação anterior de uso de um instrumento cortante’.

(11c) *After Dan became rich, he completely **cut himself off** from his family and friends.* (cod.#1)
 (Depois que Dan ficou rico, ele *desligou-se* [sem contato] completamente de sua família e amigos.)

Neste último exemplo, o verbo frasal se reconstrói a partir das idéias anteriores de ‘separação, divisão, cortar relações’, não mais usando o sentido de uma ligação física apenas, e sim uma relação incorporada de referência psicológica. É notada total mudança em comparação com o sentido de instrumento cortante que se apresenta em (11a). O significado que acessamos em (11c) é o de ‘quando criamos uma *barreira* entre nós e os outros’. Seria este, entre os três, o exemplo mais metafórico e que se distanciaria mais do núcleo radial do significado.

A representação dos esquemas imagéticos gerados entre os três significados mencionados em seu intervalo de uso no verbo frasal citado é caracterizada pela manutenção de traços ocorrentes em esquemas imagéticos que se afloram desde o exemplo mais próximo do centro (11a) até o mais próximo da periferia (11c). Existem esquemas de imagens – SEPARAÇÃO e BLOQUEIO – que licenciam as ocorrências lingüísticas em todas as frases citadas. Então, vejamos os gráficos representando os esquemas imagéticos

de *cut* e *cut off*²¹ gerado no intervalo polissêmico entre os exemplos apresentados na figura a seguir:

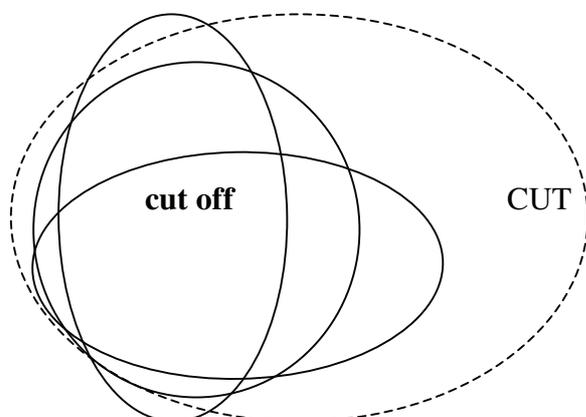


Figura 5: Esquemas gerados em *cut* e *cut off* nas sentenças (11a), (11b) e (11c).

Partimos do pressuposto de que os sentidos são construídos com pontos em volta de um núcleo radial que agrega a base comum a todos esses esquemas. É necessário encontrar pontos intercessores que juntem esses traços comuns e, a partir disso, proporcionem o reconhecimento de graus de literalidade e metafóricidade desses esquemas.

Nenhum elemento lingüístico tem seu sentido totalmente literal que nunca possa ser usado em um sentido metafórico, nem tem seu sentido construído de uma forma metafórica que nunca possa ser realizado com graus de literalidade. Assim, os verbos frasais, por serem polissêmicos em sua construção semântica, oferecem bons exemplos. Observemos o gráfico ilustrativo a seguir:

²¹ O círculo tracejado grande representa o esquema geral de CUT que tem relação por extensão com todos os outros. O centro radial do significado de *cut off* está na intersecção dos três esquemas apresentados (11a), (11b) e (11c) formando um modelo mental básico que se apresentará basilamente nos três.

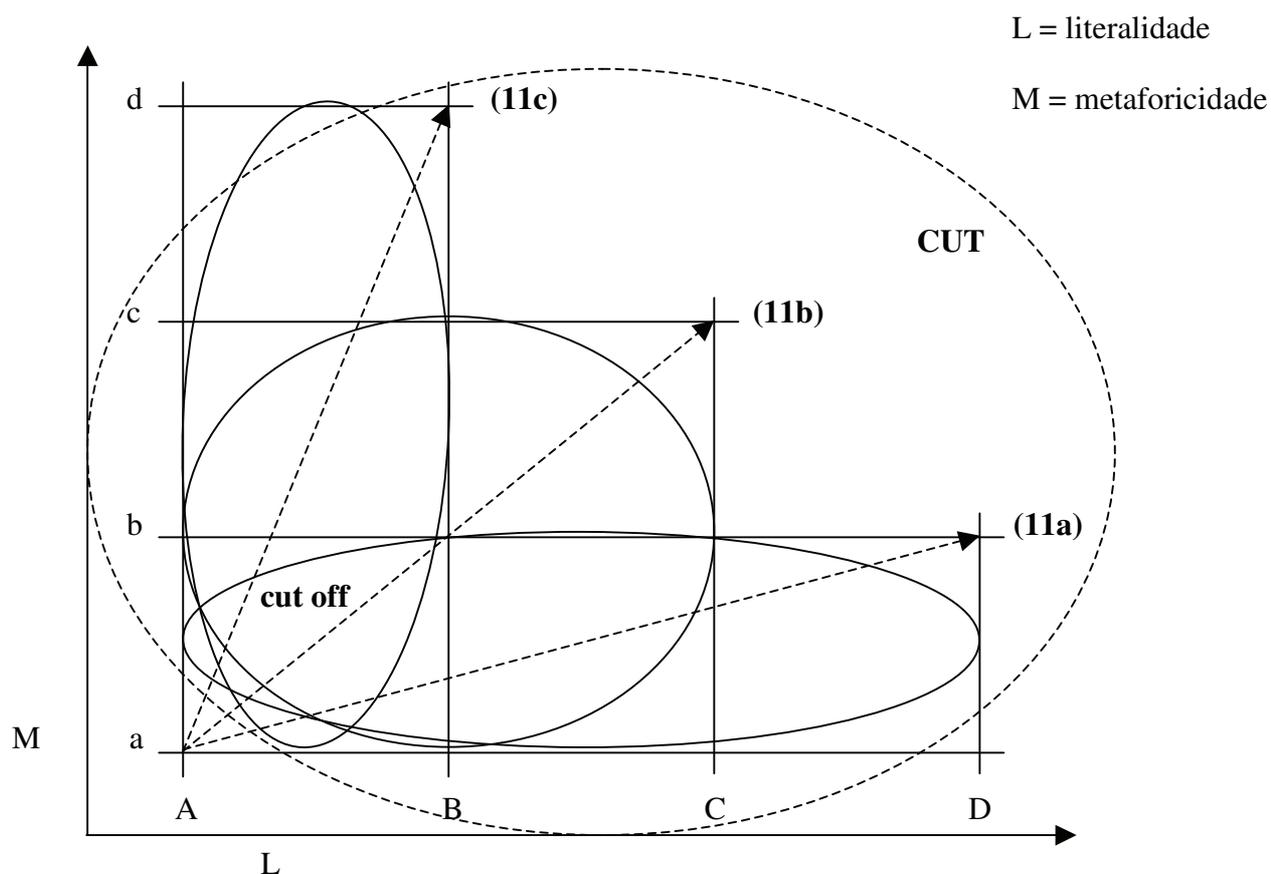


Gráfico VI: Representação dos intervalos polissêmicos²² nas retas de metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em *cut* e *cut off* que ilustram os exemplos 11(a), 11(b) e 11(c).

Há intervalos entre os sentidos construídos que se mantêm do ponto **A** ao **D**, abrangendo maior grau de prototipicidade na reta da literalidade, mas que perfazem um percurso de **a** ao **b** na linha da metaforicidade como em (11a). Observe a seguir o seguimento intervalar mostrado na fórmula e no gráfico:

$$(11a) = L(A...D) + M(a...b)$$

²² O termo intervalo aparece aqui com o significado de espaço entre dois pontos da reta que tem o propósito de marcar a posição que cada sentido pode ocupar nesta reta. A soma destes intervalos, ou seja, o intervalo total é que representará o sentido. Fazendo isto, queremos dirimir as muitas dificuldades em aferir sentidos apresentando pelo menos um índice de distinção, (+) ou (-) metafórico e (+) ou (-) literal. Isto por si só não resolverá questões sobre polissemia, porém será um ponto de partida para relação de sentido polissêmica no que tange a dicotomia: sentidos literais e metafóricos.

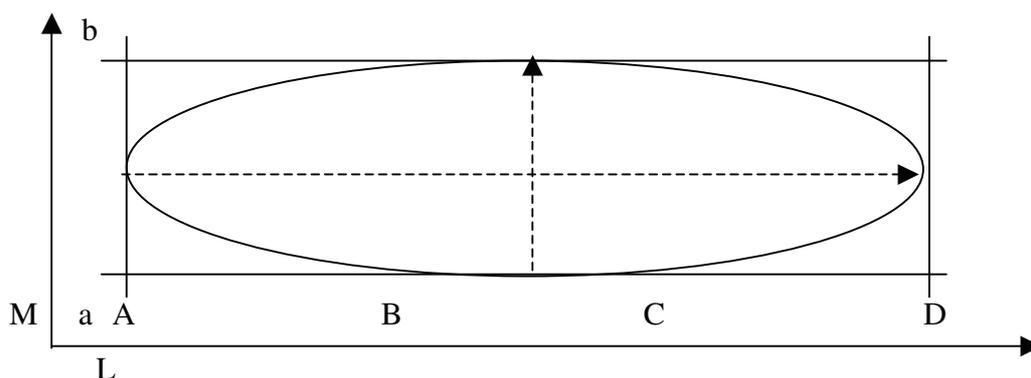


Gráfico VII: Representação do intervalo polissêmico nas retas de metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em *cut off* que ilustra o exemplo 11(a).

A literalidade em (11a) é maior. Observando a reta **L**, percebemos ela atinge três intervalos, indo de (**A** a **B**), (**B** a **C**) e (**C** a **D**); Já, a metaforicidade é menor, pois observando a reta **M**, ela só percorre um intervalo de (**a** até **b**).

Outros sentidos vão do ponto A ao C na reta de literalidade, reduzindo seu sentido literal, mas ainda mantendo grande base de significação de (11a), e construindo seu sentido metafórico, indo de **a** a **c**, como no exemplo (11b). Analise o seu intervalo mostrado na fórmula e nas retas em seguida:

$$(11b) = L(A...C) + M(a...c)$$

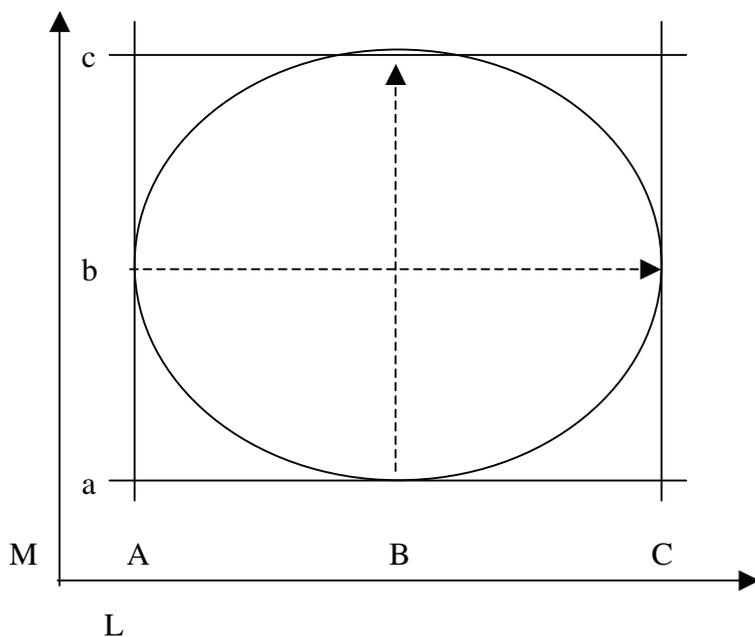


Gráfico VIII: Representação do intervalo polissêmico nas retas de metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em *cut off* que ilustra o exemplo 11(b).

Em (11b) o grau de literalidade e o de metaforicidade é igual atingindo dois intervalos em ambas as retas. Observando a reta **L**, vemos que ela vai do ponto (**A a B**) e (**B a C**), e na reta **M**, ela também percorre um intervalo de (**a a b**) e (**b a c**).

Há ainda construções que se minimizam de A a B na reta do sentido literal, mas que aumentam seu sentido metafórico a partir de intervalos **a a d** como em (11c). Sentidos como esses são construídos por esquemas imagéticos de SEPARAÇÃO e BLOQUEIO como vimos no exemplo e podem gerar metáforas e metonímias conceituais. Observe na expressão e também no gráfico a disposição do intervalo representando o exemplo (11c):

$$(11c) = L(A...B) + M(a...d)$$

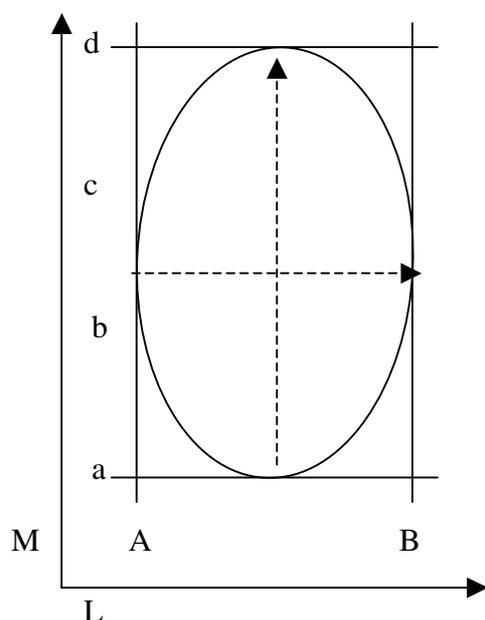


Gráfico IX: Representação do intervalo polissêmico nas retas de metaforicidade (M) e de literalidade (L) gerados em *cut off* que ilustra o exemplo 11(c).

A metaforicidade em (11c) é maior. Observando a reta **M**, verificamos que ela atinge três intervalos, indo de (**a** a **b**), (**b** a **c**) e (**c** a **d**); Já, a literalidade é menor, pois se observarmos a reta **L**, ela só percorre um intervalo de (**A** até **B**).

Queremos mostrar através dos gráficos ilustrativos acima que a radialidade é seletiva, e se processa em espaços pontuais construídos semanticamente por associação entre outros sentidos que se tornam mais ou menos literais de acordo com sua aproximação ou distanciamento do ponto de partida na reta L, ou na reta de metaforicidade M. Parece-nos que a ocorrência do sentido nos verbos frasais em ON / OFF reconstrói-se em concomitância com as retas L e M, em que os sentidos se balizam na fórmula: quanto mais sentido literal (+ L), menos sentido metafórico (- M); e quanto menos sentido literal (- L), mais sentido metafórico (+ M). Portanto, a literalidade é inversamente proporcional à metaforicidade nas frases.

4.4 Apresentação dos verbos frasais em pares

Temos o interesse de abordar esquemas imagéticos e seus esquemas de licenciamento agregados à língua de forma radial dentro do intervalo polissêmico gerado pelos esquemas dos verbos formados por ON / OFF, no caso destes verbos possuírem características de radialidade. Encontramos em nossa pesquisa verbos frasais (Ver anexo I) que formam pares como:

come off	come on
get off	get on
go off	go on
hold off	hold on
keep off	keep on
put off	put on
switch off	switch on
turn off	turn on

4.5 Análise de verbos frasais em seus pares

Exemplificaremos cada verbo na seqüência exposta acima buscando elencar sentidos e esquadrihar os esquemas de imagens que atuam nos sentidos entre seus elementos. Inicialmente teremos o verbo *come*.

4.5.1 COME

O verbo *come* apresenta na sua essência o esquema de PERCURSO (DESTINO–ORIGEM) de um ponto B a um ponto A, onde se encontra o locutor/falante. Isto também influencia a construção de seu sentido. Observe em seguida, o esquema principal de *come* na figura:

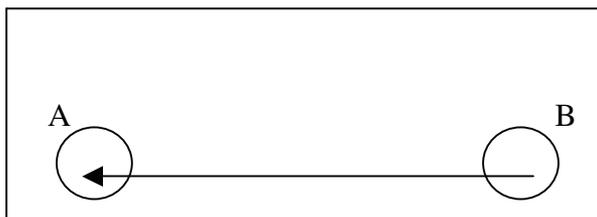


Figura 6: Esquema de imagem de PERCURSO (DESTINO-ORIGEM) gerado em *come*.

4.5.1.1 COME OFF

(12a) *A button **has come off** my coat.* (cod.#1)

(Um botão acabou de cair [‘veio fora’, separou] do meu casaco.)

(12b) *That paint **will come off** your hands if you use turpentine.* (cod.#1)

(Essa mancha sairá [‘virá fora’, separar] de suas mãos se você usar solvente.)

(12c) *The attack **came off** the way the general planned it.* (cod.#1)

(O ataque *saiu* [veio a acontecer] do jeito que o general planejou.)

Os exemplos mostram que existem esquemas imagéticos de RECIPIENTE com idéias de PARTE-TODO (fração) e SEPARAÇÃO, que licenciam expressões linguísticas construídas num *continuum* do mais literal ao mais metafórico. A partícula *off* que forma o verbo frasal, indica um esquema de REMOÇÃO (dentro para fora) do RECIPIENTE.

Em (12a) ocorre um esquema de SEPARAÇÃO e de PARTE - TODO. O *botão* (parte) se separa do *casaco* (todo). Em (12b) há a mesma idéia de separação de conteúdo a continente. As *mãos* (continente) e a *mancha* (conteúdo), enquanto o verbo *come off* representa um sentido de desligamento entre os dois. Já em (12c), acontece uma extensão de (12b) de maneira metafórica.

Muitas vezes expressões lingüísticas podem também influenciar outras levando a destruição de esquemas e automaticamente, a construção de outras imagens. É o que ocorre em (12c): a palavra *ataque* é representada como uma parte que sai de um todo (no plano do general). Há ainda metaforicamente uma idéia de percurso que inicia com a expressão “ataque” (sujeito gramatical da oração), que desloca-se de B até A. Resumindo podemos encontrar na conceitualização de COME OFF, esquemas imagéticos de RECIPIENTE, PARTE – TODO, PERCURSO e SEPARAÇÃO.

4.5.1.2 COME ON

Vejamos agora as ocorrências em *come on*. Como já foi dito, *come* pode indicar uma relação de PERCURSO de um ponto a outro onde se encontra o locutor/falante (o narrador da cena, do evento) enquanto *on* responde pela idéia de aproximação (de fora para dentro) do RECIPIENTE.

(13a) *When you open the refrigerator door, the light **comes on** automatically.* (cod.#1)
(Quando você abre a geladeira, a luz vem [acende] automaticamente.)

(13b) *The late movie **comes on** at 1:00 A. M.* (cod.#1)
(O último filme começa [vem] à 1:00 da manhã.)

(13c) *Believe me, you're going to love this garlic ice cream. **Come on**, try it!* (cod.#1)
(Acredite. Você vai adorar esse sorvete de alho. Vamos lá, experimente!)

(13d) *Todd **came on** to Judy at the party, and she told him to get lost.* (cod.#1)
(Todd deu uma cantada [veio, se aproximou] em Judy na festa e ela lhe disse para sumir.)

(13e) *Bob comes on kind of arrogant, but he's actually a nice guy.* (cod.#1)

(Bob parece um tipo arrogante, mas na verdade ele é um bom rapaz.)

O exemplo (13a) é o mais próximo sentido do verbo formador. Existe uma idéia de PERCURSO (DESTINO–ORIGEM), ou seja, *a luz vem até quem abre a porta da geladeira*. A idéia de percurso se estende em (13b) mais metafórico, não aplicado agora a lugar, como em (13a), e sim, à idéia de tempo. O esquema imagético de PERCURSO se desdobra da idéia inicial de lugar em (13a) – *a luz vir de dentro da geladeira para quem por acaso a abra* – para uma idéia de tempo em (13b) – *o filme que virá a tal hora à frente*.

Em (13c) a idéia de percurso de lugar se metaforiza, e gera um esquema de atividade (*vá lá!*). Não aparece claramente o esquema de percurso abstraído na ação. Em (13d), a imagem que se constrói, de fato, é a de uma pessoa se aproximando de outra para praticar uma ação. Existem, na realidade, esquemas de PERCURSO e APROXIMAÇÃO. A idéia de “dar uma cantada, aproximar-se e ficar íntimo” incide em sair de um ponto mais longe para um ponto mais próximo e lembra-nos o esquema que licencia a metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA. Ocorre em (13e) o exemplo mais metafórico deste verbo que realiza um percurso que não mais se refere apenas a lugar, nem a tempo, mas também, a uma mudança de estado (*Bob vem a ser arrogante*).

4.5.2 GET

O verbo *get* geralmente exhibe um esquema de PERCURSO seguido de outros esquemas como RECIPIENTE, REMOÇÃO e CONTATO que se metaforizam e licenciam uma gama de expressões lingüísticas. Não é a toa que este verbo aparece nos dicionários convencionais com uma infinidade de significados, às vezes, cada um mais diferente que o outro. A base de sua significação é bastante polissêmica podendo compreender vários esquemas que sofrem transformações em outros esquemas imagéticos (*image-schema transformations*). Segundo Lakoff (1987), estas transformações de esquemas imagéticos

formam sentido na significação lexical, na extensão semântica das categorias lexicais e na coerência de complexos polissêmicos, e ajudam na criação e na motivação semântica de formas e construções gramaticais, de acordo com Langacker (1987, 1991).

Um exemplo de construção polissêmica de *get* encontramos na capacidade de transmutação semântica de sua base utilizando ambas as partículas gerando a expressão *get off on*. Embora nosso trabalho não tenha como escopo verbos formados por três elementos como já aludimos anteriormente, vamos a título de exemplo observar os esquemas gerados nessa junção, a seguir:

(14a) *Sally loves winter sports, and she especially gets off on snowboarding.* (cod.#1)
(Sally adora esportes de inverno, e especialmente *ama* esqui na neve.)

(14b) *Mountain climbing is what I get off on.* (cod.#1)
(Subir montanha é o que eu *adoro*.)

Veja que o esquema gerado nas frases acima, apresenta a idéia de RECIPIENTE. A idéia de sentimento gera um esquema de aproximação, manutenção dentro do contêiner, proteção e segurança. O sujeito se sente bem fazendo isso, pois gosta de fazê-lo. Nas frases, tal sentido vem estendido metaforicamente para algo que se sente. Amar é manter dentro de si algo que se quer muito, ou seja, somos o recipiente e alguém ou aquilo que amamos é o conteúdo; aqui, no caso específico dos exemplos apresentados, os *esportes* (*snowboarding* e *mountain climbing*).

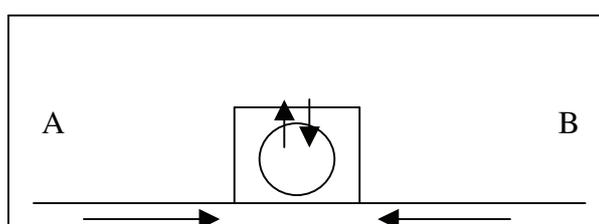


Figura 7: Esquema de imagem de RECIPIENTE (expulsão ou inclusão) e PERCURSO gerado em *get*.

4.5.2.1 GET OFF

Nas ocorrências lingüísticas do verbo *get off*, encontramos um forte esquema de CONTENÇÃO (DENTRO-FORA). Nota-se que o verbo base vem dar sentido ao esquema de RECIPIENTE, enquanto a idéia de expulsão é mantida pela partícula *off*. Vejamos exemplos extraídos do nosso corpus abaixo:

(15a) *The bus stopped and I got off.* (cod.#1)

(O ônibus parou e eu saí.)

(15b) *The referee told the player to get off the field.* (cod.#1)

(O árbitro pediu o jogador para sair do campo.)

(15c) *I can't get this paint off my hands.* (cod.#1)

(Não consigo tirar [fora] esta tinta de minhas mãos.)

(15d) *Sally said she wouldn't get off work until 6:00.* (cod.#1)

(Sally disse que não sairia do trabalho até 6:00h.)

(15e) *Pregnant women usually get three months off with pay.* (cod.#1)

(As mulheres gestantes geralmente tiram três meses de licença remunerada.)

(15f) *If his lawyer hadn't been so incompetent, he would have **gotten him off** with a lighter sentence.* (cod.#1)

(Se seu advogado não tivesse sido tão incompetente, ele o teria *tirado* [saído do tribunal] com uma pena mais leve.)

(15g) *I need to **get off** the phone now. There is someone at the door.* (cod.#3)

(Preciso *desligar* [sair] o telefone agora. Tem alguém na porta.)

Observando as ocorrências em destaque podemos notar a idéia de manter o objeto dentro do RECIPIENTE, ou seja, conter o *sujeito*²³ dentro do contêiner. Note em (15a, (15b) e (15c), que se apresenta claramente o esquema de RECIPIENTE (o ônibus, o campo e as mãos) em que o sujeito deve fazer um PERCURSO de DENTRO para FORA. Em (15b) ocorre um acréscimo nesse sentido com a idéia de *expulsão* do campo enfatizada por *off*. Já em (15c) há também um esquema de SUPERFÍCIE visto que *paint* [a tinta] (conteúdo) está sobre *hands* [as mãos] (continente). Nos exemplos (15d) e (15e), há sentidos de tempo e espaço compondo o esquema de CONTENÇÃO enfatizado na expressão *work* tornando mais metafórico esta ocorrência. Muitas vezes, esquemas espaciais progridem para esquemas temporais tornando a expressão mais metafórica.

Em (15f) continua a idéia antes apresentada de RECIPIENTE, porém bem mais metafórica, pois aqui *lawyer* [o advogado] (conteúdo) vai tirar alguém [*him*] que tem problemas com a justiça, da sala de julgamento no tribunal. Até aqui, parece-nos uma idéia esquemática bastante literal. Porém, o RECIPIENTE de onde o advogado vai tirar alguém metaforicamente se divide em outra faceta, constrói o sentido de *prisão, perda da liberdade*, que é um conceito tanto físico quanto psicológico. Há notadamente essas duas facetas juntas no caso exibido mostrando que os esquemas se reconstroem do concreto para o abstrato, ou seja, do plano físico (prisão, cadeia, jaula) para o psicológico (perda da liberdade).

²³ O termo *sujeito*, aqui usado, tem referência com o elemento, que num esquema de RECIPIENTE, é o conteúdo, o objeto a ser contido que pode evoluir para DENTRO-FORA (idéia de expulsão) ou FORA-DENTRO (idéia de inclusão) no CONTÊINER. Nada deve lembrar a idéia tradicional de *sujeito gramatical*, embora algumas vezes tais conceitos possam ter a mesma função em alguns casos.

Por fim, no exemplo (15g), podemos observar uma extensão atributiva de lugar na *CONTENÇÃO* e um outro esquema de *SEPARAÇÃO*. A esquematização não retrata um esquema físico convencional – duas pessoas se encontram no mesmo esquema por estarem ligadas por um fio. O *phone* [telefone] ligado referencia a união do esquema, mas aqui, o desligar evidencia o corte [*SEPARAÇÃO*] físico.

4.5.2.2 GET ON

Em *get on*, há notadamente casos que são o inverso em *get off*. Podemos exemplificar com (16a), em que fica explícito o esquema de *RECIPIENTE* (*DENTRO-FORA*) evidenciando a oposição. Existem outras imagens de *PERCURSO*, *CONTATO* e *SUPERFÍCIE*, e ainda, de continuidade, implícitas.

(16a) *The bus stopped so that I could **get on**.* (cod.#1)

(O ônibus parou então eu pude *entrar*.)

(16b) ***Get your coat on!** It's cold outside.* (cod.#1)

(*Vista o seu casaco! Está frio lá fora.*)

(16c) *The nurse asked me to take off my shirt and **get on** the examination table.* (cod.#1)

(A enfermeira pediu-me para tirar minha camisa e *subir* na mesa de exame.)

(16d) ***Getting on** a camel isn't as easy as **getting on** a horse.* (cod.#1)

(*Andar* [subir] num camelo não é tão fácil como *andar* [subir] num cavalo.)

(16e) *I didn't say you could stop! **Get on** with your work.* (cod.#1)

(Não mandei você parar! *Continue* com seu trabalho.)

Em (16a), como já expomos, aparece o caso mais prototípico com um esquema físico do RECIPIENTE (*bus* [ônibus]) em que o sujeito faz o PERCURSO, desta feita, como já foi mencionado, inverso a (15a), de FORA para DENTRO. Outro esquema presente em (16b), refere-se á imagem de RECIPIENTE em que o sujeito entra. A expressão *vestir* revela a idéia de CONTENÇÃO da *roupa em que entramos nela para nos protegermos do frio*. Portanto, *coat* [o casaco] é o RECIPIENTE, enquanto a pessoa é o conteúdo deste. Nos exemplos (16c) e (16d), aparece o esquema de SUPERFÍCIE (CONTATO). Em (16c), *estar em contato com a superfície da mesa, ficar sobre a mesa* e em (16d) *o contato se faz em estar sobre um animal, em cima dele*. Por último, em (16e) ocorre um sentido de continuidade da ação apresentada.

4.5.3 GO

Trabalharemos agora com parte do corpus de verbos formados por *go*. O verbo base *go* realiza um esquema imagético de PERCURSO (descolamento) inverso ao do verbo *come*. O esquema de PERCURSO em *go* é da origem ao destino construindo uma LIGAÇÃO, mesmo que metafórica entre eles. Em seguida, apresentamos na figura abaixo um esquema ilustrando esta idéia:

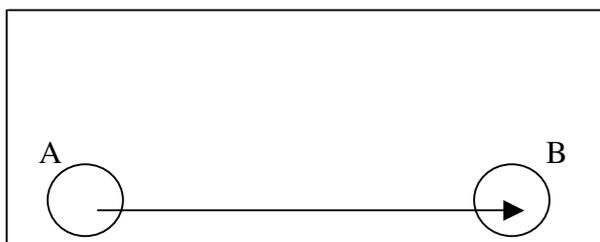


Figura 8: Esquema de imagem de PERCURSO (ORIGEM-DESTINO) e LIGAÇÃO gerados em *go*.

Sabemos que o verbo *go* inicialmente representa um esquema imagético de PERCURSO saindo de um ponto de partida A distanciando-se para B (ponto de chegada). Este percurso mantido na base do verbo formador é importante para analisarmos os verbos que se formam a partir dele.

Inicialmente, analisaremos o verbo *go off*:

4.5.3.1 GO OFF

(17a) *At the museum, Sally **went off** with her friends to see some things we weren't interested in.* (cod.#1)

(No museu, Sally *saiu* [foi] com seus amigos para ver algo que nós não estávamos nem interessados.)

(17b) *The drug bust **went off** without a hitch.* (cod.#1)

(A batida [blitz] da droga *aconteceu* [foi] sem problema.)

(17c) *The electricity **went off** at 8:30 last night.* (cod.#1)

(A eletricidade *parou* [saiu, faltou] às 8:30 noite passada.)

(17d) *I was late for work because my alarm clock **didn't go off**.* (cod.#1)

(Cheguei atrasado para o trabalho porque o despertador *não disparou* [funcionou].)

Podemos observar que os dois primeiros casos (17a) e (17b) são os mais prototípicos, pois apresentam um grande grau de literalidade. Embora em (17b) já haja um

grau de metaforicidade implícito, pois se trata de uma batida policial (uma blitz), não se fala mais aqui de indivíduos, e sim, de uma atividade que envolve indivíduos dela incumbidos. Neles ocorrem esquemas de PERCURSO herdados do verbo base - *go*, enquanto a partícula *off*, em ambos os casos, parece não representar efetivamente nenhuma mudança.

Já os casos (17c) e (17d) mostram ligação com o verbo formador, que trazem a idéia de PERCURSO, porém, apresentam na partícula, um esquema de BLOQUEIO. Há claramente o sentido de não funcionamento, já que *eletricidade é conduzida por fios de um lugar a outro*. Se eletricidade percorre um ponto (A) a outro (B) (PERCURSO) o não funcionamento gera um BLOQUEIO. Em (17d), o *não funcionamento do relógio* é corroborado pela partícula de negação ligada ao verbo. O que desta feita, fica claro é a idéia de percurso não iniciado. Ou seja, o som do alarme não é ouvido (não percorre o caminho, não sai), portanto, não funciona.

4.5.3.2 GO ON

(18a) *Yes, caviar is fish eggs, but it's good – go on, try it!* (cod.#1)

(Sim, caviar é ova de peixe, mas é bom – vá lá, experimente!)

(18b) *I told him to stop talking, but he went on and on and on and on.* (cod.#1)

(Pedi-lhe para parar de falar, mas ele *continuou, continuou, e continuou.*)

(18c) *If you see anything illegal going on, call the police immediately.* (cod.#1)

(Se você vir algo ilegal *acontecendo*, chame a polícia imediatamente.)

(18d)

MR. DIAZ: *What is **going on**, Gloria?* (cod. #4)

(SR. DIAZ: O que está *acontecendo* [*ocorrendo*], Glória?)

MRS. DIAZ: *I don't know. Why?*

(SRA. DIAZ: Eu não sei. Por quê?)

MR. DIAZ: *Ana is setting the table.*

(SR. DIAZ: Ana está colocando a mesa.)

MRS. DIAZ: *But Ana always watches TV at this time of the day. (...)*

(SRA. DIAZ: Mas a Ana sempre assiste TV nesta hora do dia. (...))

(18e) *The lights **goes on** automatically if someone walks near the door.* (cod.#1)

(As luzes *acendem* automaticamente se alguém anda perto da porta.)

O verbo *go on* nos casos acima esquematiza sentidos de PERCURSO transmitidos na sua base formadora – o verbo *go*, como já dissemos. Contudo, de início, podemos encontrar um esquema de continuidade e ação estendido deste esquema de movimentação, ou seja, PERCURSO de modo metafórico.

Em (18a), o esquema de PERCURSO (movimento) se desdobra para uma ação processual. A expressão *go on, try it!* que indicava um percurso, agora transmuda-se para a ação de fazer algo. Talvez ocorra ainda um sentido de percurso, porém não mais espacial, e sim, processual: *pegar a comida (caviar), levá-la a boca, mastiga-la e engoli-la*. Observamos também o esquema de RECIPIENTE que no exemplo citado é o que envolve a comida. Neste caso, nós somos o recipiente natural quando ingerimos algo. Já na ocorrência seguinte (18b), o esquema de PERCURSO se estende, é maximizado e forma um sentido de continuidade. A ação descrita no exemplo é reiterada continuamente. A partícula *on* responsável pela repetição enfatiza um contínuo que repete o esquema do movimento anterior.

Nos exemplos (18c) e (18d) reafirma-se a postura esquemática de PERCURSO, no entanto entenda-se um percurso metafórico. Percurso aqui indica quebra de expectativa, rotina, algo anormal que não é o corriqueiro. O esquema de PERCURSO aparece em “ir de um ponto a outro”, ou seja, a ação metafórica de fazer uma atividade para modificar algo. É então que surge a idéia de quebra de expectativa. Em (18d), a menina faz algo que normalmente não é da sua rotina – *por a mesa*. Seu pai estranha essa atitude usando a expressão: *What is going on?*

No exemplo (18e) existe a idéia de PERCURSO (ORIGEM-DESTINO), ou seja, *a luz vai até quem abre a porta*. Neste caso há esquemas invertidos em *come on* e *go on*. Comparando-o ao exemplo (13a), as imagens se equiparam modificando apenas o modo como é rastreada a cena: de um ponto B para A em (13a), caso do verbo *come* (cf. figura 6); ou de um ponto A para B em (18e), caso do verbo *go* (cf. figura 8).

4.5.4 HOLD

O verbo *hold* demonstra em sua base um esquema de força de CONTENÇÃO (de FORA para DENTRO, e às vezes de DENTRO para FORA). O esquema de RECIPIENTE envolve uma fronteira, física ou metafórica, cercando ou excluindo a área e o volume. Observamos nos esquemas ligados à expressão lingüística *hold* propriedades em que os objetos se posicionam dentro ou fora da borda, há proteção de um objeto fechado (metaforicamente constrói a idéia de segurança), a restrição de forças dentro do recipiente, e a posição apresenta-se relativamente fixa no objeto dentro do recipiente. Observe a figura 9 que mostra o referido esquema:

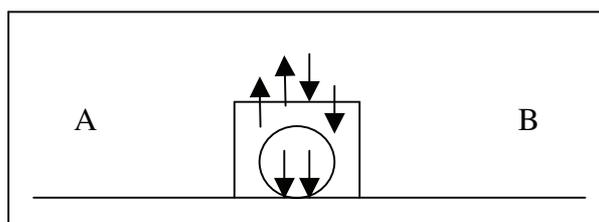


Figura 9: Esquema de imagem de CONTENÇÃO (DENTRO) gerado em *hold*.

4.5.4.1 HOLD OFF

Em *hold off*, encontramos um esquema de CONTRA-FORÇA que consiste em ter uma força de expulsão (FORÇA DE DENTRO PARA FORA) do RECIPIENTE que, muitas vezes não se realiza, prevalecendo o sentido mais forte, e uma força de inclusão (FORÇA DE FORA PARA DENTRO), mantendo a posição inicial do elemento base do verbo *hold*. Um exemplo físico clássico deste esquema de imagens é a gravidade que atua em nossos corpos nos mantendo constantemente presos ao chão. Mesmo que tentemos sair do chão pulando alto, buscando ficar no ar, a força gravitacional nos traz de volta retendo-nos em contato com o recipiente, que neste caso é a Terra. Nossa força nos empurra para cima, porém, é anulada por outra força maior, a força da gravidade. Acompanhem os exemplos a seguir:

(19a) *The enemy was so strong that there was no way to **hold them off**.* (cod.#1)

(O inimigo era tão forte que não havia nenhuma maneira de *retê-los* [*mantê-los fora*].)

(19b) *You'd better **hold off** accusing Mike until you're a 100 percent sure.* (cod.#1)

(Seria melhor você *conter-se* [*aguardar, esperar*] em acusar Mike até você estar 100 por cento seguro.)

Em (19a), o esquema de CONTRA-FORÇA se realiza quando existem duas forças que se chocam: (1) a força de DENTRO pra FORA que faz com que o inimigo fique fora (retenção) do RECIPIENTE e (2) a força do inimigo que é mais poderosa (causa), de FORA pra DENTRO, invadindo o contêiner. A oração se apresenta na negativa, prevendo que não poderá reter a força (2) que invadirá a segurança do objeto dentro do RECIPIENTE. Note que a CONTRA-FORÇA atua para proteger o objeto mantendo-o dentro do RECIPIENTE. No exemplo seguinte (9b) há um esquema de forças muito mais metafórico – uma força

(F1) quer acusar Mike e outra força (F2) quer impedir esta ação *por precisar de mais provas contra ele* (causa). Deste esquema de CONTRA-FORÇA, a força que prevalece é a que quer impedir, ou pelo menos, retardar esta ação. Observe o esquema de CONTRA-FORÇA especificamente em (19a) ilustrando este esquema na figura abaixo:

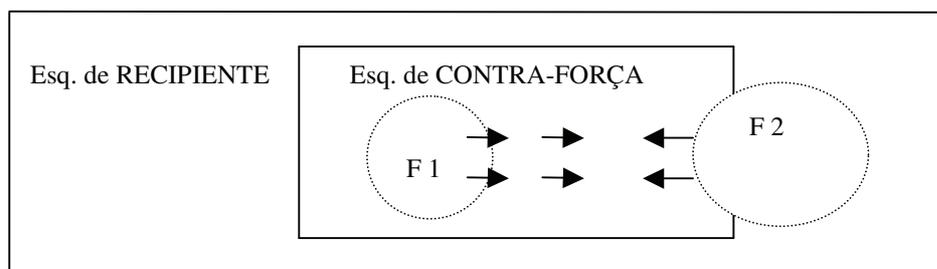


Figura 10: Esquemas de imagens de RECIPIENTE e CONTRA-FORÇA gerados em *hold off* (19a). A Força 1 localiza-se dentro do contêiner (F1) lutando com a Força 2 (F2) tentando mantê-la *fora*.

4.5.4.2 HOLD ON

Em *hold on*, vamos encontrar um conjunto de forças dentro do RECIPIENTE onde uma força interna busca manter um objeto dentro enquanto, outra força contrária tenta sair (CONTRA-FORÇA). Observe na figura a frente, as imagens geradas no esquema:

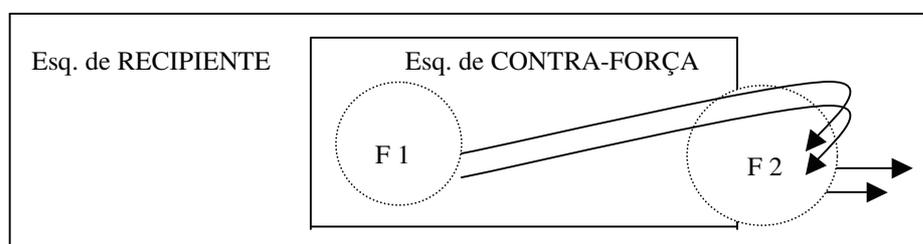


Figura 11: Esquemas de imagens de RECIPIENTE e CONTRA-FORÇA gerados em *hold on* (20a). Força 1 localiza-se dentro do contêiner (F1) lutando contra Força 2 (F2) tentando mantê-la *dentro*.

(20a) *When the horse jumped over the fence, I **held on** as hard as I could.* (cod.#1)
 (Quando o cavalo pulou sobre a cerca, eu *segurei-o* [*agarrei-me a ele*] tanto quanto pude.)

(20b) *We were **holding on** to each other as the tornado passed.* (cod.#1)
 (Nós nos *seguramos* [*abraçamos*] uns aos outros até o tornado passar.)

(20c) *After six years with the company, Bob Congers lost his job. Bob hadn't done anything wrong. On the contrary, he was a good worker, but his company was cutting its workforce. Workforce cutbacks were a common occurrence in the early 1990s. In response, career experts developed strategies for **holding on** to a job: (...)* (cod.#3)

(Depois de seis anos na companhia, Bob Congers perdeu seu emprego. Bob não tinha feito nada de errado. Pelo contrário, ele era um bom empregado, mas sua empresa estava cortando sua força de trabalho. O corte na força de trabalho foi uma ocorrência comum no início dos anos 90. Em resposta, especialistas (de carreira) desenvolver estratégias para *sustentar* [*segurar*] o emprego: (...))

(20d) *Can you **hold on** just a little longer? I'll be right with you.* (cod.#1)
 (Você pode *esperar* só um pouquinho mais? Eu estarei já com você.)

Os dois exemplares em (20a) e (20b) indicam um esquema de RECIPIENTE, CONTATO E CONTRA-FORÇA (cf. figura 11) dos mais prototípicos elencados aqui. Em (20a) o RECIPIENTE é o cavalo com o qual o cavaleiro está em CONTATO. Quando o cavalo salta a cerca, ele (cavaleiro) tenta prender-se sobre o animal para não cair. O cavalo age saltando como uma força enquanto o cavaleiro atua como uma CONTRA-FORÇA que o mantém seguro sobre o corpo do animal. A CONTRA-FORÇA age no RECIPIENTE tentando impulsionar o objeto (cavaleiro) para manter-se sobre o contêiner. Em (20c) o mesmo esquema se realiza, porém, de forma metafórica. A expressão *holding on to a job*

(*sustentar* [*segurar*] o emprego) representa a força 1 que o projeta para dentro do RECIPIENTE que fica evidenciado por facetas deste como: segurança, amparo e proteção que o emprego (contentor) nos traz. Finalmente, em (20d) o verbo esquematiza, bem mais metaforicamente que no exemplo anterior, a idéia de segurança. Quando se pede para esperar como em *hold on!* existe uma força atuando para lhe manter dentro do RECIPIENTE, ou seja, esperar é permanecer dentro. Uma das forças parece ser anulada, ou pelo menos, diminuída. Como já constatamos em outros esquemas, estes constroem imagens que são transformadas inconscientemente, o que, às vezes torna-se difícil rastreá-las totalmente. Tais entidades são influenciadas por expressões múltiplas na língua que remetem a outros esquemas formando efeitos que destoam dos esquemas iniciais.

Nos exemplos seguintes, nos ateremos à parte do corpus formada por *keep*:

4.5.5 KEEP

O verbo *keep* apresenta um esquema de CONTATO ou SUPERFÍCIE com idéias de continuidade, que muitas vezes oferece acepções metafóricas que saem do plano físico para o psicológico. Um exemplo desse esquema físico pode ser aplicado a nós próprios – nos mantemos num planeta que está em constante movimento. Este esquema de CONTATO pode estar ligado a outros esquemas como os de PERCURSO ou de RECIPIENTE. Na expressão usada numa propaganda: (*Keep*) *walking!* Podemos notar a extensão deste esquema metaforizado, pois *manter-se* fazendo um exercício físico e *manter-se* vivo e construindo algo. O esquema de CONTATO físico estende-se a um esquema metafórico. Ainda na expressão citada aparece um esquema de PERCURSO em *walk* que ajuda a construir o esquema total na expressão. Vejamos um no quadro abaixo a representação do esquema de *keep*:

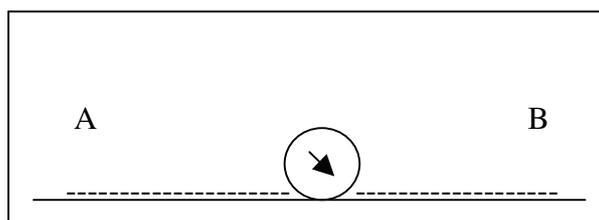


Figura 12: Esquema de imagem de CONTATO gerado em *keep* – a linha pontilhada simboliza a ação contínua enquanto a seta é o movimento encapsulado em um recipiente (círculo) em um percurso.

Inicialmente, consideraremos o verbo *keep off*:

4.5.5.1 KEEP OFF

(21a) *You should **keep** your kids **off** the streets and in school.* (cod.#1)

(Você deveria *manter* seus filhos *fora* das ruas e dentro da escola.)

(21b) *Since getting out of jail, Hank has been able **to keep off** drugs.* (cod.#1)

(Desde que saiu da prisão, Hank tem se *mantido* *fora* das drogas.)

No exemplo (21a) ocorre o esquema de RECIPIENTE gerando um sentido de expulsão. A partícula *off* é responsável por uma força que lança um movimento de dentro para fora. Ainda no mesmo exemplo, a expressão *streets* (ruas) e *school* (escola) são *contentores* que se relacionam com as crianças, ou seja, *off the streets* (fora das ruas), e *in school* (dentro da escola). As preposições que acompanham o verbo *keep*, neste caso, vêm a ser o elemento que expulsa ou que agrega as entidades (i.e. os filhos) em relação aos recipientes (i.e. as ruas e a escola, respectivamente). No exemplo (21b), o contêiner é

metaforizado indicando aqui também o esquema de CONTATO do verbo formador. É interessante que ocorre uma mudança de recipiente físico: as drogas metaforicamente são o recipiente, e Hank mostra-se na posição fora, expulso. Embora saibamos que literalmente, Hank (seu corpo) seria o contêiner para as drogas que por ventura viessem a ser injetadas ou usadas por ele. Esse efeito de oposição (RECIPIENTE X CONTEÚDO X RECIPIENTE) pode ser constantemente construído nas expressões lingüísticas dependendo da idéia que cada esquema queira criar para expressar um pensamento. Neste caso, sua ordem física foi suplantada por uma condição psicológica de vício, prisão, que a droga traz e que é um traço representativo no esquema estabelecido. Também atividades, assim como eventos são conceituadas como recipientes. Nesse caso, manter-se sem tomar drogas é manter-se sem praticar (se envolver) na atividade, portanto, manter-se fora do RECIPIENTE.

Apresentaremos agora exemplos dos verbos *keep on*:

4.5.5.2 KEEP ON

(22a) *I told her to be quiet, but she just **kept right on** talking.* (cod.#1)

(Pedi-lhe para ficar quieta, mas ela sempre se *mantinha* falando.)

(22b) *The company decided against laying all the workers off and will instead **keep a few on** to maintain equipment until business improves.* (cod.#1)

(A companhia decidiu não *demitir* [colocar fora] todos os funcionários e irá, ao invés disto, *manter* [deixar dentro] alguns para a manutenção de equipamentos até os negócios melhorarem.)

Nota-se que o esquema de CONTATO herdado do verbo base está fortemente presente em (22a). Porém, há sentidos de continuidade e manutenção da ação descrita. Já em (22b), podemos notar que o esquema de RECIPIENTE é construído e há uma força para dentro do contentor. Nestes casos, comparando os dois verbos, *keep off* e *keep on*, compreende-se que eles podem gerar certo antagonismo. Nesses esquemas há uma força que se posiciona para manter-se dentro ou fora do CONTENTOR. Essa posição contrária é mapeada fortemente na expressão lingüística ON e OFF.

4.5.6 PUT

O verbo *put* é um verbo que esquematiza idéias de RECIPIENTE (como CONTENÇÃO, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO) e esquemas de ESPAÇO (como ENCIMA-EM BAIXO, FRENTE-ATRÁS, ESQUERDA-DIREITA, PRÓXIMO-LONGE CONTATO) aliados a idéias de PERCURSO.

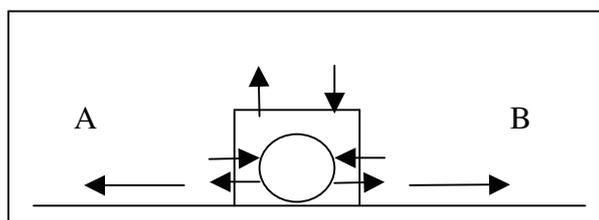


Figura 13: Esquema de imagem de RECIPIENTE, de ESPAÇO e PERCURSO gerados em *put*.

4.5.6.1 PUT OFF

Em *put off* existem esquemas de forças em (combate) direções opostas: CONTRA-FORÇAS dentro de um determinado RECIPIENTE. Vejamos alguns exemplos do nosso corpus:

(23a) *The students begged the teacher to **put** the test **off** until the next week.* (cod.#1)
 (Os estudantes imploraram o professor para *adiar* [*deixar de fazer*] a prova até a próxima semana.)

(23b) *Todd went out to dinner with Nancy last night, and the way she treated the waiter really **put him off**.* (cod.#1)

(Todd saiu para jantar com Nancy a noite passada, e o modo como ela tratou o garçom, realmente o *chateou* [*ofendendo-o*] [*destratar*].)

Observe em (23a) o esquema de CONTRA-FORÇA evidenciado na ocorrência: o professor quer fazer a prova (Força 1), mas os alunos pedem insistentemente para ele não fazer (Força 2). Neste embate há um misto de espaço físico (sala de aula, escola) com extensão para a metaforicidade (conhecimento, aprendizagem) onde ocorre tal debate. Já em (23b) Nancy destrata o garçom, mas Todd fica afetado e se chateia. A relação está bem é estar dentro do RECIPIENTE. Ao contrário, a relação está mal (chateado) é estar fora do CONTENTOR. Embora não seja uma relação estritamente física, mas de caráter psicológica, pois sentir-se bem é sentir-se integrado.

4.5.6.2 PUT ON

Nos exemplos elencados em *put on* encontramos esquemas como RECIPIENTE, SUPERFÍCIE e CONTATO.

(24a) *Erik forgot to **put** suntan lotion **on**, and now he's as red as a lobster.* (cod.#1)
 (Erik esqueceu de *pôr* protetor solar e agora ele está tão vermelho quanto uma lagosta.)

(24b) *Jerry **put** too much fertilizer **on** his lawn, and now he has to cut it twice a week.*
(cod.#1)

(Jerry pôs fertilizante demais em seu gramado e agora ele tem que cortá-lo duas vezes por semana.)

(24c) *The Wilsons **put** a new roof **on** their house last year.* (cod.#1)

(Os Wilsons *colocaram* um novo telhado na casa deles no ano passado.)

(24d) *The club **put on** a show to raise money for the party.* (cod.#1)

(O clube *colocou* um show para levantar dinheiro para a festa.)

(24e) *Did you see Mike? He's **put on** so much weight that I didn't recognize him.* (cod.#1)

(Você viu o Mike? Ele *ganhou* tanto peso que eu quase não o reconheçi.)

Em (24a), (24b) e (24c), *put on* apresenta esquemas mais prototípicos. O esquema de CONTENÇÃO e SUPERFÍCIE em que um sujeito coloca um objeto sobre um outro: em (24a) Erik é o recipiente que deveria receber o protetor (objeto) sobre a pele; em (24b) Jerry colocou sobre o gramado (recipiente) muito fertilizante (objeto); e em (24c) a família dos Wilsons pôs um telhado novo (objeto) sobre a casa (recipiente). Nos exemplos seguintes, há esquemas mais metafóricos: em (24d), o clube, algo inanimado, é representado pelas pessoas (o grupo) que o compõem. Essas pessoas colocaram um show no local (recipiente), onde funciona o clube. O verbo se metaforiza gerando *mappings* de esquemas físicos anteriores para um nível bem mais metafórico.

O esquema de SUPERFÍCIE está claro quando se diz que coloca um objeto físico como *um livro sobre a mesa*; porém, nem sempre apresenta clareza quando se coloca *um show em um palco*. O esquema físico se transforma em um esquema metafórico e muitas

vezes, perdemos a noção deste esquema. Outra idéia metaforizada é apresentada em (24e): a imagem de CONTENÇÃO e RECIPIENTE representada pela pessoa que ingere comida e isso resulta na colocação de mais peso no recipiente (corpo), isto é, a idéia de ganhar peso. Como já mencionamos anteriormente, este sentido de RECIPIENTE é gerado quando comemos, bebemos, ingerimos algo. O ser humano, e não apenas ele, mas todos os animais, por termos a necessidade de se alimentar (comer e beber) somos RECIPIENTES naturais.

4.5.7 SWITCH

O verbo *switch* gera idéias de MUDANÇA que representam diferenças de um plano A para um plano B. Há sempre um esquema de LIGAÇÃO entre os dois planos que pode gerar também a construção de um PERCURSO entre o plano A e B.

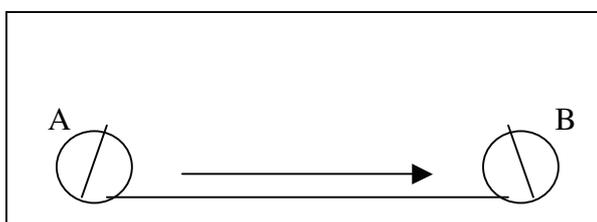


Figura 14: Esquema de imagem de LIGAÇÃO e PERCURSO gerado em *switch*.

4.5.7.1 SWITCH OFF

O esquema mais fortemente evidenciado em *switch off* vem de sua base verbal, ou seja, de seu verbo formador. É o esquema de LIGAÇÃO/DESLIGAÇÃO que neste caso, especificamente, é gerado pela partícula *off*. Esta idéia é gerada em muitas expressões com

objetos movidos a uma força, como a força elétrica ou mecânica (física) que pode ser ativada ou desativada.

(25a) *Try to remember **to switch off** the lights when you leave the room.* (cod.#1)

(Tente lembrar de *desligar* as luzes quando você sair do quarto.)

(25b) *I **switched** the engine **off** and went out of the car.* (cod.#1)

(Eu *desliguei* o motor e sai do carro.)

Em ambos os casos, (25a) e (25b), o esquema de LIGAÇÃO física é notado com o sentido de interromper, cessar, parar, desligar, ou seja, DESLIGAÇÃO de força. O esquema físico de desativação da força elétrica, no exemplo (25a), e desativação de força eletromecânica no carro em (25b).

4.5.7.2 SWITCH ON

O verbo *switch on* tem uma representação esquemática de PERCURSO e LIGAÇÃO intensificada pela partícula *on* do verbo frasal. Ela, a partícula *on*, é responsável pela ativação de força; isto gera um sentido antagônico ao esquema descrito anteriormente, *switch off*.

(26a) *Push this button **to switch** the computer **on**.* (cod.#1)

(Empurre este botão para *ligar* o computador.)

(26b) *The sign should have been **switched on** by the manager in the morning.* (cod.#1)
 (O sinal deve ter sido *ligado* pelo gerente de manhã.)

Observando as ocorrências (26a) e (26b), podemos notar esquemas de LIGAÇÃO física com o sentido de ativação de força; seja no botão para ligar o computador, seja no sinal ativado pelo gerente.

Há um grau de antagonismo entre o par *switch off / on* referente a seus esquemas de oposição gerados no par entre as partículas *off* – desligamento (separação) – e *on* – ligamento. Elas são responsáveis pela diferença de mapeamento *escaneando* a oposição de sentido em ativar (*on*) / não ativar (*off*).

4.5.8 TURN

O verbo *turn* em sua essência esquematiza uma idéia de movimento, de direção, de posicionamento e de ligação. Estes esquemas nascem no plano físico, mas tenderam a ser adotados no plano metafórico. Aparecem esquemas de LIGAÇÃO (SEPARAÇÃO) e PERCURSO como os que aparecem nos exemplos seguintes esboçados no quadro a seguir:

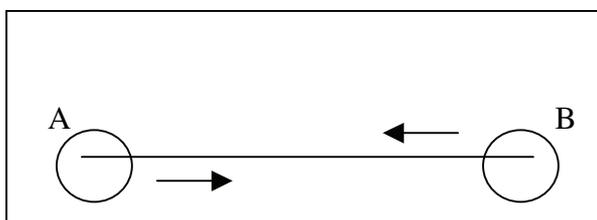


Figura 15: Esquema de imagem de LIGAÇÃO-SEPARAÇÃO gerado em *turn*.

4.5.8.1 TURN OFF

Nos esquemas de imagens a seguir, *turn* (verbo base) traz o sentido de LIGAÇÃO, enquanto a partícula *off* vem com o sentido de interrupção (SEPARAÇÃO e BLOQUEIO). Notamos também idéias de PERCURSO e RECIPIENTE que podem se apresentar em um esquema mesclado. É o que Lakoff (1987) chama de transformações de esquemas imagéticos (*image-schema transformations*) em que idéias aparentes se misturam, se metaforizam e se reconstroem esquematicamente.

Podemos observar que (27a) é o exemplo mais prototípico e que ocorre também, como já estudamos, em *switch off*. Portanto, os esquemas gerados em *switch off* e em *turn off* (27a) são idênticos, mapeando assim, verbos frasais literalmente construídos pela mesma partícula.

(27a) *Would you **turn the light off**? I want to go to bed.* (cod.#1)

(Você poderia *desligar* a luz? Eu quero ir para a cama.)

(27b) *Be careful you **don't turn off** the main road – you'll get lost.* (cod.#1)

(Tenha cuidado para não *sair fora* da estrada principal – você poderá se perder.)

(27c) *When I met Dan I thought he was a nice guy, but his racist comments **turned me off**.* (cod.#1)

(Quando eu conheci Dan eu pensava que ele fosse um bom rapaz, mas seus comentários racistas me *afastaram* [*me fizeram mudar de idéia sobre ele, me desligaram dele*].)

Em (27b), existe um esquema de PERCURSO a ser fielmente seguido, sem nunca se desviar, evidenciando o esquema de RECIPIENTE (DENTRO-FORA). A estrada

(PERCURSO) é metaforizada, e pode valer como CONTENÇÃO exprimindo sentidos de inclusão e exclusão. O carro é o objeto que está *dentro* da estrada (RECIPIENTE) e ao mesmo tempo *na* estrada (PERCURSO). O elemento *off* adverte para a não saída do carro de dentro do CONTÊINER, para que ele não se mantenha *fora* da estrada (RECIPIENTE).

Já em (27c) há um esquema de LIGAÇÃO entre dois planos (A e B) que pode mapear a construção de um PERCURSO entre os pontos A e B. Um esquema de MUDANÇA: ponto A – pensar que Dan era um bom rapaz, - ponto B – constatar que ele não era um bom rapaz; Razão: por ele ser racista. O esquema de LIGAÇÃO (desligamento) entre os dois pontos em um PERCURSO temporal, e evidentemente, espacial compreendido entre os planos aludiram à idéia esquemática de MUDANÇA.

4.5.8.2 TURN ON

O verbo *turn on* apresenta um esquema de imagens antagônico à *turn off* (28a). O mesmo exemplo reativa um esquema de LIGAÇÃO/DESLIGAÇÃO intensificada pela partícula *on* e *off* no verbo frasal *switch on* e *switch off* tornando esses verbos sinônimos. O esquema de PERCURSO também está presente no verbo em (28a), pois a força elétrica parte de um ponto A para B, e é este percurso que ocasiona a geração da luz na expressão *turn the light on* (*ligar a luz*). Muitas vezes observamos apenas o produto final, quer dizer, *a geração da luz*. Este esquema assim observado, é expresso como um esquema de MUDANÇA de estado do escuro (ausência de luz) para o claro (presença de luz), embora haja o esquema de ligação em sua base anterior, como já foi visto. Esquemas como estes são assim construídos por experiências físicas de dia e noite constantemente vividas no nosso cotidiano.

(28a) *Can you **turn the light on** please? It's dark in here.* (cod.#1)

(Pode *ligar* a luz, por favor? Está escuro aqui.)

(28b) *When I saw this house from the outside, I didn't think I would buy it, but the beautiful woodwork inside really **turned me on**.* (cod.#1)

(Quando eu vi essa casa do lado de fora, eu não achei que a compraria, mas as bonitas peças de madeira do seu interior, realmente me *excitaram* [fizeram mudar de idéia].)

(28c) *Wild animals don't make good pets. They can be friendly one minute and **turn on** you the next.* (cod.#1)

(Animais selvagens não são bons animais de estimação. Podem ser amigáveis em um minuto e *avançar* [mudar de estado] em você no seguinte.)

(28d) *This was a good book. Thanks for **turning me on** it.* (cod.#1)

(Era um bom livro. Obrigado por me *recomendá-lo* [despertar para este fato].)

Em (28b) e (28c) o esquema de estado de MUDANÇA ocorre metaforizado. Em (28b), o PERCURSO vai do ponto A – não gostar da casa (causa: por tê-la visto por fora) a ponto B – gostar da casa (causa da MUDANÇA, neste caso, mudança de opinião: peças de madeiras existentes na casa). Sugerimos na extensão do esquema de PERCURSO, o esquema de MUDANÇA dada a mesclagem e metaforização da idéia de trajeto embutida nos estados apresentados. É importante notar que existe um esquema de FORÇA (causa) que percorre o trajeto quando ligamos um estado a outro. Em (28a) a força, corrente elétrica, é física e é acionada por um gatilho que pode ser o interruptor. No caso do esquema de imagem, o gatilho (interruptor) é a partícula *on* (ligar - gerar luz) e *off* (desligar – cessar luz). Esses esquemas, como já mostramos anteriormente, motivam o estado físico claro e escuro, respectivamente. São esquemas físicos involuntários que passamos todos os dias com o que chamamos de *amanhecer* e *anoitecer*. Em (28c) estudamos um caso que apresenta as mesmas características: *animais selvagens podem mudar de estado*, neste caso, comportamento. O esquema parte de um ponto A: animais amigáveis, dóceis; para um ponto B: animais bravos e ferozes. Considerando o antagonismo

entre os dois pontos, verificamos o esquema de MUDANÇA e PERCURSO, metaforizado, como já aludimos.

4.6 Considerações sobre os esquemas de imagens nos exemplos apresentados

Depois de estudadas as ocorrências dos verbos selecionados por pares compostos em *on* e *off*, como era nosso propósito, e analisados os esquemas nesses verbos frasais levando em consideração seus verbos formadores, traçamos um quadro esquemático de suas imagens aludidas em cada verbo frasal, realizando, assim, o propósito maior desse estudo.

Como já constatamos, por vezes em nossa análise, os esquemas não aparecem separados e de forma simples. Portanto, as peculiaridades presentes em cada verbo frasal devem ser mantidas, não ganhando grande relevância no quadro expositivo, e sim, como foi visto antes, na análise dos dados.

Mostraremos a seguir, cada forma do verbo frasal com seus respectivos esquemas imagéticos estudados nas ocorrências de nosso *corpus* nesta dissertação.

Come off	RECIPIENTE (REMOÇÃO), PARTE-TODO (FRAÇÃO), PERCURSO(DESTINO-ORIGEM), SEPARAÇÃO
Come on	PERCURSO (DESTINO-ORIGEM), RECIPIENTE (APROXIMAÇÃO)
Get off	RECIPIENTE (FORA), PERCURSO, SUPERFÍCIE, LIGAÇÃO (SEPARAÇÃO)
Get on	RECIPIENTE (DENTRO), PERCURSO, SUPERFÍCIE, CONTATO

Go off	PERCURSO (ORIGEM-DESTINO), BLOQUEIO
---------------	--

Go on	PERCURSO (ORIGEM-DESTINO), LIGAÇÃO
--------------	---------------------------------------

Hold off	RECIPIENTE, CONTRA-FORÇA (POSIÇÃO PARA FORA)
-----------------	---

Hold on	RECIPIENTE, CONTRA-FORÇA (POSIÇÃO PARA DENTRO)
----------------	---

Keep off	RECIPIENTE (POSIÇÃO FORA), CONTEÚDO, CONTATO
-----------------	---

Keep on	RECIPIENTE (POSIÇÃO DENTRO), CONTATO
----------------	---

Put off	RECIPIENTE, CONTRA-FORÇA
----------------	-----------------------------

Put on	RECIPIENTE, SUPERFÍCIE, CONTATO
---------------	------------------------------------

Switch off	PERCURSO, LIGAÇÃO (desativação)
-------------------	------------------------------------

Switch on	PERCURSO, LIGAÇÃO (ativação)
Turn off	RECIPIENTE (FORA), PERCURSO, LIGAÇÃO(desativação), BLOQUEIO (SEPARAÇÃO), MUDANÇA
Turn on	PERCURSO (DENTRO), LIGAÇÃO (ativação), FORÇA, MUDANÇA

Tabela VII: Esquemas imagéticos encontrados em verbos frasais formados pelas partículas *on* e *off*

Algumas observações podem ficar salientes quanto aos esquemas de imagens mais comumente encontrados neste trabalho. As imagens esquemáticas de PERCURSO, MOVIMENTO, RECIPIENTE e LIGAÇÃO apareceram com tamanha frequência nos verbos frasais estudados, que podemos considerá-las mapeamentos prototípicos nessas expressões lingüísticas. Suas ativações são pertinentes, pois estes três esquemas físicos são basilarmente conhecidos e utilizados no dia-a-dia. Esta larga atividade física pode também influenciar o uso esquemático na linguagem (literal e metafórico) como o observado neste estudo.

Outro ponto que deve ser relevante, a nosso ver, é o caso dos esquemas aparecerem geralmente misturados a outros. No processamento de pensamento e linguagem, a combinação de esquemas é uma atividade gerada com base em nossas experiências físicas (*Embodied Mind*). É preciso lembrar que, fisicamente, ocorrem também “mesclas” entre atividades físicas, ou seja, em parte alude a esquemas físicos e em parte a psicológicos.

Um exemplo plausível pode ser notado quando fazemos uma atividade corriqueira: se formos de nossa casa para o trabalho. Andamos (EQUILÍBRIO) até o ponto de ônibus. Tomamos o ônibus, estamos entrando em um RECIPIENTE, aplicamos FORÇAS para entrar e ficamos sentado (CONTATO, SUPERFÍCIE), e o veículo também imprime

CONTRA-FORÇA para se manter em aceleração (MOVIMENTO). Nós fazemos um PERCURSO que nos liga (LIGAÇÃO) de casa ao trabalho. Subimos e descemos (EM CIMA / EMBAIXO) do transporte e nos dirigimos para a direita e/ou a esquerda (POSIÇÃO) para entrarmos no prédio onde trabalhamos. Esse pequeno exemplo relata a gama de esquemas físicos combinados que são construídos e reconstruídos inconscientemente. Esses mesmos esquemas evoluem para o pensamento, ativando imagens que, no dizer de Lakoff (1987), não existem como entidades individuais e isoladas, mas ligam-se entre si através de transformações de esquemas imagéticos (*image-schema transformations*).

Outra questão que podemos tocar aqui se refere ao grau de antagonismo entre ON e OFF. Como já foi citada na análise, a grande maioria dos esquemas formados nos verbos frasais estudados apresentam oposição. Muitas vezes esta oposição é clara, e se realiza na idéia de entrar / sair (RECIPIENTE), ligar / desligar (PERCURSO e LIGAÇÃO), em cima / embaixo (SUPERFICIE e CONTATO) ao mapear literal e metaforicamente o construto de imagens esquemáticas. Outras vezes, esses e outros esquemas estão incrustados no inconsciente, e ainda há a possibilidade de interferência de elementos da língua nestes esquemas, o que não torna possível absorver de todo esta oposição.

O ensaio de um gráfico representativo da metaforicidade em verbos frasais leva a cabo uma idéia presente na Linguística Cognitiva, de se aproximar conceitos semânticos construídos em radialidade com a Gramática Cognitiva. O modelo esboçado aqui está muito longe de representar uma fiel descrição. Ele serve, em nosso trabalho, como uma alegoria importante para acenar em um tema ainda pouco ordenado na lingüística, que é a polissemia. Em suma, atingimos no gráfico levemente a polissemia que fica saliente nos verbos frasais e na maioria dos conceitos lingüísticos – literalidade e metaforicidade. Fica a sugestão para que trabalhos futuros enveredem por esta proposta e investiguem ainda mais aprofundadamente.

Nosso trabalho (com diversas formas verbais) não nos possibilitou uma aproximação individual com cada verbo especificadamente. Um dos nossos objetivos foi verificar se estas partículas (ON/OFF) formavam esquemas antagônicos (com características de oposição) como em alguns casos tornou-se evidente. Por essa razão, não

nos detivemos em analisar profundamente seus verbos formadores (embora acreditemos que tenhamos dado alguma contribuição, nesse respeito), mesmo sendo importante esta abordagem. Sugerimos que este trabalho possa ser abarcado por outras pesquisas que, tendo como prisma a Linguística Cognitiva, deva apreciar o material aqui apresentado, como uma base para “viagens” futuras; afinal, ESTUDAR É UMA VIAGEM.

CONCLUSÃO

O trabalho ora apresentado originou-se do objetivo de investigar os esquemas de imagens possíveis em verbos frasais na língua inglesa. Focalizamos neste trabalho, apenas verbos frasais formados em ON/OFF, uma vez que tais partículas, em geral, revelam uma oposição semântica e, portanto, caracterizam-se por formar pares de verbos com valores distintos.

Para tanto, fundamentamo-nos no pressuposto de que o uso de esquemas imagéticos é uma característica inerente ao pensamento humano que se dá de modo inconsciente, envolvendo interpretações intersubjetivas a respeito das coisas do mundo, as experiências do falante e a interação deste com o mundo na construção e nomeação dos sentidos.

Nesse processo de construção constante através do pensamento, na formação e manutenção de conceitos da linguagem, as formas e os significados das coisas nomeadas são bastante flexíveis. Tais conceitos são eminentemente polissêmicos e podem, no intercâmbio da linguagem, gerar compreensão inadequada, ou seja, um falante gerar um sentido em um enunciado e o ouvinte compreender outro sentido desta mesma fala. Isto se dá mais evidentemente no caso de aprendizes de língua estrangeira.

Um exemplo disto, são os verbos frasais, que por serem polissêmicos, dificultam a aprendizagem de seus sentidos tornando a absorção de vocabulário muito mais difícil na compreensão da língua inglesa. Contudo, sabemos da importância desses verbos na atividade natural da língua, e por isso, neste estudo, nossa pretensão foi a de ligar os sentidos destes elementos verbais aos seus esquemas imagéticos que licenciam seus vários sentidos. Para tanto, estudamos ativações presentes antes da própria enunciação para especular noções diversas sobre como o indivíduo gera pensamentos, e assim, configura sua linguagem.

Em nosso trabalho, frisamos que nossa análise foi realizada com vistas à obtenção de resultados qualitativos, embora haja um bom indício quantitativo em nossa amostra. Na análise, procuramos estudar os aspectos referentes ao sentido em detrimento da forma, com base na Lingüística Cognitiva e estudos afins. Anunciamos um quadro analítico dos

esquemas encontrados nos verbos analisados com o intuito de encontrar padrões cognitivos em meio às ocorrências lingüísticas.

Nossa discordância com autores da lingüística tradicional no que diz respeito à abordagem estruturalista dos verbos frasais (Ullmann, 1964; Guiraud, 1975; Palmer, 1976; Lyons, 1977; Lapa, 1987), é enfatizada. Nosso principal desacordo, no que tange a essa abordagem, é que seus sentidos metafóricos têm sido deixados de lado. O que de praxe ocorre é um estudo voltado para a forma, ou seja, para a classe gramatical e, quando muito, para seu uso na estrutura frasal. O processo cognitivo tão importante para a construção lingüística, nesta abordagem, fica negligenciado.

Neste ponto, concordamos com autores como Langacker (1987, 1991, 1999), que apresenta os elementos gramaticais em sua representação semântico-estrutural identificando elementos como o substantivo, o verbo e a preposição, por exemplo, através de suas molduras cognitivas conceituais, deixando de lado elementos puramente estruturais. Também acordamos com Kövecses (2002), que afirma ser a Lingüística Cognitiva uma importante solução para problemas como a compreensão de palavras polissêmicas no processo de ensino/aprendizagem. Sua visão é que a polissemia envolve palavras com vários sentidos relacionados, e isto acontece por meio de metáforas e metonímias (esquemas imagéticos) atuantes no sistema conceitual humano.

Concordamos também com Dirven (2001) quando defende que a partícula nos verbos frasais é uma subcategoria. A combinação entre os dois elementos (verbo + partícula) formando um todo, o verbo frasal, é que dá o significado, que é muito mais que a simples junção das suas partes. Para nós, o significado é gerado em um núcleo radial e polissêmico; quanto mais metafórico for o sentido a ser construído, maior a distância do núcleo da radialidade, e este distanciamento do centro conjuntura fronteiras que se ligam através de metáforas e esquemas imagéticos a outros sentidos afins (Croft & Cruise, 2000).

Nossa proposta de trabalho foi analisar, e em seguida, estruturar um quadro expositivo de esquemas de imagens retirados do corpus total de 368 ocorrências de verbos frasais formados em ON/OFF. Em nossa análise, observamos uma amostra de 68 exemplos desses verbos agrupados em pares, apoiados nos estudos sobre esquemas imagéticos expostos em Lakoff & Johnson (1987, 1999), Johnson (1987) e Croft & Cruse (2000).

Podemos verificar o grau de antagonismo entre ON e OFF. Em nossa análise fica constatado que a maioria dos esquemas formados nos verbos frasais estudados apresenta oposição. Muitas vezes esta oposição é clara, e se realiza simplesmente em idéias como a de entrar / sair (RECIPIENTE), ligar / desligar (PERCURSO e LIGAÇÃO), em cima / embaixo (SUPERFICIE e CONTATO) ao mapear literal e metaforicamente o construto de imagens esquemáticas. Por vezes, esses e outros esquemas imagéticos estão incrustados no inconsciente o que não torna possível absorver de todo esta oposição.

No caso dos esquemas aparecerem geralmente misturados a outros, é esclarecido que, no processamento do pensamento e da linguagem, há naturalmente combinação de esquemas. Esta é uma atividade gerada com base em nossas experiências físicas. Fisicamente ocorrem misturas entre atividades físicas que se transmutam para a realidade imagético-conceitual, ou seja, esses esquemas evoluem para o pensamento, ativando outras imagens (Lakoff, 1987).

Neste quadro, apontamos, ainda, uma grande freqüência de imagens esquemáticas de PERCURSO, MOVIMENTO, RECIPIENTE e LIGAÇÃO nas ocorrências dos verbos frasais estudados. Essa constância deve-se ao fato de seus mapeamentos e ativações presentes em esquemas físicos utilizados no dia-a-dia, se transmutarem para a realidade conceitual imagética.

Deixamos, aqui, a hipótese de que certos esquemas de imagens podem prevalecer em determinadas expressões lingüísticas que mantenham aproximação com efeitos físicos específicos. Verificamos, em alguns casos, a gama de elementos que comprovam tal idéia retirada de ações corriqueiras do dia-a-dia. Supomos que alguns tipos de esquemas podem ter maior ocorrência em certas expressões (o que pode variar quando se tratar de código lingüístico diferente) enquanto outros podem ocorrer menos freqüentemente. Um estudo mais particular sobre cada um dos esquemas de imagens revelaria muito do que foi dito aqui, além de desvendar maiores características sobre estes tipos de elementos conceituais.

Após todas estas considerações, esperamos ter alcançado algum grau de elucidação sobre nossa proposta dos esquemas de imagens gerados em verbos frasais formados pelas partículas ON / OFF, pois temos a certeza de que toda a complexidade existente em torno

deste assunto só nos permite deixar, aqui, um ponto de partida para um aprofundamento posterior no assunto fundado sobre a ótica da Lingüística Cognitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAMSEN, Adele. *Cognitive and linguistic development*. In: BECHTEL, William & GRAHAM, George. **A companion to cognitive science**, London: Blackwell Publishers, 2003.

AMOS, Eduardo & PRESCHER, Elisabeth. **Ace – Teacher’s Manual** (1, 2, 3 and 4) England: Longman, 1997.

ARISTÓTELES. **Tópicos / Dos argumentos sofísticos** (seleção de José Américo M. Pessanha e tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim) 4ª edição, Volume II, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**. São Paulo: Ed. da PUC-SP, 1992.

BURMAN, L. & MEDEIROS, H. *Um esboço dos problemas metodológicos na coleta e interpretação de dados para estudos de aquisição da linguagem* In: **Cadernos da PUC**, nº 9 março, São Paulo, Ed. da PUC, 1981.

CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. **Dictionary of metaphoric idioms English – Portuguese**. São Paulo: EPU, 1990.

CERVO, Amado Luis & BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: MacGraw-Hill Editora, 1983.

COWIE, A. P. & MACKIN, R. **Oxford dictionary of phrasal verbs**. Oxford & New York: Oxford University Press, 1998.

CROFT, William & CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CUENCA, Maria Josep & HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

DIRVEN, René. *English phrasal verbs: theory and didactic application*. In: PÜTZ, M. NIEMEIER, S. & DIRVEN, René. **Applied cognitive linguistics II: language pedagogy**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2001.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**. Cambridge: MIT Press, 1985.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, Charles. J & KAY, P. **Construction grammar coursebook**. Berkeley: University of California, 1993.

GIBBS JR., Raymond W. **A new look at literal meaning in understanding what is said and implicated**. Santa Cruz, CA, USA: Journal of Pragmatics no. 34, 2002.

_____. Understanding and literal meaning. Santa Cruz: **Cognitive Science** No. 13, 1989.

_____. **Literal meaning**. University of Califórnia, Santa Cruz: **Cognitive Science**, 1989.

GIBBS JR., Raymond W. & COLSTON, Herbert L. **The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations**, Cognitive Linguistics VI-4, 1995.

GIBBS JR., Raymond W. & STEEN, Gerard J. **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª Ed., São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. 2ª. ed., São Paulo: DIFEL, 1975.

HART, Carl W. **The ultimate phrasal verb book**. New York: Barron's, 1999.

HODGSON, Elaine C. Chaves **What's up? Metáforas conceptuais e o ensino de verbos com UP**. Dissertação de Mestrado, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2004.

ILARI, Rodolfo, GERALDI, Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre, Artmed Editora S.A. 2002.

JOHNSON, Mark L. **Philosophical Perspectives on metaphor**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981.

_____. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. We are live creatures: embodiment, American pragmatism, and the cognitive organism. In: **Body, language and mind**, vol. 1. Zlatev, Jordan, Ziemke, Tom, Frank, Roz & Dirven, René (eds). Berlin: Mouton de Gruyter, 2005 (co-authored with Tim Rohrer).

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LAKOFF, George. **The meanings of literal**. University of California, Berkeley: Lawrence Erlbaum associates, 1986.

_____. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, [1980] (2002).

_____, _____. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**, Vol. I, Theoretical Prerequisites, Stanford, California, Stanford University Press, 1987.

_____. **Grammar and Conceptualization**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 1999.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LIMA, Paula Lenz Costa. *Metáfora e linguagem* In: FELTES, H. P. M. (org.) **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. São Paulo, Porto Alegre, Caxias do Sul: Annablume, Nova Prova, Educs, 2003.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002.

LYONS, John. **Semantics** vol. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

KATZ, Albert N. & CACCIARI, Cristina & GIBBS, Raymond W. & TURNER, Mark. **Figurative language and thought**. New York & Oxford: Oxford University Press, 1998.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor – a practical introduction**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2002.

_____. A cognitive linguistic view of learning idioms in an FLT context. In: AUSTIN. **Cultural Linguistic**. U. T. Press, 1996.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi Silva de. *Categorização semântica: uma retrospectiva de teorias e pesquisas*. **Revista do GELNE**, 2004.

_____. **A cross-cultural analysis of some fuzzy semantic categories using English-speakers and Portuguese-speaking subjects**. Tese de doutoramento (não publicada), Leeds University, United Kingdom, 1995.

_____. Similarities and differences in categorization behavior by Brazilian Portuguese and American English native speakers. **DELTA**, vol. 14, No. 2, 1998.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos** vol. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

NAVARRO, Huguette Pottier. **La polisemia léxica en español – teoría y resolución**. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

NEWBROOK, Nigel & NEWBROOK, Jacky. **Fast lane** (1, 2, 3 and 4), England: Macmillan Heinemann, 1999.

Oxford Advanced Learner's Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2000.

PALMER, Frank Robert. **A semântica**. Lisboa / São Paulo: Edições 70 & Martins Fontes, 1976.

POERSCH, José Marcelino. A leitura como fonte de saber lingüístico: processos cognitivos. In: **Letras de Hoje**, v.36, nº. 3, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

QUIRK, Randolph & GREENBAUM, Sidney & LEECH, G. & STARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. London and New York: Longman, 1994.

REDDY, M. 'The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language'. In: **Metaphor and Thought**. ORTONY, A. Cambridge: Cambridge University Press, [1979] (1993).

RICHARDS, Jack C. **New interchange – Teacher's edition** (intro, 1, 2 and 3) Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ROCHA, Francimá Campos. **Análise metafórica de provérbios em português e em inglês sob a perspectiva da lingüística cognitiva** (projeto de tese de doutorado), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003.

ROSCH, Eleanor. Human categorization. In: WARREN, N. (ed), **Studies in cross cultural psychology** (vol. 1). London: Academic press, 1977.

_____. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor & LLOYD, B. B. (eds), **Cognition and categorization**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] (1995).

SOUZA, Heberth Paulo de. Metáfora X não-metáfora: alguns aspectos sobre a fronteira entre o sentido literal e figurado na linguagem. in: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, nº 45. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, jul.- dez. / 2003.

TAGNIN, Stella Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TAYLOR, John R. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mentes e Máquinas: uma introdução à ciência cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

The American Heritage Dictionary, second college edition, Boston & New York, Houghton Mifflin Company, 1982.

THOMSON, Audrey Jean & MARTINET, Agnes V. **A practical English grammar**. Oxford & New York: Oxford University Press, 1997.

TOMASELLO, Michael. Cognitive linguistics. In: BECHTEL, William & GRAHAM, George. **A companion to cognitive science**. London: Blackwell Publishers, 2002.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gilbekian, 1964.

VARELA, Francisco José. **Conocer**. Barcelona: Gedisa, 1998.

VARELA, Francisco José. & THOMPSON, Eva & ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada – ciências cognitivas e experiência humana**. Porto alegre: Artmed, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. (Tradução: José Carlos Bruni), 5ª Edição, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ANEXOS 1

1. Inventário geral da pesquisa sobre verbos frasais encontrados no corpus

1.1 Verbos frasais formados pelos pares de partículas ON / OFF

come off / come on
get off / get on
go off / go on
hold off / hold on
keep off / keep on
put off / put on
switch off / switch on
turn off / turn on

1.2 Verbos frasais formados pela partícula ON

add on
bring on
carry on
catch on
cheat on
come on
count on
drag on
get on
go on
have on
hang on
hit on
hold on
keep on
move on
screw on
pick on
plan on
put on
step on
switch on
take on
tell on
try on
touch on
turn on

1.3 Verbos frasais formados pela partícula OFF

back off
be off
bite off
blow off
break off
brush off
call off
close off
coll off
come off
cross off
cut off
doze off
drop off
dry off
fall off
fight off
get off
go off
hold off
keep off
knock off
lay off
leave off
let off
pay off
piss off
pull off
put off
rip off
set off
shave off
show off
shut off
start off
stay off
switch off
take off
tear off
tip off
turn off
wash off
wear off
wipe off

ANEXOS 2

2. Autores e Obras pesquisadas com suas respectivas ocorrências

Autores	HART (1999)	NEWBROOK (1999)	RICHARDS(1998)	AMOS (1997)	
verbo	ocorrência	ocorrência	ocorrência	ocorrência	total
act on	-	01	-	-	01
back off	02	-	-	-	02
bite off	02	-	-	-	02
blow off	02	-	-	-	02
break off	04	-	01	-	05
breathe on	-	01	-	-	01
brush off	04	-	-	-	04
catch on	06	-	-	-	06
call off	02	-	-	-	02
carry on	08	-	01	-	09
cheat on	04	-	-	-	04
close off	02	-	-	-	02
come off*	06	01	01	-	08
come on*	14	03	-	01	18
cool off	06	-	01	-	07
count on	06	-	-	-	06
cross off	02	-	-	-	02
cut off	10	-	01	01	12
doze off	02	-	-	-	02

drop off	06	01	-	-	07
dry off	02	-	-	-	02
fall off	04	01	-	-	05
fell on	-	01	-	-	01
figure on	02	-	-	-	02
fly off	-	-	01	-	01
get off*	16	02	-	-	18
get on*	10	02	-	-	12
go off*	10	-	02	-	12
go on*	14	02	05	01	22
hang on	04	01	-	-	05
have on	04	-	-	-	04
hit on	04	-	-	-	04
hold off*	04	-	-	-	04
hold on*	06	01	01	-	08
jump on	-	-	01	-	01
keep off*	04	-	-	-	04
keep on*	04	-	-	-	04
knock off	10	-	-	-	10
land on	-	01	-	-	01
laugh off	-	01	-	-	01
lay off	06	-	-	-	06
leave off	04	-	-	-	04
let off	06	-	-	-	06

pass on	-	01	-	-	01
pay off	06	-	03	-	09
peel off	-	01	-	-	01
pick on	02	-	-	-	02
piss off	02	-	-	-	02
plan on	04	-	-	-	04
put off*	04	-	-	-	04
put on*	12	02	01	-	15
pull off	04	-	-	-	04
rip off	02	-	-	-	02
run off	-	01	-	-	01
screw on	04	-	-	-	04
show off	02	-	-	-	02
shut off	02	-	-	-	02
spend on	-	02	-	-	02
start off	04	02	-	-	06
stay off	02	-	-	-	02
step on	04	-	-	-	04
stop off	02	-	-	-	02
switch off*	02	-	-	-	02
switch on*	02	-	-	-	02
take off	16	03	03	-	22
tear off	02	-	-	-	02

try on	02	-	01	-	03
turn off*	06	02	-	-	08
turn on*	08	03	-	-	11
wash off	02	-	-	-	02
wear off	06	-	-	-	06
wipe off	02	-	-	-	02
TOTAL GERAL DE OCORRÊNCIAS					368

Tabela VIII: Total de verbos estudados com suas ocorrências nas obras pesquisadas.

OBSERVAÇÕES:

*Os itens em negrito são as ocorrências em que compomos a pesquisa dos pares de verbos formados pelas partículas ON / OFF